

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

VIDA E ARTE

—

CRIAÇÃO NA BORDA, NO BALANÇO PARADOXAL

GABRIEL DE CASTRO AUGUSTO ALVARENGA

Niterói – Rio de Janeiro

Agosto / 2012

**VIDA E ARTE – CRIAÇÃO NA BORDA, NO BALANÇO
PARADOXAL**

GABRIEL DE CASTRO AUGUSTO ALVARENGA

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ORIENTADORA: CLÁUDIA ELIZABETH ABBÊS BAETA NEVES

Niterói – Rio de Janeiro

Agosto / 2012

BANCA EXAMINADORA

Autor: Gabriel de Castro Augusto Alvarenga

Dissertação: **Vida e Arte** – criação na borda, no balanço paradoxal.

Prof. Dr. Eduardo Henrique de Passos – Programa de Pós-graduação em Psicologia UFF

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa – FACED/DEBAS/UFRGS

Prof. Dr. Jorge Vasconcellos – Programa de Pós-graduação em Artes UFF

Prof^a. Dr^a. Cláudia Elizabeth Abbês Baeta Neves – Programa de Pós-graduação em Psicologia UFF (orientadora)

A473 Alvarenga, Gabriel de Castro Augusto.

Vida e arte – Criação na borda, no balanço paradoxal / Gabriel de Castro Augusto Alvarenga. – 2012.

161 f. ; il.

Orientador: Cláudia Elizabeth Abbês Baeta Neves.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2012.

Bibliografia: f. 140-146.

1. Psicologia. 2. Subjetividade. 3. Criação. I. Neves, Cláudia Elizabeth Abbês Baeta. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD 150

AGRADECIMENTOS

À meus pais, Arlindo Gomes de Alvarenga e Luiza Maria de C. A. Alvarenga, pela aposta e apoio dentro de todo meu percurso, incentivo perene e porto seguro de graça, sempre em interesse cúmplice e acolhida carinhosa. À minha família pelo desenrolar brilhante da companhia e do afeto sempre novo.

À meu amor, voz cativa, força e presença constante nesse fervilhar de afãs e pensamentos por vezes tão solitário. *Till the moon's upside down...* Todo amor que houver nessa vida, num encontro necessário de peito aberto – sempre apontados para uma vida mais potente e feliz.

À meus amigos e companheiros: com vocês sempre abraços, pra dar chão, parceria, dança, conversa, falas e gritos arrojados, nesse caminho em companhia. Meus “irmãos postiços” – Talita Tibola, Danielle de Gois Santos e Diego Arthur Lima Pinheiro – nessa casa, nossa *Quimera* pulsante de sonhos e concretudes, traçado dessa nossa vida em comum. Minha família emprestada, os *lá de casa*. À amiga Poliana dos Santos Cordeiro, por compartilhar a paixão enérgica pela literatura e sua pungência em frívolos encontros, combustível pra seguir. Ao amigo Carlos Eduardo de Mello, companheiro pra toda hora, dos livros à rua, num sorriso acolhedor e parceria infinita. À amiga Fernanda Pinto de Tassis, nesse encontro insistente de lembrar que trabalhamos pela vida e que estamos sempre vivendo juntos, mesmo à distância.

À CAPES pela viabilização de meu trabalho de Mestrado. Aos professores e ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFF, pelo trabalho conjunto e importantes interferências. Em especial à Prof^a Márcia Moraes, pela ética primorosa de fazer do trabalho em pesquisa sempre uma construção coletiva, pelo público; encontro humano de uma amizade e acolhida incríveis.

À banca pelo cuidado e perspicácia fundamentais. Esta que topa esse labirinto psicofilosófico-artístico, dando novo impulso, nova energia para esse pensamento que cunhamos juntos.

Em especial à minha orientadora Prof^a Cláudia Abbês, audaz camarada incondicional, que comprou a briga ousada e abraçou meu percurso. Juntos seguirmos fazendo de nosso trabalho, vida; e de nossa arte o sangue que corre nas veias. Trabalhar por completo, sem medo de enfrentar as rochas do caminho e buscando afirmar a potência da vida. Sempre ao lado, tropeçando e levantando junto, numa alegria firme de irmos sempre um pouco mais além em nosso caminho.

Esse trabalho é de muitos. Agradecer é minha mão que se estende e insiste em continuar a escrever.

RESUMO

Partimos duma primeira provocação: a noção foucaultiana de *estética da existência*, com seu desafio de trazer a criação estética no traçar de modos de vida, trazendo discussões sobre ética, cuidado de si, resistência e práticas de liberdade. Somos provocados também por Deleuze quando propõe: *viver a vida como obra de arte*, buscamos pensar a radicalidade em aproximar os termos vida e arte. Na passagem perene de constante criação dos processos de subjetivação, visamos a arte como arma das mais pungentes na incitação de tal processo. Dentro de um contexto de produção biopolítica no contemporâneo, buscamos pensar como a estética da existência possui potência de interferências em processos de assujeitamento e reprodutibilidade em diversos campos como o da arte e da vida. Afirmar a dimensão estética, a criação, como ponto revolucionário. Trazemos a esse contexto discussões sobre resistência – buscando inflexionar uma resistência afirmativa pela via da criação do novo –, bem como a noção de liberdade – fomentando a noção de prática de liberdade. Propomos fazer da vida ficção, fabular por interferência. Temos a literatura como arma escolhida nesse trabalho, entrando em contato com processos de criação de possível e interferência na produção subjetiva contemporânea. Esse descarrilar produtor de um pensamento artista, no forjar de práticas de liberdade e traçado de linhas de fuga entre processos de captura. No desmonte do sujeito, incitar artistas; a subjetivação como criação de possibilidades. Resistência pela produção de novo sentido, de territórios, de nova existência, no constante balanço de criar e refazer-se, por armas literárias. A noção de vida como o movimento de criação (re-criação) constante, sempre em processo de transformação. Aí nossa aproximação potente entre arte e vida, com grande apoio na noção de acontecimento da filosofia estoica como chave de pensamento, com referência principal nos trabalhos de Deleuze. Nossa proposta tem como marca uma experimentação da escrita e da pesquisa, com a junção de diversos meios (obras de arte, vídeos, músicas, livros, dentre outros), para performatizar nossos conceitos sempre com nova experimentação. Aposta na busca de efetivar a filosofia prática por uma política de escrita diferenciada, heterogênea e sinestésica. Nossos principais intercessores literários: Clarice Lispector, Chuck Palahniuk, Raduan Nassar e Stela do Patrocínio.

Palavras chave: **produção de subjetividade, arte, vida, literatura, criação.**

ABSTRACT

We set from a first provocation: Foucault's notion of *aesthetic of existence*, with its challenge of bring the esthetic creation to the trace of ways of life, introducing discussions about ethics, self care, resistance and practices of freedom. We are provoked also by Deleuze when proposing: *living life as a work of art*, we seek to think the radicality of approaching the terms life and art. On the perennial passage of constant creation from the subjectivation processes, we aim art as a weapon of the most poignant in the incitement of these processes. In context of biopolitics production nowadays, we quest thinking how the aesthetic of existence has potency of interference in subjection and reproducibility processes in various fields like art and life. Affirm the esthetic dimension, the creation, as a revolutionary point. Bringing to the context discussions about resistance – seeking inflect an affirmative resistance by the creation of the new –, as well as the notion of freedom – promoting the notion of practice of freedom. Propose to make life a fiction, fable by interference. We have literature as weapon of choice in this work, by contacting with potential's creation processes and interference in contemporary subjectivity production. This productive desrail of an artist thinking, at the forging of practices of freedom and the tracing of lines of flight among capture processes. At the dismantling of the subject, incite artists; the subjectivation as the creation of possibilities. Resistance by the production of new senses, territories, of new existence, in constant balance of create and rehash, by literary weapons. Life notion as the constant movement of creation (recreation), ever in transformation process. Then our powerful approach between art and life, with great support on stoic philosophy notion of event as a key thought, with main reference in the work of Deleuze. Our proposal has, as a great mark, a experimentation of the writing and the research, joining various means (works of art, videos, songs, books and others), to performance our concepts always with a new experimentation. Betting on the pursuit of actualize the practical philosophy by a differentiated writing policy, heterogeneous and synaesthetic. Our main literary intercessors: Clarice Lispector, Chuck Palahniuk, Raduan Nassar and Stela do Patrocínio.

Keywords: **subjectivity production, art, life, literature, creation.**

SUMÁRIO

MENSAGEM NA GARRAFA ou O PROBLEMA QUE MOVE ESTA PESQUISA.....	2
INTRUSO: O LITORAL e AS MANEIRAS.....	13
BIOPOLÍTICA A TODO VAPOR: COMO ENCONTRAR A POSSIBILIDADE DE RESISTIR.....	17
FAZER VIVER – <i>ONDA DISSOLVENTE</i>	19
DEIXAR MORRER – <i>ROCHA ESTURRICADA</i>	24
RESISTIR, INSISTIR E PERDURAR: <i>FURANDO A ONDA E SURFANDO A ROCHA</i>	31
NO BATER DAS PERNAS, SE NADA.....	37
<i>SHORE</i> – O MAR ENGOLE E DEVOLVE, A AREIA ENVOLVE E DESFAZ.....	43
A VIDA E A OBRA DE ARTE – O PARADOXO DE CRIAR INSTABILIDADES PERENES (TERCEIRAS MARGENS DE RIOS).....	51
A FAÍSCA E OS INCORPORAIS – VIDA E ACONTECIMENTO.....	53
Vida	53
Acontecimento	57
Relâmpagos de tormenta: vida e acontecimento	61
O QUE SE SUSTENTA DE PÉ SE APRESENTA: COMO CONSERVAR EXPLOSÃO.....	67

Arte e acontecimento: bolha de vidro	68
A arte, por seu uso	76
ARTE E VIDA FAISCADAS: O FRENESI SEM DESCANSO QUE INCITA A CRIAÇÃO.....	81
DA TETRAVALENTIA ESTÉTICA	87
NÃO SEI SE DESFALEÇO ou ME REFAÇO.....	90
Amor	91
Golpe de Graça	94
Enamorar	95
NO HORIZONTE: PONTAS DE LANÇA e PEITO ABERTO.....	96
Armas	96
Abraços	99
Guerrilha	100
PÉS DE BARRO, MÃOS FIRMES, PELE QUENTE e CORAÇÃO CÁLIDO.....	101
CAMPO DE BATALHA – CARTOGRAFIA E COMBATE (cena).....	104
VIVAZES CORTES.....	107
CHUCK PALAHNIUK e a Nova Horda Mundial	109
RADUAN NASSAR e o pulso vital	115
STELA do PATROCÍNIO, muito bem patrocinada – estética da existência pelos lábios	120
RASPAS E RESTOS QUE INTERESSAM	127
MUTAÇÕES INDELÉVEIS.....	129

FRIÁVEL CONSISTÊNCIA ou O MOVIMENTO AFINAL.....	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	140
ANEXO 1.....	147
ANEXO 2.....	152



Fig. 1 – Concha de andarilho.

MENSAGEM NA GARRAFA ou O PROBLEMA QUE MOVE ESTA PESQUISA

Não trabalho com a inteligência
Nem com o pensamento
Mas também não uso a ignorância.
PATROCÍNIO, 2001, p 62.

Quero apossar-me do *é* da coisa.
LISPECTOR, 1990, p 13.

Ressoam: – Ideologia e Boas Novas, Cazuza;¹

Uma garrafa simples. Repousada, brilha e nos atrai. Pedacos de papel se enrolam e, em tubo, recheiam o recipiente. Como já a temos na mão, imaginamos, pois sim, que os escritos que preenchem os papéis sejam mensagens para nós. Lemos.

Antes de adentrarmos no texto de nosso trabalho dissertativo precisamos delimitar com um pouco mais de precisão o que seria nosso problema de pesquisa. Problema esse que está a todo tempo presente nas frases e discussões, mas muitas vezes delimitações conceituais não dão conta de toda a corrente que percorre tantas outras questões e experimentações que este texto tende realizar. Precisamos retomar um ponto mais firme, um alvo nomeável para iniciar.

¹ Músicas ressoam por todo o texto da pesquisa. São músicas que apareceram durante a escrita, leitura e todo o pensamento que empreendemos. Comparecem seja por sonoridade, partes de sua letra ou mesmo se impõem nesse caminho, nos atravessam.

Para tanto começamos pelo que nos incitou: a junção dos termos *arte* e *vida*. Há o aceite de um desafio: *Viver a vida como obra de arte*. E nessa radical proposição de nossos autores Deleuze e Foucault – em primeira instância – emerge o campo problemático para nosso trabalho. Aproximar tais conceitos, suas ligações potentes, suas interferências mútuas. A inusitada junção a aproximar (atrair) noções de arte e vida que nos parecem apontar para as dimensões vívidas, potentes, processuais e criativas dos dois termos em simultâneo.

Escolhemos a literatura para nos auxiliar nessa entrada nos conceitos arte e vida. Escolha que nos vêm por um vivenciar da literatura como obra de arte pungente e desestabilizadora. Não que queiramos qualificar toda e qualquer literatura com esse efeito, mas temos a necessidade de reafirmar que este problema de pesquisa se fez grande parte pela interferência literária, pela insistência criativa e disruptiva dos textos que suscitam outras vicissitudes não só sobre nosso caminho, como também por sobre nossos conceitos e postulações. Literatura que não pede passagem, que interfere e nos arrasta, que não se apresenta como objeto de pesquisa e que se impõe a todo momento como exercício do pensamento durante nosso trabalho. E por tal característica, que se aproxima muito de nossa vivência pessoal, é que se faz uma ligação tão forte entre esses termos: arte e vida.

A partir de tal estabelecimento do campo problemático lançamos então nosso problema de pesquisa: propomos de início, então, pensar em *como a literatura pode funcionar – ou mesmo como esta possui facetas potentes para tal – como arma radical na aproximação de vida e arte?* Este é o núcleo de nosso problema.

Problema este que se desdobra em muitas linhas de pesquisa. Desdobrou-se em quatro grandes partes como que experimentações de tal problema, caminhos de pensamento. Seguimos trazendo especificidades de cada parte relacionada ao problema colocado.

BIOPOLÍTICA A TODO VAPOR: COMO ENCONTRAR A POSSIBILIDADE DE RESISTIR – No desenvolver dessa pesquisa fez-se necessário pensar o contemporâneo, seus funcionamentos e efeitos no processo de produção de subjetividade, pois se pensamos a literatura como interferência e arma, ela combate

processos que estão a se passar em nosso contemporâneo, processos que se montam por sobre a produção não só de subjetividades, mas também dos campos da arte, bem como de dimensões da realidade. Essa parte inicial adentrando tais processos contemporâneos indicados como buscas incessantes de “desconectar” as facetas criativas tanto da arte quanto da vida – daí nosso interesse de combate.

A VIDA E A OBRA DE ARTE – O PARADOXO DE CRIAR INSTABILIDADES PERENES (TERCEIRAS MARGENS DE RIOS) – Outra linha que traçamos se fez sobre a procura do uso dos termos *arte* e *vida* propriamente ditos. Essa aproximação se fez necessária por serem termos muito utilizados em pesquisas e de formas muito diversas. Nosso intuito nessa parte da pesquisa foi buscar o que se passa nesses termos, bem como o que possuiria este poder radical de ligação indicada por nossos autores. E encontramos nosso apoio junto ao conceito de *acontecimento*, nos focado maior nos trabalhos de Deleuze & Guattari.

DA TETRAVALENTIA ESTÉTICA – E nessa aproximação dos termos e no delineio dos pontos nos quais buscamos atingir pretendemos *colocar em movimento* essa radicalidade. Para a montagem da terceira parte aproximamo-nos da literatura a partir de quatro autores de literatura nessa pesquisa: Clarice Lispector, Chuck Palahniuk, Raduan Nassar e Stela do Patrocínio. E essa aproximação se monta sobre os conceitos de Deleuze & Guattari, buscando extrair das obras literárias pontos de radical interferência e afirmação de outros possíveis que façam frente aos processos contemporâneos de produção de subjetividade. Forjamos o que chamamos inicialmente de *posicionamento estético*, utilizando aproximações de Deleuze & Guattari sobre o *agenciamento* e a noção de *máquina de guerra* como chaves para nossa proposta.

RASPAS E RESTOS QUE INTERESSAM – Parte final da dissertação que procura repensar esta *máquina de guerra*, como se faz seu movimento, seus traçados inusitados. Também uma atenção para que seu movimento de questionamento e combatividade

criativa permaneça acontecendo, em movimento atento. Parte de resgate de nossas discussões e desdobramentos possíveis da pesquisa e das questões levantadas.

Procedimento: Como método de nossa pesquisa, seguimos nossos autores quando dizem do aspecto rizomático dos termos, do exercício do pensamento e da realidade. Rizoma como rede a-centrada, onde as conexões se fazem por relação de contingência, por relações casuais e não de cunho obrigatório. Tal aspecto é a aposta de nosso procedimento de escrita, onde podemos conectar o discurso com os fragmentos múltiplos como: músicas, vídeos, fotos, trechos literários etc; conexões estas que não possuem essencialidade ou mesmo encadeamento preciso, mas que fazem relação contingencial e de expansão do pensamento. E para tal nos utilizamos da cartografia como método de aproximação e concatenação. Cartografia que se fez mais potente por nos dar a liberdade de conexão inusitada durante nossa pesquisa, bem como a não expectativa de encontramos pontos fixos, entradas ou conclusões a priori; cartografia que nos dá a possibilidade de por em teste, de levar as aproximações ao limite.

Há também uma aposta no discurso não convencional de pesquisa científica e identificamos o aparecimento de uma *imagem poética* que não se faz como metáfora dos conceitos e raciocínios, mas sim como imagem que se costura no discurso e é o exercício de pensamento de tal pesquisa. A imagem que citamos anteriormente se faz sobre o *litoral* e toda sua forma paradoxal e movente, imagem esta que se faz por todas as partes e nos auxilia no repensar dos conceitos e suas interações, que desdobra e incita o proceder da pesquisa.

Localizamos esse trabalho por sobre uma borda intensiva devido a nossas concepções de vida – que diz respeito muito mais à faceta vívida de tal conceito -, e de arte – arte como exercício de pensamento que se faz por ruptura. Intensiva por trazer à tona a dimensão processual e afetiva de nossos questionamentos, dando movimento aos conceitos que utilizamos, conceitos que tem por tentativa sempre fazer ponto fixo, criar entendimentos. A borda intensiva também por trazer a transformação como constância e a potência como motor do movimento. Delimitamos muitas vezes como borda paradoxal, pois nosso caminho sobre os conceitos se fez muitas vezes por sobre situações de grande cunho paradoxal como: a noção de conservação em arte que é ruptura e linha de fuga, o funcionamento do biopoder de investimento modulatório e de

fluxo intenso, vida como conceito que aponta muito mais para movimentos que para formas ou substâncias, a imagem litorânea que se forma de elementos inconstantes e movediços, dentre outros.

Assim nosso problema de pesquisa amplia-se um pouco mais, ganhando outros contornos, mas sem perder seu primeiro delineio: *Ser o intruso do litoral, habitar borda intensiva; empreender uma construção/experimentação estética na arte de habitar o que insiste e persiste no vívido da vida e na arte potente.*

Mas não é só isso...

O que te escrevo não vem manso, subindo aos poucos até um auge para depois ir morrendo de manso.

Não: o que te escrevo é de fogo como olhos em brasa.

LISPECTOR, 1990, p36.

Do rolo de papel do recipiente de vidro consta uma folha completa, mas dela se desdobram diversos fragmentos, escritos com letra mais fina e corrida, mas de tinta mais forte. Dobraduras infundáveis, que correm e distorcem a folha inicial e retangular em todas as direções. Seguimos.

Encontra-se nas páginas a seguir deste pequeno compêndio introdutório um desafio. O desfiar de um trabalho de cunho científico, mas ao qual deve ter sido concedida muita frouxidão e certa autonomia e, por tal situação, requer estas ligeiras instruções de uso

que lhes apresento neste momento². Não como instruções de um aparelho o qual somente conseguiríamos colocar a funcionar após passos estritos e bem encadeados. São muito mais como sinalizações de armadilhas e de usos que poderiam acabar por apequenar ou mesmo arrefecer o caminhar de tais páginas. Segui-las não fará alguma diferença, mas fez-se necessário esta apresentação devido ao engolfamento e certa dificuldade de ação que acometem este discurso.

1) O texto e suas experimentações infinitas: indocilidade

Trata-se de um *texto labirinto*, repleto de passagens, conexões sinestésicas onde os conceitos se apresentam sem valoração hierárquica com relação às imagens, fotos, sons, tatos e demais interferências. O caminho se faz pelos dutos escuros e claros e de continuidades múltiplas, mas não há fio de Ariadne, só um convite ao Teatro Mágico³ aqui, as passagens de velocidade e porosidade como fendas entre os platôs da realidade.

O discurso que construímos perde então caráter de vida ou arte, se tornando o fio de nossa existência tecido em todas as direções. Essa é a proposta de acoplamento com nosso móvel, caleidoscópico, labirinto disforme e multifacetado. Proposta de passeio com nosso corpo em *contato*. Viagem. A experiência do passeio sem censura, onde a surpresa e o perigo, a calma e a velocidade, a imensidão e a microscopia, tudo anda junto e a nosso alcance.

E para tal discurso, esse que apresentamos, pensamos que haveriam duas primeiras vertentes de experimentação:

- Uso das obras concatenando a proposta de interferir no contemporâneo e na subjetividade produzida em tais tempos. – As armas literárias de fio firme.

² Próximos estamos do *Manual de instruções* de Julio Cortázar em *História de cronópios e famas* (2009). Manual muito mais de desmontagem para outros registros de experimentação do que procedimentos corretos e estreitos de uso.

³ Referência ao *Teatro Mágico* do livro *O lobo da estepe*, de Hermann Hesse (1993), onde o personagem é levado a um Teatro Mágico onde há diversas portas e o que se passará atrás de cada porta é definido pelo o que o personagem consegue ler no letreiro preso em cada uma. Mas o letreiro só aparece após o personagem olhar, sendo que cada um enxerga o que consegue enxergar, sem haver locais preestabelecidos. Sempre numa conexão singular, inventiva e heterogênea. Há também o aviso quando se anuncia o Teatro Mágico: *Só para Loucos!*

- A existência sendo somente discursos, e o nosso é um (pesquisando não nos apercebemos que nos constituímos em novo discurso, nova ruptura, somos diferentes) – Nossa confusão fabulatória.

Atentos à experimentação, trata-se de como nos acoplamos ao texto, mas as conexões não são escolhas tão simplesmente. Há o que não suspeitamos, e aí mora a potência de novas experimentações que não suspeitaríamos. A potência que não se engasta, o não aceite das palavras em comunicarem algo ou mesmo traçarem estabilidades.

E é dessa indocilidade que o labirinto faz sua força, como se nos cantos de cada caminho houvesse *dobradiças* com sua possibilidade de desdobramento em movimento jamais imagináveis, articulações imóveis até então, mas que rearranjam o caminho, instabilizam os corredores e conexões, dando ritmos inusitados.

2) Peças soltas e energia no jogo que criamos

Instruções do jogo: ENAMORAR-GUERRILHA

A complexidade de nosso “modelo para armar” não se faz por ser este um jogo de regras muito difíceis ou mesmo de alto grau de periculosidade para chegar no que se esperaria de um tesouro final. É complexo porque há diversos pontos de chegada, ou melhor dizendo, diversos alvos de ataque, mesmo que os caminhos pareçam não nos levar a eles em direto.

É da literatura que erguemos a máquina de guerra, o jogo bizarro dos viventes artísticos. E é dela que conseguimos nomear nosso jogo do Enamorar-guerrilha. São armas literárias de combate por meios outros que não os convencionais a tomar de assalto e a minar com lisura todos os investimentos de morte e captura de nossa vida e nossa arte. Vida e arte que tem como balanço potente a gravitação do enamoramento, amar e estar em graça para que cada próximo passo seja efetivo, e a agir numa guerrilha armada de enunciações sobre os corpos abraçados. Nonsense? Boa parte pode parecer não habitar qualquer lugar e todos ao mesmo tempo, mas pedimos então atenção às instruções de entrada:

Bricolagem – Transformar tudo em movimento forte, dar forma estética que não é estática. O caranguejo-decorador que decora sua concha com os elementos do entorno, sem muita censura, sem se aperceber do que se tratam os tentáculos cnidários da anêmona. A ave do paraíso e seu roubo de inusitados elementos para dar expressão à sua criativa corte e apreço.⁴

Aquietar as ânsias de significar e encadear – Ser generoso a essa altura é desprender-se dessa ansiedade de entender, do hábito de fechar visualizações racionais. Das palavras vêm também imagens, sons, vídeos, linguagens múltiplas que evocam, mas não concluem, e sim adicionam texturas ao caminho. Censura é evitar o contato, e a vivência é estranha sempre. Aqui é dar-se ao mutante, deixar que o caminho se faça não somente em mais possibilidades e sim saber-se que nunca saberás a próxima abertura, pois a vida é fugidia e sempre lhe fugirá.

Provocações – Pelas evocações, em prol delas, pela fala. Provocar ações. Esse estudo força-se rizomático e veloz e ele nos desafia a aguentar as interferências, permanecer dispostos a saltos e novas ações. Para por em movimento a POP-ANÁLISE de Deleuze & Guattari (1995a) propomos as provocações de nossa máquina de guerra estética, inflexionando Anarco-Amantes (a palavra *corte* pode significar tanto namoro quanto golpe!). Esse texto brota quando ando, em movimento e arranque.⁵

⁴ O uso dos exemplos dos animais aqui se apresenta como uma vivência animal da transformação requerida pelo jogo. O Caranguejo-decorador (*Cyclocoeloma tuberculata*) e a ave do paraíso (*Amblyornis inornata*, também chamado pássaro-jardineiro ou Bowerbird) constituem-se ao se fundirem ao ambiente, não em um desaparecimento de si dentro dos elementos externos, mas numa forma de contato extremo e transformação do entorno que mostra a abertura a tal *bricolagem* que indicamos, a mira (seja ela inicialmente camuflagem ou corte) que se baseia na mistura e na transformação de si e de outros elementos presentes. Vídeos relacionados aos animais citados: Caranguejo-decorador: <http://www.youtube.com/watch?v=MZZ9ZqM9Vak&feature=related>; e outro: <http://www.youtube.com/watch?v=uUdnW3u8uo8&feature=related> acessado dia 13/05/12. Ave do paraíso: http://www.youtube.com/results?search_query=Amblyornis+inornata&oq=Amblyornis+inornata&aq=f&aqi=&aqj=&gs_sm=e&gs_upl=2752512752510128373111101010101266126612-11110 e: <http://www.youtube.com/watch?v=E1zmfTr2d4c> acessado dia 13/05/12.

⁵ Movimento que se faz não somente quando caminhamos propriamente dito, mas quando nossas conexões nomadizam pra pontos outros. Trazemos também aqui a indicação de um texto elaborado junto ao curso ministrado por mim e outros dois amigos do PPGPSI que brotou de uma experiência com a turma em contato com obras de arte, nos interferindo mutuamente e recriando novas experimentações. Texto presente aqui como ANEXO 1.

Preparações para o mergulho, excitação pelo desmanche e sede de criação. Um dos efeitos de trabalhar com tais textos, com tal ética e disposição não é a de chegar a alguma conclusão, mas, por fim, transformar-se no fluxo de frases, habitar o intensivo da borda entre vida e arte, ser o movimento de criação rasteiro e impreciso, aceitar o desafio e seu último grau de saturação e nessa transformação sermos, com o auxílio de todos os “pontos cardeais” de nosso posicionamento estético, vida e arte lá onde tudo se conjuga no *movimento de criação*.

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.

Não se preocupe em “entender”. Viver ultrapassa todo entendimento.

Clarice Lispector

3) O *excesso* e o *acesso*: da falta de coerência para a criação do inusitado

Escrever num acoplar com Mil Platôs, não como referência onde deveríamos chegar, modelo ou continuidade, mas *a partir de lá*. Deleuze & Guattari nos dão todas as armas necessárias para filosofar com riso, ironia, sem fechamento, com energia e contato, mas sem erguer pedestais ou criar círculos de intelectuais. Nossa filosofia e arte são para criar guerrilheiros. Um *surrealismo filosófico*, pois a realidade é imensamente mais do que imaginamos.

Latinhas de merda são produtos de decalque se somente nos agarramos ao desterro que elas causam; não pensar no que fazer com elas, mas pensar a partir delas, fazer com o que se abre como diferença⁶. Depois de Duchamp, mictórios em salas de exposição são meramente reproduções; o desafio é continuar afiando o pensamento *a partir de Duchamp*, com ele, ao lado, após a interferência. O rizoma não conecta e ativa se apenas o aceitamos; não há aceite, e sim necessidade de performance, prática filosófica.

⁶ Evoco aqui a obra *Merda d'artista*, de Piero Manzoni, 1961, que consistia em latas nas quais ele afirmava ter depositado fezes e as expos. Tais artefatos tiveram efeito muito contestador com relação à produção artística e ao valor das obras, e atualmente valem milhões de dólares na mercado artístico de galerias e colecionadores.

E por tal propomos: *o excesso como acesso*, diversos e múltiplos, não tão claros, dar dimensões ao texto, poros e canais, deixar que do excesso brote a ruptura inusitada que não suspeitaríamos, pulverizar a linha de pensamento por um fluxo excessivo. Falamos demais, em demasia, imagens demais, sons estrondosos e silêncios plenos, fragmentos e mais fragmentos ajuntados e de materiais tão diferentes, despejamos toneladas de palavras. Ter um acesso por pressão, pressionar até que algo se rompa, das veias do cérebro ao nosso entendimento ordinário. As instruções anteriores nos salvam dum completo aplacamento por esses excessos, nos dão o caminho da despreocupação e da conexão exagerada. E por tal o excesso deve ser deixado estar, ao nosso lado, para que dele possa saltar o que não cogitamos, ele como mais e mais caminhos a serem traçados. Diferentemente de quem se afoga por ser afoito, propomos a calma que salva, que deixa o excesso envolver; acalmar é deixar entrar em contato e daí poder nadar, ou mergulhar ou ainda mais. O excesso que quebra barragens e cria acessos. *O negócio é seguir.* Imagem de um furo de orelha.

Quem me acompanha que me acompanhe: a caminhada é longa, é sofrida mas é vivida. Porque agora te falo a sério: não estou brincando com palavras. Encarno-me nas frases voluptuosas e ininteligíveis que enovelam para além das palavras. E um silêncio se evola sutil do entrechoque das frases.

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente.

LISPECTOR, 1990, p 25.

Talvez por isso a impressão de abertura, de abraçar o mundo com esse trabalho. Mas é de se lembrar que temos mira e *intensão*⁷ e esse é o nosso fio de navalha. Fio de existência inventada e de corte em prumo. Traçamos caminhos e possibilidades muito facilmente, quando se faz necessário e pela força; mas os abandonamos tão logo começam a nos pedir pregnância e explicação. Atalhos e estradas são para passar, não para montar ponto fixo. *Como quem constrói estradas e não anda...*

⁷ *Intensão*, derivada da palavra intensidade, intensivo. Utilizamos propositalmente, pois procuramos nos distanciar do significado de *intenção* que poderia remeter a alvo preciso ou mesmo a busca de uma verdade absoluta.

Ressoam ainda: – Minha Casa, Zeca Baleiro;

Instruções? Nem tanto, só um fôlego.

Os papéis parecem desdobrarem-se infinitamente. Resolvemos guardar no bolso e olhar pra frente em todas as direções. Começa.

INTRUSO: O LITORAL e AS MANEIRAS

VIVER E DEIXAR DE VIVER É QUE SÃO SOLUÇÕES IMAGINÁRIAS.
A EXISTÊNCIA ESTÁ EM OUTRA PARTE. (BRETON, 2001, *Manifesto
do Surrealismo-1924*, p 64)

Ressoam: – Anseio (fuga apressada), Madredeus;

– O vento, Los Hermanos;

Pra dar o primeiro passo é preciso criar pernas, pés, dedos. As juntas dos joelhos, coxas, tronco, braços, pescoço, cabeça, boca, ouvidos e par de olhos. Mas sobretudo criar pulso, impulsão. Não se começa caminho pelo primeiro miolo de pão de trilha demarcada. Começa-se por um primeiro passo dado em qualquer direção. Caminho é no caminhar, e criar impulso é nossa primeira tarefa.

Nosso impulso é feito em assalto. Somos catapultados para o caminho, impelidos ao passo, forçados a ter vontade, e caminhamos por avidez. Por estarmos vivos e avivados pela vontade de criar o passo, caminhamos. Tudo se coloca antes mesmo de nosso pé tocar o chão e, assim, começamos.

Então, como se faz um passo? O nosso passo? Pé, solo, água, ar e todo o inapreensível presente, que irrompem e se conectam a nós nesse “passo”. Chegam-se muitos, numa conexão inusitada. Ouvimos música, trechos de letra, melodias, ritmos diversos, sites de internet, imagens de um velho livro relido várias vezes, palavras e mais palavras, um *frame* de película. E assim queremos proceder, deixando tudo interferir: tudo o que se confabula que nos afete. Que os fragmentos se apresentem para que do passo se faça pegada. E partamos para o próximo passo com mira, mas que esse seja sempre inesperado.

E qual é nosso impulso? Caçar a vida como obra de arte. Levar ao limite a proposição revolucionária de forjar uma estética da existência, na procura de práticas duma liberdade e da ampliação da vida potente e pela arte vívida. Entramos na paisagem de nosso contemporâneo, impelidos na busca de uma vida criadora, de uma arte resistente. Jamais uma procura por espécimes para provar nossa primeira hipótese, mas sim levar às raias nossos conceitos. Caminhar com vontade, mas a esmo. Errar com intensão,

intensidade, passear com nossas pernas sem mapa preestabelecido, mas atentos e porosos.

A que seria direcionada afinal a proposição de se viver como obra de arte? Seria um desafio feito ao sujeito? À peça artística? Ao procedimento de criação? Ou mesmo a um certo diagrama de forças? Existir de forma estética em sua força mais afirmativa: a criação.

Vida como obra de arte...

Primeiro vejo dois mundos, tão diferentes. Algo como o fofo veludo inerte de pontas duras e foscas, e o reluzir envernizado e bruxuleante. Cheiros e texturas tão diferentes que se misturando, se não criam uma existência, trazem notícia duma paisagem, duma zona. *Habitat – habitar.*

Nem tanto o mar, nem tanto a terra. Habitar essa praia onde o mar é visitado pela busca da dissolvência que nos dá o limite do próprio corpo, e a areia como borda para respirar, criar castelos de areia úmida, a lama da borda. As baleias no mar, os caranguejos na areia. Tocas, conchas, nados extraordinários, lutas e danças, artifícios da vida: facetas dum prisma natural, o coral vivo e durável. Todos os seres paradoxalmente precisando de todos os dois extremos. Moramos na borda, criando sempre *a* e *na* borda, em movimento.

Habitat sendo tudo isso junto que forma uma faixa litorânea, como uma restinga, que resta no bordo do mar, uma mata ciliar. Ser o intruso do litoral, habitar essa borda intensiva.

Melhor a dissolvência completa do oceano ou a terra firme de rocha? Seria sempre nutrido o mar e seco o deserto da praia? Jamais localizar a encarnação de um conceito por sobre qualquer paisagem destas que citamos. Cada ponto desses possui dentro de si todas as dimensões. Faz-se-nos necessário olhar e chegar à praia, desfazer nosso corpo sobre todos esses elementos imprescindíveis para nossa ávida vida. Nessa mescla de nós e o território, nessa entre - conexão recíproca, encontramos toda a complexidade plural

que cada um possui. Aí buscar a insistência pungente da vida, a conservação disruptiva da arte. E nesse contato com ela conseguir manejar uma máquina que nos faça jamais sair desse habitat, arma que nos auxilia no habitar e que nos faz si singularizado onde, tendo forma fluente – como é o litoral – pode ser borda também.

Em contato, pelo contato, vivos pela arte, artistas pela vida.

Ressoam ainda: – De onde vens, Elis Regina;

– 20 anos blues, Elis Regina;

– Why try to change me now, Fiona Apple;

BIOPOLÍTICA A TODO VAPOR: COMO ENCONTRAR A POSSIBILIDADE DE RESISTIR

um pouco de possível, senão eu sufoco... (Deleuze, 1992, p 131)

Ressoam: – Beira-mar, Zé Ramalho;

– O sândalo, Tom Zé;

Numa combinatória de Foucault e Deleuze nos vemos provocados: Viver a vida como obra de arte. Tal proposição emerge no pensamento de Foucault quando no decorrer de seu trabalho, em sua construção sobre os domínios do saber e os exercícios de poder, ele se pergunta sobre que possibilidades de expansão teria a vida nesse cenário de embate de forças, formas de dominação em transformação e a emergência de uma sociedade biopolítica. Pergunta-se, então, que possibilidade de diferenciação, de não coerção e expansão, teria a vida? E com Deleuze nos perguntaríamos então: Que cenário é este, que platôs se conjugam? Onde na sociedade de controle, com suas características, é possível tal desafio de uma vida como obra de arte?

É preciso trazer para o cenário que forças estão a compor nossa subjetivação no contemporâneo. Dois pólos inicialmente que a cada aproximação vão ganhando mais contornos, foco e dinâmicas. Vem-nos como entrada a frase de Foucault ao caracterizar a transformação da forma soberana de poder para o nascimento do que ele nomeou como *biopoder*. Para nosso autor este se constitui “em *fazer viver e deixar morrer*.” (FOUCAULT, 2000, p. 294, grifo nosso), primeira caracterização do contemporâneo e que apresenta dois investimentos à primeira vista, dois pólos de uma mesma lógica, extremidades coengendradas e confluentes⁸. Esta frase: *fazer viver e deixar morrer* é nossa entrada e nos auxiliará na montagem duma paisagem do contemporâneo.

⁸ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Nesse texto Foucault analisa a mudança do poder *soberano*, com base no poder de fazer morrer no sentido coercitivo e de controle, bem como os rituais de execução pública, e de deixar viver aos que seguissem as prescrições e querer do soberano. Com a lógica *biopolítica*, vê-se uma inversão onde o poder se investe em fazer viver, interferir nos modos de vida e incentivando a vida social a se fazer das formas interessantes para essa lógica, com a contrapartida de um deixar morrer aos modos de vida não interessantes nas margens de uma sociedade a qual foca sua dominação no propagar de modos de vida programada e que ninguém, por abandono, vidas que não lhe interessam ou lhe escapam.

São cinco passos que compõem esta primeira parte: o primeiro dedicado ao pólo *fazer viver*, seguido pelo pólo *deixar morrer*, todos os dois com a entrada pela postulação foucaultiana. No terceiro passo pensamos no aspecto da *resistência* dentro de tais pólos que erguemos, enquanto o quarto passo consiste em repensarmos a noção de *liberdade* com apoio principal da noção de *estética da existência*. O quinto passo, derradeiro nessa entrada, é a paisagem apresentada em toda sua montagem e dinâmica e também toda a transformação de nosso corpo dentro desse território.

A questão se expande, transmuta-se de conceitos para imagens. *Como está a praia hoje?* Entremos então.

FAZER VIVER – ONDA DISSOLVENTE

Ergue-se uma onda como primeiro extremo da paisagem contemporânea. Faz-se líquida à primeira vista, translúcida e pesada como vidro. De grande empuxo, se estende mar adentro. É um mergulho que se arma. Engole-nos, inevitável arrasto.

Seguimos as noções de Foucault sobre a mudança da lógica do poder da sociedade disciplinar para um novo modo de gestão social. Transformações feitas em diversos níveis, com a mudança completa de sua forma, seus regimes de saber, o investimento do poder e seu exercício. Investimento este que visa, agora, a organização social, ou seja, o controle dos homens e modos de vida produzidos. Onde antes a regra vinha clara no escanhoar dos corpos disciplinados dentro das instituições (escola, fábrica, hospital) e replicados pelas máquinas de estado sob o julgo de um poder “ortopédico”⁹, vemos se estabelecer um controle que se faz sutil, incitando modos de vida, mostrando-se deveras mais efetivo em sua penetração e abrangente em sua produção. A partir disso, Foucault localiza, então, uma modulação do controle. Um investimento que se faz na *regulamentação*, como diz Foucault, no sentido que há uma adição à tecnologia disciplinar do poder, que – não excluindo a primeira –, agora “se dirige não ao homem-

⁹ A noção de ortopedia trazemos pela prática do poder disciplinar que investe na *docilização* dos corpos e num controle *totalizante* do social.

corpo, mas ao homem vivo, ao homem ser vivo” (FOUCAULT, 1999, p 289). A essa nova tecnologia do poder, Foucault chamou de *biopolítica*. Uma lógica que, além do domínio sobre o corpo do homem individualizado, atua agora com interesse no vivo do homem, nos espaços abertos, visando à massificação. O *biopoder*, essa nova forma de exercício do poder, lida agora não mais com o corpo de um homem, mas com um “novo corpo: um corpo múltiplo, corpo com inúmeras cabeças, se não infinito, pelo menos necessariamente inumerável” (FOUCAULT, 1999, p 292).

A esta altura temos a biopolítica como um embutir do poder nas filigranas da vida do homem por diversas entradas. Não tão somente controla o corpo individual do homem num exercício de poder localizado, mas atua de forma sutil no controle da vida social, pulverizado em várias ações e mecanismos, visando uma homogeneização desse corpo múltiplo, sem forma específica. Práticas que se estendem por vários níveis sociais - como o controle de natalidade, a organização da cidade - já não investidas sobre uma repetição hermética de formas disciplinares de existência, e sim buscando uma regulação de forma não tão específica, mas de penetração ampliada. Biopolítica que ao individualizar o corpo do homem, busca agora englobar toda a vida, num *abraço líquido* e com *movimento*.

Adicionamos ao cenário as reflexões de Negri & Hardt (2006) sobre as modulações do capital no contemporâneo. Trazem a noção de Império como o funcionamento do capital de tendência unificante e homogeneizante, mas com sistemática de descentralização. Exercício de poder e controle baseado em signos de paz e proteção, mas de cunho conflitivo e dominador. Tal instância é analisada por eles como uma tendência do capitalismo desde sua origem que ganha grande força com os processos de globalização vivenciados no final do século XX. A partir de bases jurídicas e supranacionais, estabelece-se um controle que ignora o poder local dos estados-nações e que unifica sem criar centro, ampliando o controle do capital de forma planetária. O império busca, para atingir seus objetivos, um poder único ao qual “é dada a força necessária para conduzir, quando preciso for, ‘guerras justas’ nas fronteiras contra os bárbaros e, no plano interno, contra os rebeldes” (NEGRI & HARDT, 2006, p 28). Controle este que não se dá por força ou embate, e sim pela propagação do acúmulo e do investimento numa proteção do humano. Dizem de uma “governança sem governo” (NEGRI & HARDT, 2006, p 31) não baseada em hegemonias econômicas bem

delimitadas e pontos de exploração, mas que emerge em pontos aleatórios, guerreira onde é necessário e governa a partir de pontos espalhados e diversos. Um Império, então, que se mostra pulverizado em seus contornos e flutuante em suas práticas, que não mais exerce sua soberania por centros específicos, aglutinadores e de homogeneização por meio da padronização dos corpos pela disciplina e exploração tradicional. Império que muda seu foco para os fluxos, um apelo para a individualização dum consumo de formas de vida, não mais de produtos e serviços somente.

Há uma mudança do investimento capitalístico que se retira da exploração de serviços materiais e numa divisão do trabalho na forma clássica, explorando nova fonte, de forma inesgotável: a vida, modos de vida que mantenham sua expansão. O fluxo do capital desfaz seus limites anteriores de centros e periferias, funcionando como centros de exercício de poder e produção locais e fugazes, imputando na vida e em seu jogo micropolítico cotidiano, o consumo de subjetividades instantâneas diluindo seu exercício, sendo assim muito mais contundente e fugidio no seu controle. O império agora regula e homogeneiza na perda de seus limites, englobando toda e qualquer vida.

Peter Pál Pelbart segue na reflexão do funcionamento contemporâneo do *império*. Pensa em como se faz a produção dos modos de vida à partir dessa mudança do investimento biopolítico e do funcionamento imperial. Os modos de vida deixam de ser “apenas objeto de uma vampirização por parte do Império, são positividade imanente e expansiva que o Império se esforça em regular, modular, controlar” (PELBART, 2009b, p 23). O trabalho mecânico e padronizado como foco de exploração é suplantado pelo consumo da inteligência, da inventividade do trabalhador. A vida torna-se, assim, matéria para uma economia imaterial que produz e faz consumir informações, imagens e serviços.

O *fazer viver* da biopolítica de Foucault ganha força em seus níveis mais micropolíticos, transformando o aspecto criador e expansivo inerente à vida em motor de tal economia, enclausurando o homem ao seu corpo individualizado, homogeneizando a massa pela inclusão de todos, excluindo todos assim também neste mesmo movimento.

A onda que nos engoliu mostra-se de água turva, um fosco que nos envolve e faz perder as linhas que nos delimitam, repleta de partículas em suspensão. Empreendendo essa busca de nos dissolver, empurra-nos em suas correntes a nos englobar. Um turbilhão do

qual sentimos só o puxão, não vemos um palmo frente aos olhos mesmo estando em funduras diferentes, só o mesmo gosto marcante e água por todos os lados.

Guattari (1985), ao propor uma revolução em embate ao sistema capitalista, nos traz mais coordenadas. Ao definir a noção de *revolução molecular* delinea o funcionamento do sistema capitalista como Capitalismo Mundial Integrado (CMI). Esse sistema possui uma natureza axiomática, - lógicas estritas e hierárquicas de organização social, - e funcionamento permeado por três características: *cercos*, *desterritorialização* e *segmentarização*. Essa forma do capitalismo possui como principal objetivo sua ampliação e que, por estar presente por toda parte, adquire, a partir das análises de Guattari, características de modulação constante a *cercar* cada vez mais pontos que ainda não engloba, um movimento de *deslocalização* territorial e incessante processo de *segmentarização* do social e do econômico. Finca seus axiomas de forma local, efetiva, mas também de completa movência, intercambialidade e descentralização. Um sistema que efetiva sua dominação em pontos aleatórios e que buscam sua expansão constante e a regulação social por meio de uma lógica não fixada a controles tradicionais, mas sim a práticas e segmentações deslocalizadas. Perde-se o “alvo” macropolítico do capitalismo e a coerção se dá na micropolítica da vida¹⁰. Cria-se assim um panorama de movência e captura, no sentido de modos tendenciais e ilimitadamente englobáveis pelo funcionamento capitalístico.

Como respirar e ampliar a vida dentro duma cooptação que se faz no nível mais micropolítico? Como cogitar liberdade e autonomia quando a dominação e o controle se imputam disfarçada, e por vezes mesmo escancaradamente, na vida intensiva, no vívido da vida? Onde libertações possíveis frente a incentivos incessantes à criação da “sua própria vida”? Como não se entrar no sumidouro de leques variados e formas já traçadas e fetichizadas de vida, numa inclusão arrebatada pelo prazer de “fazer parte” e pela falsa

¹⁰ As noções de macro e micropolítica nos vêm do uso de autores como Foucault, Deleuze e Guattari. A distinção é feita à partir de conceitos como o diagrama das forças que constituem o real, linhas de poder que são de naturezas diversas e dão-se em diferentes níveis. Uma das distinções é sobre os funcionamentos macro e micro, não como distinção estruturais de amplitude, mas no sentido de linhas hegemônicas (macro) e linhas mais maleáveis e capilares (micro) em relação às primeiras. Outras noções como a de molar e molecular, respectivamente, nos auxiliam nessa distinção. Tal definição não abrange toda a imensa discussão de tal terminologia, mas auxilia a localizar nosso uso a essa altura.

potência de se tornar “o vencedor”? Estaria nossa micropolítica “infectada” pela dominação do capital vampiro de nossa potência “pura”? Fadados a afogar, dissolvidos?

Os que entram nas correntes parecem esfarelar pelo fluxo. Perde-se o limite pela subjugação do líquido, um tornar-se também líquido. Essa *vaga* forçando tudo e todos a funcionarem por fluxos cambiantes, a - centrados, massa líquida – esse o primeiro pólo da paisagem. O ar necessário a ser negado pelo engolfamento, num desacordar, desmaio de apneia. É preciso secar a pele pra não murchar, arejar os pulmões de ar quente para esquentar o frio da água que nos penetra os ossos. Secura para não amolecer por completo é o que parece mais distante.

Buscamos apoio aqui em Rolnik (2002), para pensar no produzir da vida dentro desse pólo que se ergue. A vida dentro de tal funcionamento do capital que imputa seu motor de padronização e consumo no poder de invenção da vida, tornando este *consumível*. Consumir-se-ia, assim, “territórios de existência, postos à venda, um kit de mercadorias de toda espécie da qual depende seu funcionamento: objetos, mas também subjetividades – modos de habitar, vestir, relacionar-se, pensar, imaginar... – em suma, mapas de formas de existência que se produzem como verdadeiras identidades ‘prêt-à-porter’” (ROLNIK, 2002, p 2). Traz-nos exemplos que vão na direção dessas subjetividades, produtos prontos para consumo, como regras de convivência, modelos de vida a serem seguidos – os “reality shows” dos canais de televisão do Brasil e do mundo, dentre outros exemplos – demonstrando o processo multidirecional que isso representa. Liquefazem-se as singularidades, nesse movimento de fornecer catálogos variados de possibilidades de existência, mas que apontam sempre para modulações de um mesmo fluxo, numa dissolvência homogeneizante. Subjetividades que são afetadas por tendências, por linhas de desejo, que mesmo ainda informe e potente em si, vem prenhe de palavras de ordem, de consumo e modulações dum mesmo território informe, suscitado em um arranjo já esgotado em sua flutuação e rápido descarte. Um movimento incessante e veloz de consumo e abandono das subjetividades do mercado, incitando uma constante tensão de consumir ininterruptamente.

Agregamos aqui, então, características desse pólo que adentramos: a *onda dissolvente*. Funcionamentos de regulação massificante que faz a criação e o consumo desenfreado seu motor, forjando modos de vida liquefeitos e indiferenciados. Fluxos modulatórios

de existências e de conexão diversa – fluxos econômicos, políticos, morais, etc. Essa onda que *faz viver* modos de vida dissolvidos, tomados em sua potência de criação para, por indiferenciação e flutuação, permanecerem na repetição e expansão do sistema. A onda que dissolve e, assim, agrega mais potência para seu movimento.

O outro pólo da paisagem permanece ainda sem nosso contato. Fugindo do arrasto líquido damos passos em direção oposta, pedras e areia se fixam a nosso redor. Mais um passo, mais um extremo.

DEIXAR MORRER – *ROCHA ESTURRICADA*

Ressoam: – Pedras que cantam, Fagner;

– Sabiá, Luis Gonzaga;

– Se o caso é chorar, Tom Zé;

Vamos secando rapidamente com o sopro quente que nos empurra para pedras que se ajuntam firmes e altas. Uma aridez que enfraquece, o desgaste dessa caminhada que quer derrubar-nos; um imenso paredão rochoso sobe íngreme a nossa frente. Cada vez mais forte, a ventania implacável auxilia na subida, mas parece cada vez mais dificultar os movimentos e nos esmaga sobre a superfície quente da rocha. O sol forte nos queima recortando bem nítida nossa sombra.

A outra face da proposição de Foucault, o *deixar morrer* da lógica do biopoder é o que constitui esse novo pólo que adentramos. O contemporâneo a se compor em práticas biopolíticas que delimitam firmemente vidas “queridas” (como analisamos anteriormente), e excluídos que tem por imposição a necessidade de continuar em seu lugar, invisíveis – mas presentes. Os aspectos destas vidas que não se diluem nesse caldo homogêneo, que tanto quer o *biopoder*, são postos à margem, incrustados em locais específicos e limitados. Pontos fixados para darem limite e contorno de onde a correnteza modulatória deve correr. Para pensar o funcionamento biopolítico trazemos Foucault a nos auxiliar na complexidade do emparelhamento das tecnologias do poder, funcionamento que demonstra a produção desses marginais que citamos:

(...) uma outra tecnologia de poder, não disciplinar dessa feita. Uma tecnologia de poder que não exclui a primeira, que não exclui a técnica disciplinar, mas que embute, que integra, que a modifica parcialmente e que, sobretudo, vai utilizá-la implantando-se de certo modo nela, e incrustando-se efetivamente graças à técnica disciplinar prévia.(FOUCAULT, 1999, p 294 e 295)

O procedimento disciplinar, onde se subsume a complexidade e a singularidade de cada homem dentro de formas estritas de existência, afeta todo o corpo social nesse emparelhamento e é acoplado ao procedimento biopolítico. Percebemos que os efeitos disciplinares são ainda firmes por sobre as camadas excluídas da sociedade – não negando a modulação regulatória que já se assenta sobre essas camadas também –, onde tecnologias de coerção, repressão e encarceramento são ainda os principais investimentos realizados. Há como que um movimento mais firme em fazer, pela rude controle disciplinar estreito, um desmonte do corpo inusitado e não englobado dos excluídos, para que estes *desapareçam* ou que sejam, afinal, tragados pela massificação.

Há o encarceramento de tais formas de vida em um único rótulo, um processo de *invisibilização* de todas as outras dimensões dessa forma de vida. E esse encarceramento possui como efeito não mais uma erradicação dos modos de vida não padronizados (como em tempos de grande valorização das instituições de correção e modulação como a prisão e o manicômio, dentre outros), mas sim um processo de esquecimento mesmo desse modo de vida intensivo não incluído que é utilizada somente como exemplo para a valorização de outros modos os quais a biopolítica vê interesse.

É claro, por tirar a vida não entendo simplesmente o assassinio direto, mas também tudo o que pode ser assassinio indireto: o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc. (FOUCAULT, 1999, p 306)

O pólo rochoso de nosso território se faz de superfície áspera, pontas grossas sempre tentando impedir os movimentos, cavando em dureza firmes moldes ressecados e de espaço limitado. A areia e o ar quente que ressecam tudo isso; num constante intento de forçar a permanência no mesmo lugar, esturricando cada um em seu próprio corpo. Há vidas que são deixadas a morrer, muito bem disciplinadas, invisibilizadas. Esse nosso

novo pólo: a *rocha esturricada*. O percebemos a nos rodear a todo instante, e pensar com um pouco de detimento sobre situações cotidianas se impõe a essa altura de nosso caminho.

Não se registra nem mesmo o espanto com que se viam rechaçar a dominação em épocas de ditadura. Atualmente a lógica do direito universal e da coletividade toma rumos retrógrados. Linhas segmentárias querem seu espaço, todos querem seus rótulos bem especificados para garantir seu “próprio espaço”, num detrimento da noção de coletivo e público de forma vil em prol da conquista particularizada e aquietada dos seus iguais. Palavras de ordem nunca deixaram de pairar e encher as bocas dos homens – é uma enxurrada presente em todos os campos da realidade –, mas parecem ganhar consistência dentro das frases rápidas das redes sociais na internet e duma publicidade generalizada em todos os campos possíveis de se criar slogans.

Por direito à saúde, chega-se ao ponto de desqualificar todo um processo de desospitalização psiquiátrica feito a base de luta, para que se exija o tratamento e a internação de um – dito com veemência – doente e desamparado¹¹. Inverte-se o argumento de direito à saúde para todo e qualquer cidadão para imputar aí um desejo de torná-lo doente novamente e justificar seu novo desaparecimento dentro da disciplina manicomial. Não se fala de pobres e excluídos para incluí-los de modo potente. As UPPs são como uma nova “campanha higienista” do Estado do Rio de Janeiro, para proteger o povo da violência e dos maus costumes dos pobres¹². Não que não haja

¹¹ Referimo-nos aqui a enxurrada de opiniões jornalísticas, programas onde se faz a denúncia da falência da saúde pública utilizando como exemplo a penúria de casos específicos. Identificamos diversos discursos em tais situações, que trazem à tona falas patologizantes e disciplinares da população. Bem como o desmonte silencioso das políticas públicas de saúde (pensando aqui com grande força a saúde mental) onde se atualizam dum retorno a práticas hospitalocêntricas, alopáticas e de desmonte do acesso a saúde como institui o SUS. Tal discussão é deveras cabal, mas por agora seguimos somente por uma utilização de exemplo. Tal forma de apresentação dos exemplos segue aos outros apresentados que dizem respeito a situações de violência, outras políticas públicas como as de combate à miséria etc; tendo sempre um entendimento de não serem questões específicas de cada área, mas sim tendências e lógicas de funcionamento identificáveis em várias dimensões de nosso contemporâneo.

¹² UPPs – Unidades de Polícia Pacificadora: projeto da Secretaria Estadual de Segurança Pública do Rio de Janeiro, que consiste na ocupação de comunidades “dominadas” pelo tráfico de drogas e crime organizado, com a instalação de unidades de polícia comunitária. Tais ocupações são realizadas com estratégias militares e tem como cunho mais forte o restabelecimento da “ordem”, a expulsão dos “criminosos” da comunidade pela presença ostensiva da polícia fortemente armada, a entrada do Estado nas comunidades pondo fim ao “poder paralelo” do crime organizado. As UPPs são umas das ações do

necessidade de combater a violência ou mesmo a máquina do narcotráfico, mas isso não é combatido somente a base de invasões truculentas e bélicas em comunidades de população empobrecida. Pela defesa contra os “maus favelados”, criam-se os “bons favelados” – repetidores embotados pelo sistema a aceitarem seu lugar social de exclusão – de espaço restrito, esquadrihados e já sem justificativa de luta, pois espaço eles já o tem. No morro agora só restam os que devem restar (no morro, nas instituições, na rua...). Aos outros, não interessantes por agora, o tapa-boca, a invisibilidade, o não acesso, o *esturricar* longe daqui.

Não há mais ditadura? Não há escravidão ou exploração? Todos têm o direito à luta? Os esquemas disciplinares foram “superados”? Perguntas que já nascem quase inauditas dentro do turbilhão do *Pão e circo*, e do *cada macaco no seu galho* da atualidade. *Medo e responsabilidade* são máximas que enterram na rocha as vidas desinteressantes. *Não se pode somente matá-los, então que morram de sede.*

Mas o que estaria sendo deixado de lado? Porque, então, não só o desaparecimento completo dessas vidas esturricadas? Deixadas a sua própria sorte, nesse movimento de desinvestir energia no combate a tais modos de vida feito pelo social, mas, então, o que restaria lá ainda? A invisibilização só existe no corpo dos excluídos? O que está a desaparecer? Agambem nos traz pulsos do que ainda resta.

Partindo da distinção aristotélica sobre a vida em duas definições: a *zoé* e a *biós*, Agambem (2002) analisa a proposição de Foucault sobre a emergência da lógica biopolítica. Sendo ambas definições de vida, *zoé* estaria apontando para a vida mais natural possível – chamada pelo autor de *vida nua* –, e *biós* correspondendo à vida incluída na polis que, para tal procedimento, sofreria mudanças e adequações. A construção do estado romano se faz por uma lógica também biopolítica, diz Agambem, quando há a inclusão da *vida nua* na polis esta sofre transformações que dizem respeito a construção de noções como: o conceito de cidadão, os direitos deste cidadão, bem como noções de liberdade e governabilidade.

Transformações que funcionam como uma *inclusão* com base numa *exclusão*. Pensando a *vida nua* como a vida mais natural e de característica expansiva e de extrema

chamado “Choque de Ordem” que consiste de diversas ações de segurança pública no estado com o mesmo intuito.

diferenciação, a adaptação desta como o motor da organização do Estado ocidental seria por meio de um procedimento de encarceramento exatamente dessa expansão e dessa diferenciação. É nesse procedimento “inclusivo–exclusivo” da vida que se daria o nascimento da política segundo o autor. As políticas de estado, organização e fundação dos sistemas e da cidade ocidental seriam, desde a origem, então, biopolíticos.

A biopolítica é, nesse sentido, pelo menos tão antiga quanto a exceção soberana. Colocando a vida biológica no centro de seus cálculos, o Estado moderno não faz mais, portanto, do que reconduzir à luz o vínculo secreto que une o poder à vida nua, reatando assim (segundo uma tenaz correspondência entre moderno e arcaico que nos é dado verificar nos âmbitos mais diversos) com o mais imemorial dos *arcana imperii*. (AGAMBEM, 2002, p 14)

A tal transformação, Agambem agrega a noção do procedimento de transformar o *viver* (*zoé*) em um *viver bem* (*biós*), que indica a organização, a política e a circunscrição do viver.

A fórmula singular “gerada em vista do viver, existente em vista do viver bem” pode ser lida não somente como uma implicação da geração (*ginoméne*) no ser (*oûsa*), mas também como uma exclusão inclusiva (uma *exceptio*) da *zoé* na *polis*, quase como se a política fosse o lugar em que o viver deve se transformar em viver bem, e aquilo que deve ser politizado fosse desde sempre a vida nua. A vida nua tem, na política ocidental, este singular privilégio de ser aquilo sobre cuja exclusão se funda a cidade dos homens. (AGAMBEM, 2002, p 15)

O viver de *zoé* clama e insiste em tantos cantos quanto for possível. Perdura em sua dureza e tenacidade dentro das porções da vida não interessantes à *pólis*. A *biós* de agora se justifica e se assenta sem medo, utilizando-se da “luta por liberdade” para dizer de seus direitos também (impossibilita, assim, que os marginais utilizem o caminho jurídico, pois ocupam estes espaços também e os transfiguram de forma a inutilizá-los). Assim o ressecar é cada vez mais invisível. Vê-se os que entram no molde, os outros são deixados a sua sorte. A *biós* que, incluída na *pólis* torna-se bem de controle e de propagação do homem através de modelos – essa *biós* contemporânea – traz a marca do ressecar das bocas dos que já ergueram alguma voz. Ignoram-se os “inconvenientes”

para que o tempo e o sol calem as bocas e estanquem o sangue do que não se quer mais derramar para não dar qualquer motivo.

Esta construção do *viver bem* como característica da *biós* de Agambem se faz muito interessante para pensar nosso pólo rochoso. Tal procedimento de *viver bem* como exclusão da potência de viver de *zoé* para a incitação de moldes de vida a serem propagados, é uma forma que faz dos corpos na rocha mais aferrados a esta, onde é dentro de limites bem esquadrihados que se define o que é, de bem, viver, e o que deve ser excluído, esquecido e invisibilizado. Pensamos então que a *zoé* seria dotada não de um *viver* tão somente, mas sim de um *bem viver*, pois. Mesmo incluída por exclusão, permanece firme em seu intento de extravasar os limites impostos. Até o corpo mais ressecado e esturricado possui um mínimo fio líquido que insiste em circular, o sangue quente e vital.

A vida nua continua presa a ela sob a forma de exceção, isto é, de alguma coisa que é incluída somente através de uma exclusão. Como é possível ‘politizar’ a ‘doçura natural’ da *zoé*? E, antes de tudo, tem ela verdadeira necessidade de ser politizada ou o político já está contido nela como o seu núcleo mais precioso? (AGAMBEM, 2002, p 18)

Como trazer, então, mais elementos singulares de nosso pólo? Num contexto de América latina, berço de grande exploração mundial histórica, leis e práticas que visam construção coletiva e direitos iguais – por meio da luta e do enfrentamento – mostram-se como estratégias por meio das quais se procurou a superação de situações como miséria, fome, exploração em massa. Mas ainda, como poder-se-ia pensar em um momento de já superação dessa figura colonial em nosso país? Nesse Brasil agora emergente e já da “banda dos exploradores”, onde persiste um imenso desnível da distribuição de renda e um movimento incessante de desrespeito às leis coletivas como direito à saúde e direitos humanos, como pensar nessa perspectiva da *vida nua*? Desníveis silenciosos, mas extremamente presentes. Os meninos da candelária continuam a habitar as ruas, talvez de forma cada vez mais invisível. Galeano (1994) traz as notícias dessa América Latina, com uma história cravada em seu cerne. Essa marca que trazemos nos dá uma ligação à vida nua e nos auxilia a pensar quem somos:

É a América Latina, a região das veias abertas. Desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-

americano (...) Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas, ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos. O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar têm sido sucessivamente determinados, de fora, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo. A cada um dá-se uma função, sempre em benefício do desenvolvimento da metrópole estrangeira do momento, e a cada cadeia das dependências sucessivas torna-se infinita, tendo muito mais de dois elos, e por certo também incluindo, dentro das fronteiras de cada país, a exploração que as grandes cidades e os portos exercem sobre suas fontes internas de víveres e mão-de-obra. (há quatro séculos, já existiam dezesseis das vinte cidades latino-americanas mais populosas da atualidade) (GALEANO, 1994, p 14)

A escravidão na carne magra que ainda róí os ossos. Ignorância e dominação; pontas do deixar morrer no deserto para que os urubus rondem e esperem o fenecer. O sangue engrossa, mas não para. As veias da América Latina permanecem abertas e escorrendo, mas é do líquido desse sangue que vem o alimento para a artéria que ainda pulsa do coração incansável de *zoé*.

A biopolítica do totalitarismo moderno de um lado, a sociedade do consumo e do hedonismo de massa de outro constituem certamente, cada uma a seu modo, uma resposta a estas perguntas. Até que, todavia, uma política integralmente nova – ou seja, não mais fundada sobre a *exceptio* da vida nua – não se apresente, toda teoria e toda praxe permanecerão aprisionadas em um beco sem saídas, e o ‘belo dia’ da vida só obterá cidadania política através do sangue e da morte ou na perfeita insensatez a que a condena a sociedade do espetáculo. (AGAMBEM, 2005, p 18 e 19)

O espetáculo da onda marítima, frente ao secar dos cadáveres dos buracos de rocha. A *secura* a chicotear de aridez a *vida nua* que precisaria beber um pouco, mas não pode. Um *bem viver*, um *viver bastante* que também insiste e resiste nos corpos magros e de couro duro da exceção. Um viver ainda, ainda assim. Resistência que se faz biológica inusitadamente, uma insistência de pulso líquido ainda pelo menos dentro das veias abertas.

Delineios de nossos pólos, já temos. Sofremos o efeito de suas dinâmicas, dentro de cada um sentimos suas forças e suas produções. Como não entrar por completo nesses movimentos que parecem nos levar para sempre para a dominação? Recolhemos, dentro

de cada extremo, suspeitas para tal escape. Se haveríamos de resistir a essas tendências, resistiremos de dentro.

RESISTIR, INSISTIR E PERDURAR – *FURANDO A ONDA E SURFANDO A ROCHA*

O caminhar pelos pólos de nosso terreno contemporâneo nos faz pensar numa tendência de grande contundência: a questão da produção. A produção de subjetividade – em sua faceta de constante diferenciação – emerge como o alvo de tais funcionamentos contemporâneos que visam produzir vidas que perpetuem a efetivem esse mesmo modo, que reproduzam e ampliem essa efetivação de poder, essa dominação. Ser *produzida* é uma característica da subjetividade que a faz passível de uso por esse *biopoder*, mas também nos dá pistas para pensar, enfim, como transladar a simples reprodução.

Tocamos aqui um dos pontos de maior força e questionamento em nosso caminho: *resistência*. Como resistir em tal contexto? O que seria, afinal, resistir? Endurecer, fazer frente a, dar-se ao embate e ao combate? Estamos a considerar a resistência como uma das partículas de nosso questionamento a se fazer sobre os modos de vida e seguimos numa contextualização das forças políticas que se apresentam nesse *fazer* dos modos.

O modo de produção que encontramos em cada pólo dessa nossa paisagem contemporânea tenta, a todo tempo, efetivar suas forças tendenciais em modos de vida de sobremaneira encerrados dentro dos funcionamentos dessas e para essas forças, por vezes não deixando vislumbre de ponto de mudança ou escape. Dentro de um sistema de extrema modulação e reprodução – numa intenção de efetivar seu controle e seu motor na produção subjetiva – poderíamos encontrar diversos becos e *dead-ends*. Resistir apresentar-se-ia, então, como uma atitude que se imputa nos modos de vida que estariam a não reproduzir os modos capturados. Resistir como uma posição de *negar-se a*, de não aceitar seguir numa a reprodução do que se oferece como opção dentre as restritas e aceitáveis. Mas só essa concepção de resistência não nos basta, mostrando-se por vezes deveras impraticável tão somente. À resistência como negação e marcação de

posição, adicionamos outra faceta a esse resistir possuidora de muito mais força e potência: resistir como *afirmação*.

Para nos auxiliar nesse outro funcionamento da resistência vamos trazer algumas considerações sobre a vida, seguindo noções de nossos intercessores. Adicionamos então, mais sentidos à vida: vida como *potência*. Fuganti (2008) nos apóia nesta conceituação. Traz a noção de *vida nômade* (seguindo caminhos percorridos por Nietzsche e Deleuze), que põe vida como potência de diferenciação e expansão, potência que é aversiva a valores e leis cerceadores dessa sua capacidade inerente e inesgotável.

Vidas que não possuem como valores principais a segurança, a conservação, a regulação, as regras, as leis, os hábitos. Espíritos desprendidos e ousados nos quais reinam as forças ativas e criadoras, isto é, potências artísticas que amam os perigos, as aventuras, o desconhecido, o imprevisível, as misteriosas surpresas do estranho. (FUGANTI, 2008, p 54 e 55).

Trazemos diversos modos nos quais a potência da vida busca resistir a um procedimento. Ao não replicar as leis, as regras, no intento dos espíritos livres e criadores, a potência da vida busca sua efetivação, sua afirmação. Nesse ponto há a produção de uma vida que *resiste*, pela via da *afirmação*, no que se efetiva. Vida como lugar da vontade de potência, que é potente no querer mais, na tentativa incessante de efetuação do novo, mais do que as possibilidades prescritas, como ponto de ebulição da diferenciação. Trazemos mais noções dessa potência com Pelbart (2009):

Quando Nietzsche diz que o homem não busca o prazer, mas um *plus* de potência, não significa que ele busca o poder ou o acúmulo de força, mas um *a mais* de força, isto é, não uma *quantidade* maior de força, mas uma nova *qualidade* de força, na medida em que este *a mais*, esta diferença quantitativa significa uma *diferença qualitativa* (...). É Nietzsche que diz : Vontade de Potência não é “nem um ser, nem um devir, mas um phatos” – e Blanchot arremata: a *paixão da diferença*. A paixão da diferença (Vontade de Potência) é, na busca de uma nova qualidade de força, a disponibilidade para a diferença entre elas. Um *plus* de potência, isto é, uma nova *qualidade* de força, só se dá quando nos expomos à *diferença* que origina, portanto ao “espaço” em que essa diferença é possível, o Fora. (PÉLBART, 2009a, P 122 e 123)

É da vida *querer* mais das forças presentes; mais como distância, diferença qualitativa das forças. Peter (2009a), ao trazer essa noção de Nietzsche diz que o homem busca esse *plus* da potência, o *a mais* da força¹³. Se é da vida essa potência, vista como vontade de expansão e ampliação, não poderíamos ajuntar por sobre os modos de formatação desta vida uma resistência por atitudes de negação tão somente. É afirmando o vívido da vida, pelo intensivo, por essa vida singular ou intempestiva, que se faz resistência. É nesse contato com o plural potente que afirmamos diferentemente e, por conseguinte, terminamos por negar o caminho prescrito. A resistência que se faz criativa, e assim, traça novas possibilidades e resiste aos moldes e/ou modos já capturados e apresentados para pronto consumo e consumação.

Numa busca do como resistir afirmativamente em meio a modos de vida, realizamos outra aproximação possível. Trazemos, então, mais dimensões presentes a partir do entendimento do *processo de subjetivação*. Subjetivação que se afasta das noções de sujeito à priori, avessa a noções de personalidade formada ou mesmo de estabilidade. Peter (2009a), na topologia que faz Deleuze sobre pensamento de Foucault, aponta para a reapresentação gráfica das dimensões do real que nos auxilia a localizar nossa concepção da subjetivação¹⁴. Em tal representação há o estabelecimento de quatro planos sendo: o *Plano dos Estratos*, relacionado ao Saber onde se localizam os regimes de visibilidade e dizibilidade; a *Zona Estratégica*, espaço de ação do Poder onde se articulam Ver e Dizer de forma ainda não estratificada, zona de forças; a *Linha do Fora*, tida como massa indiferenciada onde pulula o selvagem, o indiferenciado, reino do devir e da multiplicidade; e a quarta zona sendo a *Subjetivação* que se engendra como fissura entre os outros planos, numa invaginação da linha do fora, transversalizando a zona estratégica do poder, e a bordear os estratos do saber. Todos esses planos e zonas trazem diversas discussões possíveis e fecundas para pensar seu coengendramento, suas

¹³ A noção de vida, palavra chave para nosso intento, será trabalhado de forma mais ampliada no seguir do texto. Por agora marcamos somente a consideração de vida como potência, de *querer* mais das forças que compõem todo o diagrama, para podermos problematizar a noção de resistência como tão somente uma atitude de negação a seguir preceitos. Esse *querer* mais das forças funcionaria aqui, como um *negar-se a* que surge como resultante do *querer* algo além ou algo diferente do prescrito e que inflexiona e efetiva esse *querer* pela via da afirmação e da produção de modos de vida que contemplem esse *querer*. Seguimos a discussão por esses caminhos, com essa visão da resistência.

¹⁴ Topologia esta presente na obra do autor citada anteriormente *Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura: Loucura e Desrazão*, p 134, nomeada como “O Diagrama de Foucault (segundo Deleuze)”.

especificidades, bem como pontos específicos de entrecruzamento. Por hora, buscamos aqui vislumbrar o encaixe da *subjetivação*. Subjetivação em sua faceta de forma e formatação onde, no roçar com os estratos ganha facetas visíveis e dizíveis – contornos. Subjetivação que atravessa e é atravessada pelas forças, exercícios de poder que buscam sua efetivação como forma, mas ainda sem estratificação específica. E Subjetivação sendo a inclusão do Fora, uma *dobra* do Fora por sobre os estratos, indicando um contorno que possui abertura para o plural inapreensível do Fora, tendo por efeito de tal contato o desarranjo constante desta forma subjetivada.

Pensar a subjetivação dentro dessa representação nos traz características de multideterminação dos modos de vida, bem como de singularização. Subjetivação que se faz como a criação de excedentes por entre formas, em processo constante em meio aos diversos planos que se entre-penetraram. E singular como força que excede todas as outras, que se determina como diferença frente a todas as outras dimensões constituintes. Potência do vivo em constante multideterminação, em constante processo de engendramento e afirmativo em sua diferenciação. Mais à frente esta topologia nos auxiliará a pensar a resistência.

Outro ponto que pode nos ser útil ao problematizar a resistência é a linha de pensamento de Foucault. Frente a tal panorama da hegemonia biopolítica, Foucault busca na ética seu respiradouro, sua fonte para um escape. Num remonte aos estóicos, Foucault encontra no *cuidado de si* uma possibilidade. Com as práticas da Antiguidade Clássica Foucault percebe que num posicionamento de voltar-se para si – de vergar as forças que nos constituem, de cuidar de si como governo e análise dos processos que se passam no nível individual –, a possibilidade de, digamos, *resistir* contra uma soberania. Seguimos Deleuze “A fórmula mais geral da relação consigo é: o afeto de si para consigo, ou a força dobrada, vergada. A subjetivação se faz por dobra.” (DELEUZE, 2005, p 111). E adicionamos palavras de Foucault sobre a diferença entre as noções de si e de sujeito: “Era certamente necessário que eu recusasse uma certa teoria *a priori* do sujeito para fazer essa análise das relações possivelmente existentes entre a constituição do sujeito ou as diferentes formas de sujeito e jogos de verdade, as práticas de poder, etc.” (FOUCAULT, 2006, p. 275) Forja-se, assim, um si para Foucault. Si distanciado da noção de sujeito a priori como estrutura primeira e que divide assim o humano racional que apreenderia o mundo externo. Si que se coloca como ponto singularizado, como

subjetividade multideterminada que, nesse cuidado com suas práticas (na ética de dobrar as forças) encontraria novos modos de resistir a partir da afirmação de sua diferença, de sua singularização.

Aglutinamos mais sentidos a nossa linha que busca pensar a resistência como afirmação multideterminada, em constante movimento de re-criação, de singularização. Diversas aproximações para pensar os modos de vida nos indicam como se dá a busca da resistência. A resistência que vislumbramos se faz pela via da afirmação, e que se apresenta a partir de funcionamentos, sempre em ato como o processo de subjetivação ele mesmo. Seguimos no resgate, então, de quais seriam estes funcionamentos, seguimos nessas novas articulações.

Com o auxílio da representação gráfica que utilizamos anteriormente de Peter (2009a) vemos um processo de constante desarranjo da forma subjetiva pelo contato com o Fora. Uma *resistência* do Fora com relação ao modo de vida apresentado? O Fora não desarranja, ou resiste, à forma atual da subjetivação por negação ou embate. Nesse contato constituinte, o plano do Fora resiste e insiste na profusão indeterminada que afirma diferenças infinitas à forma da subjetivação. Nega a estratificação momentânea da subjetivação no processo incessante de traçar outras linhas e colocá-la em contato com intensidades que sequer formatar-se-iam. O Fora *insiste* em trazer mais, inesgotáveis diferenças.

Ao dobrar as forças na constituição de um si singularizado, pela via de Foucault, este *si* resiste às forças que buscam efetivação, mas qual seria o funcionamento da *resistência* que este si aponta? O si que se singulariza como uma *perduração* de sua diferença, um pouco a despeito da busca de efetivação de todo um diagrama.

Aglutinamos, então, mais dimensões ao resistir. Resistir como *afirmação*, num querer de criar possibilidades, ao criá-las. Resistir como *insistir*, nessa faceta de inapreensão e pluralidade multideterminada que se faz o Fora, bem como o incessante processo de recriar-se pelo efeito de coengendramento das forças. Resistir como *perdurar*, dessa subjetivação que perdura na não cristalização tão fortemente presente nos estratos e forças axiomáticas. Subjetivação que insistiria em forjar-se singular e afirmativamente, tendo o perdurar de sua diferenciação como seu querer potente. Subjetivação que

perduraria frente aos fluxos homogeneizantes ao afirmar-se singular no arranjo; que insistiria em não desaparecer sob uma única via de existência.

Pinçamos funcionamentos de nossa resistência afirmativa: *insistir* e *perdurar*. Afirmações que se montam no mesmo ponto das forças biopolíticas: a produção dos modos de vida. São atitudes afirmativas, mas estamos em uma paisagem. Retornemos então a nossos pólos paisagísticos. Que atitude tomar para resistir em tais configurações?

Dentro dessa paisagem de pólos tão imbricados utilizamos os termos *furar a onda* e *desebestar da rocha*, buscando pensar esses dois movimentos que fazemos como atos de resistência frente às dinâmicas dos dois pólos. Frente à **onda dissolvente**, furamos a vaga feito o ato corriqueiro dos banhistas nas praias que, para conseguir entrar na maré sem ser levado pela onda que se ergue, miram o meio da boca aberta na parede de água, indo com bastante força no ponto mais acessível, conseguindo deixar a onda passar e – num movimento contrário à corrente – chegam ao outro lado dentro da água ainda. Por **desebestar da rocha esturricada** pensamos quando estamos em pedra alta, que requer muito trabalho seja para descer ou subir, e nos erguemos sobre os pés utilizando a gravidade a nosso favor, correndo rocha abaixo com pulos e esquivos rápidos, buscando chegar à base do pedregulho sem precisar roçar o corpo ou se amparar nas quinas – utilizando a queda como impulso e a pedra como apoio para sair do despenque.

Deleuze (1992, p 155) nos diz do movimento de *surfing a onda* quando se refere no texto *Os intercessores* a movimentos semelhantes entre o esporte e o exercício de pensamento. Diz de uma mudança com relação à noção de movimento, antes baseada em termos de origem e ponto de apoio para a realização de um movimento, utilizando exemplos de esportes como corrida e lançamento de peso. Movimentos estes que partem de uma inércia inicial e que procuram ter maior precisão para sua melhor efetivação. Deleuze marca uma mudança quando pensa o movimento como uma entrada numa onda preexistente, um *surfing a onda*, onde o movimento teria não origem em inércia ou alavanca, e sim movimento como colocação em órbita. Diz que “o fundamental é como se fazer aceitar pelo movimento de uma grande vaga, de uma coluna de ar ascendente, de ‘chegar entre’ em vez de ser origem de um esforço” (DELEUZE, 1992, p 155). Nossos movimentos com relação às forças dos pólos da paisagem não negam tal

entendimento. Conseguimos resistir nos dois movimentos, sendo aqui um de *arrasto pela onda* e o *aferramento na rocha*, e buscamos fazer um uso desses mesmos movimentos em proveito de nossa resistência. *Furar* a onda aqui para poder *surfar o nosso movimento*, o movimento afirmativo de entrar no mar sem um “caldo” em um arrasto para o “fundo”. E fazer do aferrar da rocha também um *surfe*, utilizando a nosso favor a superfície áspera e a gravidade que nos puxa para chegar a um ponto menos ríspido¹⁵. *Surfamos* a nossa maneira as tendências que caracterizam nossa entrada no terreno. Resistimos não somente por uma negação, mas sim entrando em movimento com a paisagem que habitamos.

Livramo-nos do querer da lógica biopolítica dentro de cada extremo de nosso terreno. Pensamos em como a subjetivação (os modos de vida, a vida, o si) resistem à produção específica de cada pólo contemporâneo da paisagem. Resistimos pela entrada em movimento. Libertamo-nos pela afirmação. Talvez, então, forjamos subjetivações livradas, mais livres. Prática de liberdade afinal?

NO BATER DAS PERNAS, SE NADA

Ressoam: – Avôhai, Zé Ramalho; (O brejo cruza a poeira, de fato existe um tom mais leve na palidez desse pessoal)

– As quatro estações, Allegro non motto – Verão, Antonio Vivaldi;

– Pro dia nascer feliz, Cazuza; (Nadando contra a corrente só pra exercitar, Todo o músculo que sente, Me dê de presente o teu bis, Pro dia nascer feliz, O mundo inteiro acordar e a gente dormir, dormir)

– Primavera nos dentes, Secos e Molhados; (Inventa contra a mola que resiste, (...), e envolto em tempestade decepado, entre os dentes segura a primavera)

Liberdade... Liberdade como momento em que se faz modo de vida afirmativo em sua potência, momento de negação da dominação, de fuga aos preceitos e axiomas, instante

¹⁵ <http://www.youtube.com/watch?v=P8X6DVX4ffI&feature=related> acessado em 22 de julho de 2011. O surfe de pedra que foi criado no Brasil e é praticado por muitos frequentadores da praia de Itacoatiara em Niterói, Rio de Janeiro. Grande inspiração nossa com esses desportistas.

flutuante onde se forja uma prática, uma práxis, que, no que se singulariza, faz criar possíveis num tom mais livre e potente por sobre os caminhos já traçados.

Liberdade diferente essa que fomos delineando. Liberdade que não se baseia na queda de uma figura dominante, que não funciona apenas por superação de estados de cerceamento; não depositada numa “quebra dos grilhões” tão somente. E por um momento, então, como natureza dessa nossa liberdade, abandonamos conceitos ou posições firmadas que localizassem como objetivo sermos de todo “livres”, chegar a um estado de liberdade, como se almejássemos uma plenitude desarraigada da existência que, enfim, poderia expandir-se já sem amarras ou bloqueios. Não. Essa que indicamos como uma liberdade que não existe em si, mas que se faz no que se pratica.

Foucault diz de modos de existência apontando dominações caracterizadas por exercícios de poder e jogos de verdade na busca de moldar a vida. Vida esta que tem sua potência de diferenciação (como resgatamos anteriormente) aplacada ao dar forma às tendências de tais práticas e jogos. Pensamos, então, em modos de existência forjados nesses exercícios; em situações de flexibilidade com relação ao poder, chegando até a estados de dominação. Para que tais existências fossem “liberadas” não haveria libertação, ou mesmo um só movimento de desconstrução da coerção, chegando a um estado completo de liberdade. Apontando para *práticas de liberdades*, trazemos Foucault:

(...) a liberação é às vezes a condição política ou histórica para uma prática de liberdade. (...); mas essa liberação não faz surgir o ser feliz e pleno de uma sexualidade na qual o sujeito tivesse atingido uma relação completa e satisfatória. A liberação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade. (FOUCAULT, 2006, p 267)

Utilizando neste fragmento o exemplo da sexualidade para analisar a noção de liberdade, o autor forja um entendimento de liberdade que diz de um constante saber-se dos jogos de verdade presentes nas práticas da vida. Há momentos de liberação que ampliam as possibilidades de novas formas, mas que devem ser a todo tempo reafirmadas por práticas de liberdade. E tal atitude, a de saber-se e analisar dos jogos de verdade e práticas de poder, é apontada como uma ética que deve ser prática. A noção do cuidado de si é trazida novamente para pensar esta ética que, por ser atitude de conhecimento e análise dos processos produtores da vida, postaria o sujeito de forma

mais atenta onde pudesse buscar pontos de mudança e afirmação (a resistência a qual nos aproximamos anteriormente). Teríamos, num debruçar-se sobre suas práticas – num cuidado para com os exercícios de poder e dominação colocados nos atos do si –, pontos onde a vida se afirma como diferença. Práticas que, por estarem em um processo de análise e encontro com suas forças constituintes, tem a potência de dobrar as forças sobre elas mesmas para vislumbrar o que estas buscam afirmar. Praticar-se-ia liberdade, abrir-se-ia a dominação, os axiomas modulantes e os fluxos, sendo a liberdade exercício singular de constante composição do real.

Por tal processo, o de criação de modos singulares de vida e de práticas de liberdade, Foucault chamou de *estética da existência*. Estética por dizer diretamente da criação de modos de vida, na transformação das práticas a partir da afirmação de novos modos de ser e de agir. Em muitos momentos Foucault analisa a ética do cuidado de si da antiguidade e sua potência, realçando a dimensão de elaboração da própria vida, e indica tal processo com *obra de arte pessoal*. Diz:

Trata-se antes de fazer aparecer de que modo, até hoje, os mecanismos sociais tinham funcionado, como as formas de repressão e de imposição tinham atuado e, a partir disso, me parece que se permitia que as pessoas tivessem a possibilidade de determinar, de fazer – sabendo tudo isso – a escolha de sua existência. (FOUCAULT, 2006, p 290)

Ao propor uma estética da existência, Foucault (2006) não aponta as orientações estoicas para funcionarem como transplantes das técnicas descritas (dietética, escrita de diários e cartas, dentre outras técnicas), mas como *atitude ética* do cuidado de si. Por liberdade escutamos, então, não um distanciamento da dominação ou do exercício de poder para longe, onde não mais estaríamos *à mercê*. É no enfrentamento e no interesse por esse processo da criação do si que reside afinal a liberdade como *fazer*, como *prática* que se faz livre. A liberdade como aumento da possibilidade de ação singular a se costurar pelos liames dos exercícios de poder, do saber e seus constructos de verdade e que, por essa ética de cuidar, age nessa construção das formas livres. Vemos, por tanto, uma liberdade que não se localiza em um sujeito e nas forças coercitivas e limitadoras de sua ação, mas sim como um campo de multideterminação, onde criar um si seria proceder nos interstícios de tais exercícios de poder, numa efetivação mais

potente de expansão afirmativa da vida. Fazer dos mecanismos sociais, pelo cuidado de si, escolhas e afirmações mais possíveis.

É no criar da vida que se mesclam com grande força as dimensões macro e micropolítica, trançando linhas coletivas com amarras pontuais. Por isso afirmar também que a prática de liberdade deve ser buscada como intervenção nesse momento de criação de um modo de existência. Chegamos a alguns elementos que nos interessam fortemente: o aspecto da *criação* dentro dessa estética de Foucault, e que tal criação se faz na criação de *modos de vida*.

E onde estaria montado esse movimento de criação? Onde os modos estariam a ser forjados? Onde, afinal, as escolhas possibilitadas pelo cuidado de si mostram pontos de ação? Falamos de multideterminação, de heterogeneidade e subjetivação (que se afasta de noções de sujeito); então seriam escolhas sempre em conjunto, a se fazer nos encontros de todas essas dimensões que trouxemos até aqui. Essa ética nos faz entrar em contato direto com o que temos de mais essencial: a vida que se faz no *agenciamento do real, em contato*. Chegamos a um ponto de ação. Falamos de resistência anteriormente e chegamos à liberdade nessa busca, nessa entrada em movimento, que afirmasse a diferença e a transformação da vida. E encontramos o agenciamento, como não poderia deixar de ser. Nossos movimentos nos levam ao encontro. *De encontro* talvez, por que por vezes é no embate, mas sempre *encontro*.

A coalizão de nossos conceitos e propostas se faz por sobre o procedimento de criação, e aqui recorreremos à noção de agenciamento. Deleuze & Guattari localizam o agenciamento como agenciamento dos corpos – relação imprescindível e um tanto inevitável por vezes –, em processo constante de co-engendramento e interferência. Nossos autores têm o agenciamento como conceito múltiplo e de extrema importância durante toda a sua obra. Rastros diversos que seguiremos. Seguimos Deleuze & Parnet quando dizem do agenciamento no livro *Diálogos*: “A unidade real mínima não é a palavra, nem a ideia ou o conceito, nem o significante, mas o agenciamento. (...) O agenciamento é o co-funcionamento, é a ‘simpatia’, a simbiose.” (DELEUZE & PARNET, 2004, p 65). Nessa frase problematiza-se a lingüística como estudo das unidades reais mínimas, mas a essa altura queremos da frase esse ponto crucial do agenciamento: esse co-funiconamento, no qual se estaria *em contato* e em processo de

constante criação, em que há essa simpatia e simbiose seja com outros seres, forças, lógicas e potências. Por agora vislumbramos primeiramente o agenciamento como sendo um *des-local* em meio ao qual se montaria o procedimento de criação – a mira biopolítica – onde as posições seriam estabelecidas fugazmente. Ponto de brotamento do desejo no qual diluiria-se o sujeito como unidade e um si se posta como interlocutor duma coletividade tanto desejante quanto enunciativa¹⁶. O agenciamento onde as formas sublevar-se-iam expostas a tal interferência.

Como localizar aí a liberdade? Fuganti (2008) aponta que é essa potência dos corpos de se *agenciar*, nesse encontro onde espoca o desejo, o que torna tais corpos mais *livres*.

Se você não faz agenciamento, não há desejo. Essa potência dos corpos para agenciar e para se efetuar é o que os torna livres. Ela quer ligar-se à pluralidade do mundo, tem paixão por multiplicidades, pois é isso que a enriquece, a diferencia, a multiplica. A liberdade de um corpo revela-se na potência que tem para atualizar seus afetos, para ser a causa e a fonte deles. (FUGANTI, 2008, p 72)

Liberdade revelada nesse atualizar¹⁷ dos afetos, nesse contato que efetua os corpos como causa e efeito dos afetos. Potência essa que tem por paixão as multiplicidades, afã de enriquecimento pela diferenciação ao contato com a pluralidade destampada num agenciamento. Liberdade que se faz no si a partir desse contato com o que o diferencia e o desestabiliza. Não mais pensar em uma liberdade medida pelos outros (como direitos e deveres garantidos), mas sim como potência do corpo. Livre é o que se põe em contato no agenciar. “Que engodo! A liberdade não tem nada a ver com outrem, ela remete a um campo de imanência das potências do próprio corpo.” (FUGANTI, 2008, P 73).

¹⁶ O agenciamento, e suas dimensões (tetravalência), mostram-se extremamente caros para nós nesse trabalho, ganhando importância a cada aproximação que realizamos. Posteriormente ele insistirá; debruçaremos-nos e agiremos mais cuidadosamente. Aportamos no agenciamento, perduraremos na busca de habitá-lo por todo esse trabalho.

¹⁷ A noção de atualizar nos aparece nesse momento como recurso para visualizar, encarnar, dar forma às forças e potências em uma forma subjetiva. Forças essas que estariam presentes a todo tempo como nuvem virtual, como potência do real. As dimensões de atual e virtual são amplamente discutidas por Pierre Levy em seu livro *O que é o virtual?*, fazendo toda essa topografia dos planos atual e virtual, tendo como principal diferença essa que utilizamos, a de ser a dimensão atual a das formas engendradas, e a dimensão virtual como sendo a potência infinita, sendo ambos planos constituintes do real sem valoração hierárquica entre eles.

Adicionando novos caminhos a esse procedimento de liberdade, recorreremos novamente a Foucault quando este fala sobre o *cuidado de si*. No encontro das técnicas de dominação e das técnicas de si temos o proceder social, a gestão dos indivíduos com relação à sua existência. A *obra de arte pessoal* ganha contornos multideterminados. Não havendo sujeito e coletivo como binaridades antitéticas, sobeja um plano de imanência comum onde o si se faz como dobra de tal plano, forma singular desse proceder na inflexão - ou não totalmente - das forças e estratos. Liberdade situacional que se efetiva na criação de possibilidades, entre a potência expansiva do si e a estreiteza dos estratos, uma *prática nos interstícios*. E por situacional jamais pensamos como processo descartável ou mesmo desinteressante por sua especificidade. Situacional por ser singular, raro, em movimento constante. Se entendemos a subjetividade como um modo intensivo – “uma hora do dia, um dia, um vento, uma vida...” (DELEUZE, 1992, p 128) avesso a uma sobre-determinação como a de indivíduo, onde mais *praticar liberdade* se não nesse *diferenciar*, nessa *incessante criação*, nessa *obra de arte pessoal* que tanto nos faz questionar os modos com os quais vivemos nos dias de hoje?

Aparece-nos a noção de criação novamente com cada vez mais pungência. Afirmar e insistir na criação de possíveis dentre os modos. No forjar do possível que se resiste, que se perdura. A liberdade de criar um modo de vida que pratica à revelia do prescrito - do caminho indicado e empurrado por sob nossos pés -, criando, por sobre o solo, um caminho, uma caminhada. Resistimos por movimento, e esse nos leva para onde? Furamos a onda, mas esta não cessa de se aprumar novamente, tentando novo escaldado. Escapamos da rocha, mas a baforada árida ainda sopra contra a superfície, empurrando forte. Chegamos onde?

(...): como desfazer o rosto, liberando em nós as cabeças exploradas que traçam linhas de devir? Como atravessar o muro, evitando ricochetear sobre ele, ou ser esmagado? Como sair do buraco negro, em vez de girar no fundo, que partículas fazer sair do buraco negro? Como quebrar até mesmo nosso amor para nos tornarmos, enfim, capazes de amar? Como tornar-se imperceptível? (DELEUZE & PARNET, 2004, p 59)

Não tão somente *um banho* ou *um ficar à margem*, mas mergulho e repouso. Um lugar de possibilidades de habitação, onde nosso movimento não estanque. Aportamos de nossos movimentos de resistência em outro constante agenciamento: a *borda*.

SHORE – O MAR ENGOLE E DEVOLVE, A AREIA ENVOLVE E DESFAZ

Ressoam: – Sharks, Morphine; (Sharks patrol these waters, Swim for the shores just as fast as you're able, Swim like a motherfucker, Swim..., Fast as that scene shifts to now, The ever glorious now, The ever present now)

– *Guerrilla radio, Rage Against the Machine; (It has to start somewhere, it has to start sometime, what better place than here, what better time than now)*

– *Clandestino, Manu Chao; (Soy una raya en el mar, fantasma en la ciudad, mi vida va prohibida dice la autoridad)*

Nesse escaldo da subjetivação pela *onda dissolvente* temos: a criação das formas subjetivas, formas que boiam, emergem, perduram furando as correntes. Nesse chicotear da pele sobre a *rocha esturricada* temos: o extravasar do pulso que insiste, resta quase que inaudito anunciando uma vida ainda inimaginavelmente possível, esta que se levanta e desembesta.

Colocar-se apenas em situações em que não se pode ter virtudes aparentes, em que, como funâmbulo sobre uma corda, ou se cai ou se fica em pé – *ou se escapa...* (NIETZSCHE, 2006, p 12, grifo nosso)

Bordeamos a vida, em alguns de seus diversos sentidos possíveis, nessa multideterminação do real. Real como constituído por suas facetas de estratificação, virtualidade potente, além de todo o emaranhado do Fora. E é na criação de excedentes de formas – de modos de vida, nas práticas que tem potência de ser mais livres –, que firmamos nossa resistência, que encontramos nosso ponto macio de intervenção por sobre tantas pedras e peso líquido. Forjamos a prática da liberdade numa fuga nos pólos e chegamos ao *interstício, meio, zona de intercessão*.

Na margem do mar onde nem é pedra mais, nem é mar ainda, onde nossos pés enterram-se sustentados por uma lama consistente e plástica. Erguemos nosso corpo nessa linha mutante da beira-mar, onde sólido e líquido, estrato e intenso, nosso corpo molhado e incrustado de diversos grãos, tudo se atravessa nesse encontro onde podemos habitar o limítrofe mutante e vacilante. A praia como três dimensões de um só encontro: um oceano, um pedregulho e nosso corpo no beiral. A praia onde somos sempre habitantes estrangeiros e nos sentimos tão em casa como qualquer concha. Espumas, poças salgadas e nossos pés.

Seguimos nossos autores pensando na praia, no encontro, na borda, como esse ponto onde nos vemos aportados, onde se conjugam nossas discussões, nó das dimensões, o encontro. Fazemos rápida varredura; alguns instantes de calma para que tudo se assente. Aquelas poucos segundos de silêncio antes da próxima chiadeira do litoral.

Peter Pal Pélbart (2009) em sua definição de vida, a partir de conceituações de Deleuze, vê a noção de vida expandir-se, tomando contornos de potência, inteligência, afeto e de aspecto coletivo, não mais restringida a aspectos biológicos.

A própria noção de vida deixa de ser definida apenas a partir dos processos biológicos que afetam a população. Vida inclui a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto da produção material e imaterial contemporânea, o intelecto geral. Vida significa inteligência, afeto, cooperação, desejo. (...) Coube a Deleuze explicar que ao poder *sobre* a vida deveria responder o poder *da* vida, a potência política da vida na medida em que ela faz variar suas formas e, acrescentaria Guattari, reinventa suas coordenadas de enunciação. (PÉLBART, 2009b, p 24 e 25)

Vida se definiria pelo poder de afetar e ser afetado. Sendo ela foco de dominação não específica de um império nômade, é exatamente nessa junção que vislumbramos o *calcanhar de Aquiles* de toda essa maquinaria. E na afirmação da vida como potência de diferenciação e expansão que teríamos a possibilidade de afirmar outros modos de vida que não reproduzissem e consumissem os motes capitalísticos ou mesmo se assujeitassem por completo numa segmentariedade moral e cerceadora. Viver e afirmar a vida singular é resistir. Resistir não só desmontando formas de vida sobrecodificadas e denunciando micro-fascismos, mas uma resistência que se foca no *criar* de outros

possíveis; resistir no seu sentido do *perdurar, durar um pouco mais além* da forma já obsoleta e encarcerante.

Seguimos Negri & Hardt (2006) quando na busca de possibilidades de resistência frente ao Império dizem que é exatamente nesse processo de perda de limites do capital que as resistências se encontram agora não mais marginais, vislumbramos a característica dessa resistência agir exatamente por sobre a vida tão prontamente capturada.

O biopoder, portanto, se refere a uma situação na qual o que está diretamente em jogo no poder é a produção e a reprodução da própria vida. (...) quando o poder se torna inteiramente biopolítico, todo o corpo social é abarcado pela máquina do poder e desenvolvido em suas virtualidades. Essa relação é aberta, qualitativa e expressiva.(...) *As resistências deixam de ser marginais e tornam-se ativas no centro de uma sociedade que se abre em redes; os pontos individuais são singularizados em mil platôs.* (NEGRI & HARDT, 2006, p 43, grifo nosso).

Perde-se o limite do centro e da margem, formando-se assim pontos singularizados. Mas o interessante é perceber que se trata de um local de diferenciação que dá à criação da vida essa potência de ser relação aberta, qualitativa e expressiva, e que, no que se singulariza, abre-se em mil platôs. Estamos em uma rede multideterminada com nossa potência de diferenciação agitada pela criação de uma singularização. Não mais uma margem longínqua de um centro, mas uma borda diferenciada das linhas que ali se conjugam. Uma dobra resistente, que pratica liberdade criando e afirmando possibilidades.

Trazemos ainda Deleuze (1992) quando, em seu texto *A vida como obra de arte* traz as problematizações sobre os modos de vida feitas por Foucault, a *estética da existência*, inclui que tais procedimentos desembocam no questionar de nossos próprios modos de vida atuais.

(...), mas nós hoje: quais são nossos modos de existência, nossas possibilidades de vida ou nossos processos de subjetivação; será que temos maneiras de nos constituirmos como 'si', e, como diria Nietzsche, maneiras suficientemente 'artistas', para além do saber e do poder? Será que somos capazes disso, já que de certa maneira é a vida e a morte que aí estão em jogo?(DELEUZE, 1992, p 128)

Sua provocação vai mais além quando pergunta se seríamos capazes de constituir um *si* suficientemente *artista*, numa aproximação de Nietzsche. Artistas que se debruçam sobre o procedimento do criar que tanto inclui a potência e a expansão da vida, mas que tem consigo essa proximidade com a morte dos modos obsoletos e mortes do homem moral, aquele reproduz e segue os preceitos transcendentais que está em nós.

É a criação que impregna nosso caminho agora. A resistência, a liberdade, as práticas de poder e jogos de verdade, todas as dimensões que requeremos até então nos jogam para o ponto da criação. Criação tida aqui muito mais como movimento, mutação constante. A arte dentro da subjetividade, a vida criativa e potente, a resistência e a dominação realizadas no forjar da vida. E tudo isso presente no agenciamento, no encontro, na simbiose e na interferência. Chegamos aqui na busca da vida como obra de arte, e os paradoxos não cessam de nos assaltar. É nosso corpo que mudou nessa paisagem. Ele que furou a onda, que surfou a rocha, e que se encontrou mais forte, possível e potente nesse encontro da praia. Ele que teve de criar-se nesse contato com o *meio*¹⁸. Entramos no terreno; terreno esse de paradoxal existência, multifacetada composição e possibilidade de entrada. É desértica por vezes a imensidão do oceano, têm-se bolsas d'água feito oásis em buracos na rocha. Todos os lados se desdobram, se bifurcam e se ligam.

Areia e mar não são tão somente imagens explicativas da biopolítica, mas sim também estratos e fora, dureza e fuga, sem jamais conter tais denominações por completo. Funcionariam muito mais como planos de extrema pluralidade, complexos rizomas que podem funcionar sim como tais conceitos que dizemos e associamos. Mas também platôs que possuem dentro de si mais dimensões e conexões com tantos outros pontos. Mas ainda como sendo paisagem e território aonde chegamos e estamos a empreender busca de habitação, a cada aproximação encontram-se deveras imbricados e de limites indiscerníveis.

Mas também pouco basta opor duas segmentaridades, uma flexível e primitiva, a outra moderna e endurecida, pois as duas efetivamente se distinguem mas são inseparáveis, embaralhadas uma com a outra, uma na outra. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p 90)

¹⁸ A palavra meio aqui utilizada nessa ambigüidade de remeter ao *entre* de quaisquer elementos, também trazendo sentidos de *miolo* ou *âmago*, bem como designar o que seria um *território*.

O que é uma praia? Areia só? Água somente? Não. Litoral, praia, beira, tudo isso como a inusitada indelimitação, como a palavra *shore*¹⁹ propriamente dita onde não se pode ter mar puro de sedimento, ou areia seca por completo. Há sempre um grão turvando a água plena de sal. Há sempre umidade no fundo da areia, é só cavar um pouco. Pedras que se espalham pelo costão, no assoalho do mar. E a juntar os dois espaços numa loucura incorpórea, a maresia que não seria de buquê possível na falta de qualquer um dos elementos presentes. Propomos desde o início uma caça, uma procura da vida e da arte e chegamos ao território contemporâneo. A paisagem agora, e o início da busca.

Perceber, como diz Deligny, que essas linhas não querem dizer nada. É uma questão de cartografia. Elas nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem mesmo penetrar uma na outra. Rizoma. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p 77)

Voltemos a um elemento que tem nos acompanhado por todo o caminho, ponto crucial para nosso intento; requer imensa atenção a essa altura por ser a escolha de uma entrada, talvez mesmo o início da construção desse *habitar* que tanto perseguimos. Nossos autores, principalmente as discussões de Foucault e Deleuze, nos falam sempre de uma *ética* para que a estética da existência se inflexione com mais potência. Seguimos tal posicionamento, mas o tempo todo provocados por Deleuze: “Mas se há nisso toda uma ética, há também uma estética” (DELEUZE, 1992, p 130). E a partir de tal provocação pensamos no caminho que percorremos até aqui.

Estética da existência, que nos parece ser a todo tempo valorizada para a ética que se faz nesse procedimento, mas que somos a todo tempo provocados em *sermos mais artistas na vida*, em *criar singularizações por entre os modos*, posicionamentos que nos levam à *borda mutante* de nossa paisagem, cuidado que faz com a *criação de novos arranjos mais potentes* perdure e insista, *ética que é estética...* Propomos, então, um **POSICIONAMENTO ESTÉTICO** dentro desse panorama – diagrama de múltiplas linhas, como a lógica contemporânea e a fuga das práticas de liberdade –, orientado por

¹⁹ Utilizamos a palavra *shore*, substantivo do inglês, por trazer consigo múltiplos significados que procuramos dentro de uma só palavra. *Shore* que, como substantivo, possui traduções de *costa*, *litoral*, *áreas e terrenos de encontro entre largas porções de terra e grandes massas de água*. E que numa utilização como verbo *shore* traz outros significados que também compõem, sendo que diz do que *dá apoio*, que *suporta* ou *escora* algo.

uma ética apontada no cuidado de si – dobra das forças, saber-se dos processos constituintes do si e atenção por escolhas mais potentes – que nos põe em ato – dentro do agenciamento intransponível, do encontro que nos impulsiona a criação. Estético, pois se faz no agenciamento, ou seja, no entre das formas subjetivas presentes, para além e aquém delas. Estético, pois tem sua potência no criar e rearranjar das formas. Pois vê o procedimento de “formar” como a potência de criar vidas que *perdurem novas* neste panorama. Estético por ser atualização das virtualidades, por ser o que se diferencia do já atual. Estético nesse interstício de movimento de criação, entre o que não somos já e o que estamos em vias de nos tornar. Estético num considerar das dimensões outras da composição do real. O Fora, as intensidades presentes no calor potente da criação afirmativa, e também no aquebrantar das figuras restantes por sobre as linhas²⁰. Estético como nossa possibilidade de ação, como o plano onde estamos sempre a atuar²¹.

Nosso posicionamento estético ainda carece de delineios, isso se fará no desenrolar de nosso trabalho. Por agora se faz como nossa entrada na paisagem. Falamos de movimento sempre, e este estar na borda não seria diferente. Esse primeiro “reconhecimento da área” nos trouxe até uma praia multifacetada. Por tal característica visamos Deleuze & Guattari (1995a) na definição de rizoma e de platôs:

Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído (n-1) (DELEUZE & GUATTARI, 1995a, p 32)

Estamos sempre subtraídos, pois perdemos nossos limites, nos mesclamos e singularizamos na rede litorânea. E sem espanto algum, é favor ser estrangeiro e tão misturado assim:

²⁰ A discussão sobre a interação das dimensões Ética, Política e Estética será feita mais debruçadamente no seguir do texto, durante a montagem da máquina de guerra e suas especificidades.

²¹ Interessante verbo em que estamos ligando o atuar como movimentação afirmativa na vida e também sua ligação com a atuação à interpretação de outros, outras histórias que a obra do teatro possui como germe e o cinema também evoca.

Contrariamente, o que acontece a um livro feito de 'platôs' que se comunicam um com os outros através de microfendas, como num cérebro? (...) Escrevemos este livro como um rizoma. Compusemo-lo com platôs. Demos a ele uma forma circular, mas isso foi feito pra rir. (DELEUZE & GUATTARI, 1995a, p 33).

Mas foi a busca da vida e da arte que nos trouxe até aqui. E se chegamos aqui pelo contato e pelo movimento, nossa busca não seria diferente. Nômades na borda.

(...) - o importante não é que os fluxos produzam 'Uno ou múltiplo', não estamos mais nessa: há um agenciamento coletivo de enunciação, um agenciamento maquínico de desejo, um no outro, e ligado num prodigioso fora que faz multiplicidade de toda maneira. (DELEUZE & GUATTARI, 1995a, p 35)

Nomadizar nossa forma, nossa cartografia, nosso pensamento. Passeio, caminhada, mergulho, corrida desesperada, recolher estilhaços pelo caminho, pedaços quebrados desse inteiro infinito, aguçando os ouvidos, vendo perto e longe, embate risonho. E não por escolha, mas sim por contato, "O importante nunca foi acompanhar o movimento do vizinho, mas fazer seu próprio movimento. Se ninguém começa, ninguém se mexe. As interferências não são trocas: tudo acontece por dom ou captura." (Deleuze, 1992, p 160).

Vêm-nos imagens do conto *O afogado* do livro *O ovo apunhalado* de Caio Fernando Abreu. Como fragmentos que dançam e nos chegam aos pedaços.

A água verde do mar. Algumas gaivotas em círculos estonteados sobre a água verde do mar. Um mergulho súbito: a água partia-se em borbulhas cintilantes, gotas de vidro e luz, soltas no ar. Aos poucos, os contornos foram ficando mais nítidos: qualquer coisa escura como cabelos destacados sobre a areia, depois a extensão de um tronco onde saíam dois braços abertos em cruz, duas pernas unidas e molhadas pelo movimento repetido das ondas. Julgou enxergar algumas algas envolvendo o corpo, mas depois de alguns passos percebeu não serem mais que placas de areia, coladas à carne nua e branca. (ABREU, 2008, p 79 e 80)

A beira do mar que traz o cadáver, que não se faz cadáver mesmo, e sim que vive. E que, de tão diferente de todos da vila relatada pelo autor, faz interferência e mudança.

Mas o que queremos, ou mesmo o que esse conto nos quer, é a imagem de nosso corpo na praia, produto da praia, esvaído na beira. Mas corpo esse que, como o do afogado do conto, é deveras *diferente e potente*, que *quer mais*, mesmo que todos os outros não suportem esse *a mais*.

Esperas uma solução para esses teus olhos que não nasceram assim verdes e que dia a dia se farão mais claros até que não consigas mais olhar o mar sem pensares que de certa forma esta cor foi dada por ele e até não saberes mais distinguir outra coisa que não seja verde e até que esta claridade deixe um dia de te cegar para que mergulhes no escuro irremediável da morte.
(ABREU, 2008, p 80)

E nisso temos de retornar sempre para a praia onde habitamos diferentes, potentes, onde viramos água e solo. Esse corpo-paisagem, esse afogado estrangeiro, esse que é devolvido para onde pode sobreviver, que se vê impelido a habitar essa margem. A praia é não mais rocha ou nem oceano, e sim areia que surge do gastar da pedra, e marola que ralenta no atrito com o solo. Nossa praia é *sedimentar* de começo, complexa, assim como nosso corpo. Maresia se sente a beira mar, umidade multideterminada e também sedimentar, contaminada. Local de constante interferência onde devemos habitar em movimento incessante de criação. “A questão era antes: o que se passa entre?” (DELEUZE, 1992, p 155). O que se passa, passa deambulando.

Ressoam ainda: – *Dishes, Goodbye Lenin! soundtrack;*

– *Meninas de Albarã, Zé Ramalho;*

– *O estrangeiro, Caetano Veloso;*

**A VIDA E A OBRA DE ARTE – O PARADOXO DE CRIAR
INSTABILIDADES PERENES**

(TERCEIRAS MARGENS DE RIOS)

Ressoam: – Tem que acontecer, Sérgio Sampaio;

– Mistério do planeta, Novos Baianos;

– 107 Steps, Björk;

Modos de vida, vontade de potência, processos de subjetivação; tantas outras as definições, ou melhor, tantas as aproximações sobre a vida que realizamos até então. Mas tanto também não nos é objetivo a apreensão do que é a vida em uma pretensa completude, visto que parâmetros como completude ou captura mostram-se avessos a nosso intento. São aproximações sistemáticas à vida, sempre de modo novo, sempre por nova conexão rizomática. E nos refestela perceber que vida em si é das mais fugidias e energéticas das dimensões. E foge sempre um pouco mais além, deslocalizando seu fenômeno por sobre nossas tentativas de notícias.

Por diversas vezes complacente a definições um tanto quanto abstratas, tanto como aceita tratamentos de captura. Em nosso caminhar buscamos fugir um pouco de noções vagas e complacentes da vida como um fenômeno que não designa nada enfim, ficando impreciso por dispersão, num movimento que só a generaliza como palavra e embota seu brilho e valoração. Evitamos também conceituações que tentam ao máximo como que isolar a vida pura e dura.

Subjetividades mais artistas, a obra de arte no manejo do cuidado de si, são usos da arte de colocação não usual. Seja presa dentro de obras guardadas como relíquias dentro dos museus ou em prensas despreocupadas de reprodução em massa, a arte também possui esse uso um tanto quanto impreciso e ambíguo como o tem a definição de vida. Afastamos-nos de definições do que se pode valorizar como arte, como produção que agrega qualquer valor abstrato, bem como negamos seu uso aprisionado no consumo em série tantas vezes associado a entretenimento ou distração ilusória.

Insiste, então, a formulação de Foucault e Deleuze: *viver a vida como obra de arte*. Que vida? Que arte? Seguimos pegadas na areia e bordas de marola, lembrando de olhar o chão, mas também todo o horizonte que se apresenta.

A FAÍSCA E OS INCORPORAIS – VIDA E ACONTECIMENTO

Vida

Não que seja da vida uma vontade de fugir como aperreio de qualquer formatação, ou mesmo que ela possua dentro de si uma infinidade inclassificável que a alarga num caber de diversas noções. Não se faz passível de tradução em conceitos por sua imensa extensão, ou mesmo tão “pequena” que uma só definição a fizesse transparecer verdadeiramente. É do contrário. A vida mostra sua face por sobre as coisas, inerente às palavras, pois não é substância ou forma tão somente, porque tão pouco é plena sobre qualquer prática, seja esta fascista ou libertária em última ordem; e, por tal, conceitos não a capturam, lhe riscam a superfície. Recolher, então, as notícias, as facetas que se apresentam dentre as múltiplas. Seguimos por definições de vida de nossos autores intercessores.

Interessante perceber que as aproximações de Deleuze sobre o conceito de vida recorrentemente aparecem em suas discussões sobre a arte, em especial quando fala de literatura. São aproximações sempre a apontar para a criação de possibilidades de vida, do traçar de linhas de fuga por sobre as linhas endurecidas dos modos de vida vigentes. Os processos de subjetivação ganham força na criação dos modos de vida, diz Deleuze a partir de Foucault ao pensar uma estética da existência²². Em outros momentos diz que é da literatura a possibilidade de, no escrever, penetrar *uma outra vida*, criar *uma outra vida*; “Fim último da literatura: pôr em evidência no delírio essa criação de uma saúde, ou essa invenção de um povo, isto é, *uma possibilidade de vida*. Escrever por esse povo que falta... (‘por’ significa ‘em intenção de’ e não ‘em lugar de’).” (DELEUZE, 1997a,

²² DELEUZE, Gilles. *Conversações* (1992). A vida como obra de arte. Aproximação realizada na parte anterior do texto, enfatizando novamente o aspecto criativo dos modos de existência.

p 15, grifo nosso). Dizer de um povo porvir, de um devir a traçar novos possíveis, diz de uma entrada em devir da vida pela via literária. A vida como o que surge pelo exercício da fuga, da ruptura e do questionar dos estratos endurecidos e de dominação; traçar e atravessar outros horizontes, penetrando em outras vidas. A partida como o início, seguindo Lawrence: “Partir, se evadir, é traçar uma linha. O objeto mais elevado da literatura, segundo Lawrence: ‘Partir, partir, se evadir... atravessar o horizonte, penetrar em outra vida... É assim que Melville se encontra no meio do Pacífico, ele passou, realmente, a linha do horizonte.’” (DELEUZE & PARNET, 2004, p 49). Neste mesmo texto seguimos os autores a dizer mais sobre essa fuga, essa ruptura que faz aproximar a literatura e a vida:

O grande erro, o único erro, seria acreditar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida; a fuga para o imaginário ou para a arte. Fugir, porém, ao contrário é produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma. Em geral, é em um mesmo falso movimento que a vida é reduzida a alguma coisa de pessoal e que a obra deve encontrar seu fim em si mesma. (DELEUZE & PARNET, 2004, p 62)

No percorrer rápido dos dizeres de Deleuze (em confabulação com Parnet e Foucault) temos a vida sempre tida como *processo de vida*, que diz de uma *fuga* dos modos de vida atualizados e que se faz por meio da *criação de uma possibilidade de vida*, originada a partir de uma *ruptura*, de um *desvio*.

Outra aproximação que realizamos é pelas conceituações de George Canguilhem. Em sua obra de grande importância *O normal e o patológico*, o autor busca traçar a construção das noções de normalidade e de patologia, bem como os conceitos de saúde e adoecimento, por parte principalmente das ciências naturais e médicas. A aproximação que nos parece cara nesse momento é que, ao conceituar normalidade, Canguilhem diz que o normal de um ser (ou organismo vivo) seria uma média de variações que ocorrem em seu sistema no sentido de *manter a vida*. “Viver é, mesmo para uma ameba, preferir e excluir.” (CANGUILHEM, 2009, p 52). Não haveria desta maneira, um estado de saúde, mas sim um processo de perene construção e adaptação para manter a vida, para a sobrevivência. Dentro dessas discussões, são constituintes da vida os desvios que esta tem de fazer para manter-se, variações que são inerentes aos organismos, bem como variações que se encaixam da melhor forma possível em um

ambiente específico. Ao discutir o conceito de anomalia diz que esta “é a consequência de variação individual que impede dois seres de poderem se substituir um ao outro de modo completo.” (CANGUILHEM, 2009, p 53). Seguindo em sua discussão o autor busca pensar as diferenciações – as anomalias – com relação a conceitos de normalidade, pensando esta como adaptação possível do ser vivo no meio que habita, sempre no sentido de manter-se vivo:

Um ser vivo é normal em um determinado meio na medida em que ele é a solução morfológica e funcional encontrada pela vida para responder a todas as exigências do meio. Em relação a qualquer outra forma da qual se afasta, esse ser vivo é normal, mesmo se for relativamente raro, pelo fato de ser normativo em relação a essa forma, isto é, desvalorizando-a antes de eliminá-la. (CANGUILHEM, 2009, p 56)

Desta forma a vida ganha contornos de *singularidade*, por dizer de uma vida que está ligada às características do ser vivo singular e do meio no qual este está inserido. Também temos uma vida que não é estado de vida, mas sim *movimento de variação* e constante busca da melhor conservação de seu estado de vivente. A anomalia como singularização que busca sempre ser uma solução possível para manutenção do estado vivo.

Outra aproximação que nos salta é o conceito de autopoiese de Humberto Maturana e Francisco Varela trazido a nós por Kastrup (1995). Autopoiese como funcionamento dos sistemas da vida que teriam por característica sua *auto-criação*, sua potência de auto posição. Tal conceito se insere ao entendimento de vida seguindo a linha evolucionista – que já procura incluir as dimensões temporal e histórica à vida e suas adaptações. Inserem essa característica de autopoiese à noção de vida por dizerem de uma característica da vida de perenemente recriar-se no sentido de manter sua sobrevivência. O que define a vida, a célula, a unidade primordial do se pode chamar de vivo, é o que esta unidade consegue engendrar como sistema que a diferencia do meio externo, o que a faz diferente e em processo de constante criação. Outra noção que temos contato é a definição de Foucault em análise sobre o conceito de vida também que seria “uma força fundamental que se põe ao ser como o movimento à imobilidade, o tempo ao espaço, o querer secreto à manifestação visível” (KASTRUP, 1995).

Angariamos mais algumas aproximações: vida como *auto-criação*, como história e temporalidade do ser vivente, *processo de diferenciação*, conservação de seu estado de vida por constante adaptação que se faz pelo movimento de criar-se. E ainda, vida como *a mobilidade ao imóvel*.

Vida como passagem, processo interminável de reconstituição, *o que se mantém em movimento*. Vida como conexão feita pelos agenciamentos que realiza, do conectar-se. Pinçamos aqui alguns delineios do que pode se diferenciar vida.

Chamam-se também de vida os modos endurecidos e aplacados da existência, mas com um tom indicativo do cercear de sua forma. Fuganti (2008) nos traz diferenciações da *vida sedentária* e da *vida nômade*, tendo essa diferenciação por base o endurecimento e aplacamento da potência de expansão e diferenciação da vida em uma (sedentária), e da entrada em processo de perene composição e errância da outra definição (nômade). Trouxemos o autor anteriormente em nosso caminho quando este disse da vida sedentária como modos que buscam a segurança, a estabilidade e diminuição de sua potência. O autor diz, então, sobre as vidas ativas que:

(...), ao contrário, não acreditam na adaptação a uma suposta unidade ou substância do real, mas na criação de multiplicidades singulares moventes, onde nenhum fundamento paralisador subsiste. Elas se movem no seio da metamorfose eterna, enquanto artistas sem identidade. (FUGANTI, 2008, p 89).

Vida e errância, vida e movimento, multiplicidade artística. O movimento constante e movente de se metamorfosear, uma vida ativa.

Neste passeio sobre a borda da noção de vida recolhemos diversos dizeres sobre esta. Dizeres que, como suspeitávamos anteriormente, não capturam ou definem estritamente o que se pode chamar de vida. São delineios de, digamos, funcionamentos do que se quer por vida. Ruptura, criação, diferenciação, auto-criação, movimento, passagem, sobrevivência, processos, ou mesmo parada de movimento e imobilidade. Como um conceito que não possui extrato e sim funcionamento, *performance*.

Aparece-nos nessa altura o conceito de acontecimento como uma aproximação potente. Acontecimento que se aproxima por também ser avesso a definições e substratos, e que muito se define por funcionamentos e *performances*. Seguimos por esse caminho.

Acontecimento

A noção de acontecimento nos é trazida por um remonte aos estóicos. Deleuze em *Lógica do Sentido* (2009) resgata a história da filosofia e suas implicações paradoxais tendo como ponto de inflexão a obra de Lewis Carrol. São paradoxos infundáveis onde a questão do sentido e seus aportes e ganchos são trabalhados exaustivamente. Em tal obra nosso autor traz a filosofia estoica com grande energia e a noção de acontecimento percorre com grande intimidade toda a discussão. Numa fala mais direta sobre o acontecimento em si Deleuze nos diz:

O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera. (...), ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece. Bousquet diz ainda: “Torna-te o homem de tuas infelicidades, aprende a encarnar tua perfeição e teu brilho.” (...) Em todo acontecimento existe realmente o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que designamos dizendo: eis aí, o momento chegou; e o futuro e o passado do acontecimento não se julgam senão em função deste presente definitivo, do ponto de vista daquele que o encarna. Mas há, de outro lado, o futuro e o passado do acontecimento tomado em si mesmo, que esquiva todo presente, porque ele é livre das limitações de um estado de coisas, sendo impessoal e pré-individual, neutro, nem geral, nem particular, *eventum tantum*...; ou melhor, que não há outro presente além daquele do instante móvel que o representa, sempre desdobrado em passado-futuro, formando o que é preciso chamar de contra-efetuação. (DELEUZE, 2009, Pg. 152 e 154)

O processo de transformação. O acidente que ocorre e faz irromper o acontecimento, a transformação que se expressa. No agenciamento dos corpos, algo que do acidente se desprende e irradia a transformação para todos os lados, findando e seguindo, deixando somente rastros e notícias de sua fulguração.

Mas o acontecimento se engendra dentro de todo o pensamento estoico. A essa altura alguns delineios de tal pensamento são necessários para a potencialização da noção de acontecimento que se apresenta.

A partir das análises de Fuganti (2008)²³ sobre a filosofia estóica visamos alguns desses pontos potentes de aproximação. Primeiro temos a conceituação de corpos como

²³ Percebemos todo o resgate de Fuganti: Nietzsche, a retomada da filosofia estóica, bem como o resgate de Espinosa em suas noções sobre corpos. É nesse entrecruzamento que buscamos caminhos.

formações que podemos delimitar por sua capacidade de afetar e serem afetadas; definições estas que não são calcadas em circunscrições reducionistas como corpo físico e material tão só, mas que apontam para características de ação (afetar) e paixão (ser afetado) no encontro com outro corpo. Possuem duas dimensões: a elementar, mais próximos a definições concretas dos corpos – homem, animal, pedra -, e também de formação de corpos imateriais, afetivos – corpo sem órgãos, forças potenciais.

(...) o que os estóicos chamam corpo. Os nossos órgãos, nosso corpo organizado e individuado, são já efetuação de outros corpos elementares ou afetivos, corpos sem órgãos. Os corpos elementares são distribuídos em dois grandes princípios: matéria passiva – que resiste – e qualidades ativas – que agem sobre a matéria. O corpo, portanto, é definido como lugar de duas potências: paixão e ação. É similar ao que Spinoza, no século XVII, dirá do corpo, compreendendo-o como potência de afetar e potência de ser afetado. Ou Nietzsche, no século XIX, quando afirma que para haver corpo é preciso pelo menos uma composição de força ativa e força reativa. (FUGANTI, 2008, p 61)

Por esta noção, a definição de corpo dá-se na análise do encontro, pois o *afetar-se* e o *afetar* realiza-se no contato com outros corpos. A delimitação se faz pelo contato.

Assim, se todo corpo possui sua própria essência individual, não há lugar para os modelos genéricos que viriam de fora dar-lhe um limite. O limite do corpo é sempre exterior a ele, mas como efeito móvel ou flutuante de uma potência produtiva interna que se quer cada vez mais longe de seu começo. (FUGANTI, 2008, p 62).

O autor completa ainda, “Qualquer idéia ou forma é apenas uma maneira de um corpo ser, um modo de expressão da potência do corpo.” (FUGANTI, 2008, p 79).

Nesse encontro dos corpos há processos que poderíamos dizer de composição e decomposição, tendo por composição o que aumenta a potência de expansão e de agenciamentos outros de um corpo, e por decomposição o que o faz estrangido e com sua potência reduzida. Todo agenciamento traz esse tipo de transformação, de acoplamento, seja ele entre dois seres, ou mesmo entre corpos afetivos, sociais, dentre outros. A noção de acontecimento dá-se precisamente neste ponto de encontro, de choque dos limites dos corpos e seus processos de composição-decomposição. O acontecimento diria dos processos de transformação de tais corpos em agenciamento, o

que os acomete pelo encontro, no que esses afetam e são afetados. O acontecimento sendo a transformação mútua dos corpos. Mas esse, o acontecimento, não habita ou pertence à existência corporal; dá-se como um atributo dos corpos, mas ele mesmo sendo incorporeal. Ele é a centelha que surge no encontro dos corpos, a transformação instantânea, o processual que diz das transformações ocorridas no encontro e que só existe na duração deste.

Outra discussão que emerge nesse momento é a definição de superfície e profundidade dos estóicos que auxiliam no delinear do acontecimento. Para os estóicos o real é composto pelas duas dimensões: superfície e profundidade, não havendo hierarquização ou mesmo tendências de classificação. Por superfície há o entendimento da dimensão dos corpos, como as formas atualizadas, o que já se faz de forma elementar como definimos anteriormente. Por profundidade diz-se do campo dos afetos, das potências, do virtual que compõe a realidade. Há aqui uma diferença cabal com relação ao pensamento sobre superfície-profundidade de raiz platônica, que faz uma cisão entre o mundo das ideias (das alturas) e o plano concreto (das cópias) – e tal definição tende a propor o plano das alturas (também colocados por vezes como de profundidade no sentido de enfatizar uma distancia da superfície) de forma transcendente, essencial, imutável e verdadeira, fazendo do plano concreto terreno somente de cópias imperfeitas e perecíveis tendo as ideias como modelo. No pensamento estóico não há essa valorização de uma das dimensões, as duas são componentes do real e em constante relação²⁴. O acontecimento habitaria a profundidade do real, dando-se por sobre a superfície. Deleuze (1997a) ao dizer sobre a obra de Lewis Carroll, discute sobre o *non-sense* como arranjos que se apresentam em diversos momentos na obra do autor, e para tal traz a discussão do acontecimento e as localizações de superfície e profundidade. O acontecimento habitaria a profundidade – a dimensão incorporeal –, mas se faria como um brilho puro na superfície – dimensão corporal – dos corpos em mistura. Seria um desprender incorpóreo da superfície, um puro *expresso* das profundezas. No dizer de passagens de Alice no país das maravilhas diz:

²⁴ As discussões da diferença entre as denominações da realidade pela via platônica e estóica são de grande importância e de muitas nuances. Para nosso estudo é necessária a marcação da classificação estóica que concebe o real composto pelas dimensões de superfície e profundidade simultaneamente, em constante contato e relação, sem haver valorização de uma ou outra. Para tais discussões mais detalhadamente ver Deleuze, *Lógica do sentido*, 2009.

Não que a superfície tenha menos não-senso do que a profundidade. Mas não é o mesmo não-senso. O da superfície é como a 'Cintilância' dos acontecimentos puros, entidades que nunca terminam de chegar nem de retirar-se. Os acontecimentos puros e sem misturas brilham acima dos corpos misturados, acima de suas ações e paixões emaranhadas. Como um vapor da terra, desprendem da superfície um incorpóreo, um puro 'expresso' das profundezas: não espada, mas o brilho da espada como o sorriso sem gato. (DELEUZE, 1997a, p 32)²⁵

As profundezas evocadas por Deleuze como a dimensão incorpórea onde habita o acontecimento, e esse brilhar por sobre os corpos pelo acontecimento que se dá exatamente no processo de transformação dos corpos, nessa dimensão corporal, sem ser capturado ou contido em tais. O acontecimento, então, sendo incorpóreo, não habitando a dimensão dos corpos, mas mantendo relação intrínseca com estes.

Outro ponto crucial no pensamento estóico é a definição de incorporais. Com o apoio novamente de Fuganti seguimos este rastro. Existem dois principais incorporais: o vazio e o tempo²⁶. No contato dos corpos com o vazio – o não-lugar –, há o surgimento do lugar, da localização como atributo incorpóreo dos corpos. E no contato destes com o tempo surge o acontecimento. O acontecimento seria, então, um atributo dos corpos, numa existência extraída das formas em agenciamento, sem habitá-las por completo. Um incorpóreo que surge a partir do contato dos corpos, sendo no momento de transformação destes sem os encarnar. Acontecimento como processo de *transformação contínua*, sem possuir substância, em *movimento*, na *composição-decomposição específica* de um encontro de corpos. Recorremos a Fuganti novamente:

²⁵ Nessa passagem identificamos o apontamento de Deleuze sobre a relação entre linguagem e acontecimento, quando diz do puro "expresso" das profundezas. É de grande importância tal relação; discutiremos com mais atenção no seguir do texto, tendo somente a atenção a essa altura de perceber uma íntima relação entre a linguagem com a característica de acessar o acontecimento que se atribui aos corpos sem apreendê-lo. A linguagem e sua capacidade de apontar o acontecimento. Para maior atenção sobre as análises sobre a linguagem e o acontecimento ver *Mil Platôs vol. 2, 20 de novembro de 1923 – postulados da lingüística*, Gilles Deleuze e Félix Guattari. A citação diz respeito à *Crítica e clínica*, Deleuze (1997a).

²⁶ Há uma diferenciação entre o tempo incorpóreo denominado por *Aion* pelos estóicos, e o tempo dos corpos sendo o tempo *Cronos*. Sua diferenciação se faz tendo o tempo *Aion* como o tempo que *não passa* - o tempo sempre do presente imutável -, e o tempo dos corpos, *Cronos*, como o tempo que passa, sendo um eterno presente também, mas *em constante passagem*, se remetendo a um passado e apontando para um futuro. O acontecimento dá-se no ponto de toque entre essas duas dimensões, denominada *instante*.

Quando os corpos se encontram, dizem também que eles são causas – não causas uns dos outros, mas causas de efeitos de outra natureza que os corpos, efeitos incorporais. Os seres, quando se encontram, geram uma *centelha*, fazem emergir um extra-ser, algo que não existe – porque só o que existe são os corpos – mas que não deixa de ser real; algo que se atribui aos corpos mas que não se confunde com as qualidades corpóreas ou estados de corpos; (...) (FUGANTI, 2008, p 76, grifo nosso)

Acontecimento como *centelha* desse roçar dos corpos em mistura, na rugosidade da superfície. Realizamos uma delimitação do acontecimento com apresentação de sua grande *performance e funcionamento*. Esta discussão nos é cara pela aproximação posterior que buscaremos realizar entre acontecimento e vida.

Relâmpagos de tormenta: vida e acontecimento

No percorrer de linhas de vida pescamos funcionamentos, movimentos, formas que só são vivas por estarem a funcionar. Desaparece aqui qualquer possibilidade de ter a vida nas mãos (ainda bem, não saberíamos o que fazer com ela, nunca sabemos). Ao nos aproximarmos do acontecimento temos este também como uma transformação, instante de mudança, o que é na passagem.

Cambiamos, então, a consideração da vida como conceito a ser trabalhado, buscando tirar dela qualquer decalque que a transforme em bloco de significação. Pensamos os corpos e seus encontros e onde estaria a vida aí. E nesse aproximar do agenciamento dos corpos soergueu o acontecimento. Acontecimento este que se mostrou como a vida anteriormente: também se fez por funcionamentos, movimentos, atribuído aos corpos presentes, mas sem ser por eles capturado ou contido; sem substrato, mas demarcando sua passagem. Tão vivaz se faz o acontecimento, e tão fugidio também.

Fazemos um giro pensando vida, então, pela via do acontecimento. Da vida é somente o seu apresentar-se sobre os corpos, não tendo existência fora deste ponto, mas sem ser contida por completo nos corpos, e nesse ponto ela mostra-se muito próxima do acontecimento. No sentido em que a vida impregna, percorre, encarna, possui, pulsa, abandona, morre e renasce, por sobre todos esses corpos nos quais temos suas notícias.

Sendo assim, nossa conceituação de vida não tão somente expande seus domínios, mas espalha-se por sobre toda essa cartografia que buscamos realizar. Ela é modo de existência, ela é vontade de potência no entre das forças. Ela é no que, mais incrivelmente, não é mais somente inapreensível, invisível, inimaginável, tão só. Ela é nos interstícios do real, ela se faz no momento de conjugação das dimensões do atual e do virtual. Ela como *faísca* no roçar dos grãos duros das estratificações, no cruzar de todas as forças, bordeada pela massa amorfa do Fora – em todo seu infinito indeterminado – a impulsionar seu movimento. Ela vida-acontecimento no convocar duma formatação estável na dinâmica do tempo cronológico, e ela que tão facilmente perece junto com tal forma. Ela que migra para o próximo movimento, não como alma inabalável que tão só se transpõe de corpo em corpo - de forma em forma -, mas como o que morre tão logo o movimento estanca ou cessa, e que já está a nascer alhures de inusitadas situações diferentes onde um fluxo acha brecha. Vida como a atualização faiscante possível, esse momento intenso de criação para permanecer na faísca. Vida como unicamente a potência de resistir, como o que, afinal, perdura como pulsar que não pertence ao doador do pulso naquele ligeiro instante, o que dura fugaz na precibilidade dos corpos.

Vida-acontecimento... inusitada junção, pois é do acontecimento ser do tempo *Aion*, acontecimento remetendo aos incorporais que se imprimem, se atribuem, nos corpos em agenciamento. E buscamos então escutar da vida esse seu grito de querer o tempo do *Cronos* também, para ter forma, para incorporar as formas, para existir insistente. Uma vida atributo como o acontecimento, mas que insiste em persistir o *acontecer*. Uma vida que é busca contínua de conservar os acontecimentos, de criar uma possibilidade de perdurar.

Deleuze (1997b) em seu texto *A Imanência: uma vida...* traz a discussão sobre vida de forma muito próxima a que procuramos realizar. Levanta a discussão sobre plano de imanência e plano de transcendência, no sentido de relacioná-los, dizendo de uma imanência que daria suporte para o surgimento de elementos transcendentais (elementos estes referente à experimentação, à experiência do fenômeno, diferente de transcendente como elemento imutável e ideal), sendo essa, a imanência, fundada pelo que o autor

denominou de *uma vida*²⁷. O interessante é perceber que quando o autor busca falar sobre *uma vida*, dimensão que propulsora da imanência, essa se aproxima de diversas características que buscamos delinear anteriormente. Deleuze traz:

Diremos da pura imanência que ela é UMA VIDA, e nada diferente disso. Ela não é imanência para a vida, mas o imanente que não existe em nada é, ele próprio, uma vida. Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é potência completa, beatitude completa. (...) O campo transcendental se define por um plano de imanência, e o plano de imanência por uma vida. (DELEUZE, A imanência: uma vida..., 1997b, p 2)

Nesse texto Deleuze relata uma passagem de Dickens: um mau sujeito que estando no leito de morte tem os de seu entorno a mudarem de atitude para com ele, demonstrando condolência e amor ao moribundo, tão detestável para todos até então. Busca frisar o aparecimento de *uma vida* no momento de luta contra a morte, uma vida impessoal e singular que toma o lugar da vida do sujeito:

‘Homo Tantum’ do qual todo o mundo se compadece e que atinge uma espécie de beatitude. Trata-se de uma hecceidade, que não é mais de individuação, mas de singularização: vida pura imanência, neutra, para além do bem e do mal, uma vez que apenas o sujeito que a encarna no meio das coisas a fazia boa ou má. A vida de tal individualidade se apaga em favor da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, embora ele não se confunda com nenhum outro. (DELEUZE, A imanência: uma vida..., 1997b, p 2 e 3)

É-nos caro resguardar a definição dessa vida de artigo indefinido que Deleuze aponta:

Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que tal ou qual sujeito vivo atravessa e que tais objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos. Essa vida indefinida não tem, ela própria, momentos, por mais próximos que sejam uns dos outros, mas apenas entretempos, entre-momentos. Ela não sobrevém nem sucede, mas apresenta a imensidão do tempo vazio no qual vemos o acontecimento ainda por vir e já ocorrido, no absoluto de uma consciência imediata. (DELEUZE, A imanência: uma vida..., 1997b, p 3)

²⁷ A discussão sobre os planos de imanência e transcendência são de grande importância durante toda a obra de Deleuze, não sendo possível entrarmos nela a essa altura sem o fazer de forma superficial. É necessário para nossa colocação reter a definição de *uma vida* que o autor traz e suas características e funcionamentos. DELEUZE, Gilles. *A imanência: uma vida...*

Uma vida que transporta os acontecimentos, os fazendo atualizar. Indefinida, que não possui existência, uma consciência imediata que se faz entre-tempos. Vida que se faz a revelia dos usos, vida que perdura os acontecimentos, que insiste em sobreviver. Poderíamos dizer da faísca raio do céu que interliga com potência os corpos em vários níveis, que é enérgica e só existe enquanto acontece. Inapreensível, mas que anima tudo.

Chegamos a uma aproximação:

Acontecimento – centelha, pois é o que salta do engaste dos corpos. Salta e se apaga, deixando rastros de transformações atribuídas aos corpos, mas findado em seu acontecer. O risco de luz e as interferências que efetua.

Vida – faísca, porque se faz no entre dos corpos – enérgica como a centelha –, mas ainda os liga fortemente, sem saltar, permanecendo nas superfícies. Corrente que insiste na energia, sem substrato, mas perdurando seu processo.

Não se pode dizer nada mais, nunca se disse nada mais: tornar-se digno daquilo que nos ocorre, por conseguinte, querer e capturar o acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos e por aí renascer, refazer para si mesmo um nascimento, romper com seu nascimento de carne. Filho de seus acontecimentos e não mais de suas obras, pois a própria obra não é produzida senão pelo filho do acontecimento. (DELEUZE, 2009, p. 152)

Vida é criação, não há mais por que buscar dentro dela os modos, tendo a vida como uma grande bolsa placentária onde se gestam as atualizações. É ao revés: as dimensões do real, as forças, os estratos, o Fora, são a placenta donde a vida se nutre e salta de dentro do acontecimento e se faz faísca no agenciamento. Ela está no choque, no processo do acontecimento. Mas este não pertence ao tempo *Cronos*, permanece incorporal e ausente, sendo ele acontecimento do qual temos notícias e impressões do processo, mas muitas vezes como o *acontecido* ou seu *potencial*, a não ser no momento de frenesi em que ele se atualiza. **É aí que existe a vida, ela é o frenesi.** A vida é o alinhavo que só emerge enquanto e quando acontece, em agenciamentos tantos. O frenesi de atualização dos acontecimentos fugidios e plurais. Ajuntamos então nosso aproximar da vida. Vida não confundida com o acontecimento. Mas siamesa deste, insistente parceira.

Outra via de suporte para nosso pensar da vida pela via do acontecimento apoia-se na concepção de desejo. Por desejo entendemos os afetos e potenciais que emergem de um agenciamento. Concepção esta que busca afastar-se de concepções do desejo sendo originado de um *eu* constituído – o *sujeito* que deseja. Procuramos durante todo esse tempo desfazer esses aportes iniciais de Sujeito e Objetos que a linha hegemônica do pensamento segue. Pensar, então, o desejo que remete a um plano coletivo, não capturável ou remetido a qualquer sujeito. Desejo como fluxo de forças presentes em todas as dimensões do real, sem pertencerem a um ponto fixo, mas intensidades, busca constante de efetivação. Linhas de força de origem múltipla: fluxo do encontrar dos corpos, permanecendo, assim, coletivo e em movimento contínuo. O desejo habitaria o entre corpos, no encontro destes e por estes, mas nunca se assimilando por completo. Desejo que se mostra a nós muito próximo da noção de incorporal descrita anteriormente. Por localizar-se no *entre* dos corpos, diz das forças afetivas que emergem do encontro dos corpos, como que habitaria a profundidade estóica do real. A vitalidade do desejo se faz sobre os corpos. Desejo fluxo a emergir do meio dos corpos e permanecendo fluxo sem fixação; “Os agenciamentos são passionais, são composições de desejo. O desejo nada tem a ver com uma determinação natural ou espontânea, só há desejo agenciando, agenciado, maquinado” (DELEUZE & GUATTARI, 1997b, p78).

O desejo na profundidade dos afetos, das forças, da potência, sendo ele – desejo – virtual e se atualizando na superfície dos corpos em seu encontro. Cogitemos então: do contato com o *vazio*, os corpos têm o atributo do *lugar*; com o *tempo*, têm *acontecimento*; com o *desejo* teriam, afinal, *vida*! Este que se engendra no desejar dos corpos no agenciamento, que assim ganham movimento, volução. A vida como faísca de vitalidade desejante dos corpos. O frenesi em movimento, a vida...

Nesse mergulho, onde são as diferenças de tempos e variações de velocidade que nos possuem, atravessam e modificam, retomamos a ligação mais íntima com a própria potência de acontecer da natureza – núpcias de devires. Enquanto *natura naturante*, potências necessária de criar, a natureza age e produz o homem através do próprio homem e de seus modos de coletividade, compõe uma real ordem produtiva de causalidade intensiva. Na afirmação do devir algo atravessa a potência e a faz saltar – é a diferença irreduzível da vida ativa que chega na borda de si e mostra o diferencial inalienável e incomparável que só os tipos realmente livres compõem. (FUGANTI, 2008, p 124)

Outra reflexão sobre esta concepção de desejo trazida quando Deleuze & Guattari (1995b, p 29) descrevem o agenciamento e esse – o desejo - é uma de suas dimensões: o *agenciamento maquínico de desejo*. O desejo sendo assim um engendrar, uma máquina do encontro das máquinas presentes ao agenciamento²⁸. Grande relação entre desejo e agenciamento – bem como a noção de máquina –, seguimos os autores em outros momentos de aproximação:

É que a máquina é desejo, não porque o desejo seja desejo *da* máquina, mas porque o desejo não pára de fazer máquina de máquina e de constituir uma nova engrenagem ao lado da engrenagem precedente, indefinidamente, mesmo se essas engrenagens têm ar de se opor ou de funcionar de maneira discordante. Falando com propriedade, o que faz máquina são as ligações, todas as conexões que levam à desmontagem. (DELEUZE & GUATTARI, 2003, p 138)

Desta forma o desejo perde também qualquer estatuto de pertencimento ou mesmo de origem por sobre qualquer dos corpos presentes ao encontro. Desejo esse que se forma do *engendrar coletivo*, e assim, poderíamos pensar na vida-acontecimento como *singularização* que se faz sobre os corpos no agenciar. Singularização no sentido das transformações atualizadas em cada corpo sem os tornar uma unidade completa. Peculiaridade atualizada da costura de linhas desejanter as quais não domina, mas nas quais realiza uma dobra individuada.

Vida-acontecimento... Vida espuma de borda que existe do choque, do encontro da terra e da água. Choque que se faz calmo, tremulante, rítmico, apaziguado, em salto,

²⁸ A noção de máquina é trazida na linha de pensamento de Deleuze & Guattari numa diferenciação da concepção mecânica. A principal diferenciação tem relação com a quebra da noção de estrutura muito presente na concepção mecânica. Por mecânico entendem-se linhas de pensamento que funcionam por modelos estruturais, partes estáticas em um funcionamento estrito, como o pensamento do corpo como órgãos especializados que ao se justaporem formariam um organismo em equilíbrio. Por máquina – ou funcionamento maquínico – pensam-se cada parte como uma engrenagem de conexões diversas e acoplamentos não preestabelecidos, funcionamentos que se efetivam pelo que se demanda nas conexões, onde a justaposição não garante um funcionamento ideal, mas o engendrar de nova máquina – esta tendo, por si, novas possibilidades de conexão e funcionamento. A diferença cara para nós é a potência de conexão e de funcionamento que a noção de máquina traz, negando noções de funcionamento correto ou ideal, um tanto quanto reducionista, bem como de formas mecânicas estáveis. Outra reflexão a ser pontuada a essa altura é que Deleuze & Guattari tem o agenciamento composto pela dimensão maquínica desejanter que apontamos aqui, mas também sua faceta de agenciamento coletivo de enunciação – esta concepção será resgatada com mais calma quando nos focarmos no agenciamento no seguir desse trabalho.

efervescente, rochoso, cavernoso, enlameado... Espuma do desejo grande que me faz mar e areia. O desejo de ser litoral.

Dentro de nossa paisagem interstício que viemos montando, pensamos na vida que habita tal aragem. De areia e mar se faz a costa, e nos seres vemos o faiscar da vida. Vida que se faz nas bolhas da areia, no plâncton já água até, e nos enormes animais que habitam o líquido e o sólido; vida que tanto se refaz na beira da praia. Baleias imensamente pesadas que moram nas correntes, emergem e submergem, se alimentam engolindo água, precisam do limite da superfície para sobreviver, nadando em todas as direções, reverberando dentro d'água, até a morte na areia ou no esquecimento abissal. O queimar das águas vivas que as delimitam e mostram sua vitalidade, e o frenesi dos tubarões encegueirados em sobreviver. Moluscos moles e duros nadando e se arrastando. Esses seres que juntam a resistência e a fragilidade em corpos os mais diferenciados. Na borda é necessário tudo pra viver. E acontece a cada instante mais uma movência do terreno, uma ressaca mais forte, um vento que muda de direção, o sol que se esconde ou se intensifica; e a faísca vital como um raio que corta tudo, ligando céu, água, chão, e que parece inusitadamente ser cativado em cada ser que luta por mais uma pulsação vital.

O leite da vaca, nós bebemos. E se a vaca não deixa, usamos de violência.
(Na vida e na morte tudo é lícito, viver é sempre questão de vida-e-morte.)

(LISPECTOR, 1998, p 151)

O QUE SE SUSTENTA EM PÉ SE APRESENTA: COMO CONSERVAR EXPLOSÃO

Ressoam: – A ostra e o vento, Chico Buarque;

– As vitrines, Chico Buarque;

E por que arte afinal? De onde vem essa ligação de locais, aparentemente, tão distanciados? Estamos aqui a buscar o exercício do pensamento no forjar da vida. Consideramos o pensamento da maneira de nossos intercessores. Pensamento que seria

o exercício de problematização das formas atualizadas e que, nesse questionamento – feito por vias afirmativas de novos possíveis –, traz consigo a diferença que incita o processo de desterritorialização e a criação. Pensamento ativo que não aporte a um *Eu* racional que duvida do mundo real posto a sua frente, um mundo *Objeto* passível de sua exploração e interpretação. Pensamento que se faz do emaranhado das forças, da potência de diferenciação e movimento inerente à vida. Pensamento como o *mergulho na profundidade dos fluxos turbilhonantes da terra* (FUGANTI, 2008, p 56).

Nosso terreno ganhou contornos e foco. Agora também faíscas nos cantos: sob a areia fazem bolhas de respiração, no caldo das ondas volteiam, habitam indeterminadas nas correntes, sobre as pedras desgastam roendo sua superfície, silvam no encharcar das águas, saltam sobre a linha da superfície e exploram o profundo. O pensamento que se faz a revelia das formas e se põe em ato como questionamento afirmativo, exercício que quer impulsionar o movimento constitutivo de nossa paisagem e seus habitantes. Ela, a faísca, em constante balançar e realocar todos, habitando o balanço.

Apoiados em Deleuze & Guattari (1992) encontramos ter gêneros de exercício do pensamento: a filosofia, a ciência e a arte. Por funcionamentos diferentes e atributos diferenciados, buscam esse pensar ativo da realidade. Sua diferenciação será explorada posteriormente. Por agora nos debruçamos na arte não como uma escolha que se faz a melhor para nós. Essa escolha se impõe a nosso caminho, enigma que salta a nossos olhos. Arte que insiste em nos desterrar. À arte, enfim.

Arte e acontecimento: bolha de vidro

Em nossas linhas desembarcamos no agenciamento dos corpos como porto para todo nosso pensar. Assim seguimos com a vida faísca, com o acontecimento centelha. E por tal, seguimos nesse agenciamento.

No agenciar dos corpos emerge o processo de transformação como localizamos anteriormente. A tal processo, por diversas vezes, chama-se de *devoir* dos corpos implicados. Se falamos de vida e acontecimento que se localizam no interstício das transformações dos corpos e dizem diretamente de tais transformações, nos parece

necessário fazer uma diferenciação entre devir e acontecimento que posteriormente nos ajudará a aproximar nossos três focos: a vida, a arte e o acontecimento.

Há uma diferença que nos parece crucial entre devir e acontecimento. As duas noções muito se aproximam e por vezes se confundem. Principalmente porque dizem do processo de transformação das formas, movimento de composição/decomposição a partir dos agenciamentos, do movimento da vida. Mas há uma grande diferença ao se aproximar os dois.

Pensar o devir sempre se dá por sobre um agenciamento, dizendo dos processos de transformação ocorridos em uma forma e noutra, num corpo e noutro. Um corpo, ou forma inicial, entra em devir ao se agenciar com outro corpo, e descreve-se dizendo de um processo de devir do primeiro corpo a partir do agenciar com o outro elemento. Diz de um processo de questionamento da forma primeira (aqui sendo ambos os corpos em agenciamento) que se deriva e compõe com a outra forma. Não no sentido de transformar-se uma forma na outra, mas de um processo de transformação pelo encontro com o corpo diferente, que a arrasta numa composição com linhas da outra forma. Processo de co-criação, dum intersticial onde as formas, os corpos, não se confundem, mas se transformam singularmente a partir do encontro.

Nas palavras de Deleuze & Guattari buscamos mais características do devir:

Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação. (...) Devir não é progredir nem regredir segundo uma série. E sobretudo devir não se faz na imaginação, (...) Eles são perfeitamente reais. (...) Enfim, devir não é uma evolução, ao menos uma evolução por dependência e filiação. (...) Devir é um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica. Devir não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir, produzir uma filiação, produzir por filiação. Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a 'parecer', nem 'ser', nem 'equivaler', nem 'produzir'. (DELEUZE & GUATTARI, 1997a, p. 18 e 19)

Pegemos o exemplo da carne e da faca, no que a faca corta a carne. O agenciamento se dá no momento do encontro dos dois elementos, e os dois se transformam por esse encontro, pelo corte. Poderíamos dizer de um DEVIR-FACA DA CARNE, ou mesmo de um DEVIR-CARNE DA FACA, e as transformações – carne cortada e faca suja – são como atualizações do processo de devir no qual os dois entraram no agenciamento,

sendo que estas formas novas não contêm mais o processo - o devir -, mas sendo marcas dessa transformação. A faca não se transforma em carne, mas sofre alterações e transformações durante o processo do corte, e tem uma forma diferente da inicial após o encontro. Sem o encontro com a carne, a faca não estaria suja (ou com o fio ligeiramente menos afiado), ou mesmo a carne não estaria cortada.

Diz-se que a linguagem possui a característica de apontar o acontecimento²⁹. A partir desta entrada iremos analisar então o mesmo exemplo pela via do acontecimento. Os elementos faca e carne estão em um agenciamento. O acontecimento dirá do mesmo processo de variação que o devir apontou inicialmente, mas o acontecimento (pelo uso da linguagem buscamos o apontamento deste) aloja-se no CORTAR. Instaura-se o apontamento do acontecimento do processo de variação no agenciamento carne-faca como um infinitivo: CORTAR. No mesmo exemplo que do devir, o acontecimento diz do mesmo processo de transformação, mas já não se localiza com apoio nas formas concretas desse agenciamento específico. A escolha do infinitivo vem da busca de afiar a linguagem em vista de apontar ao máximo o acontecimento: o infinitivo, que diz do acontecimento, difere de fixações e apoios ocasionados com substantivos e adjetivos. O infinitivo que é extremamente específico com relação a um processo de transformação de corpos em agenciamento, mas que foge de capturas e fixações:

(...), puros acontecimentos incorporais impassíveis, na superfície das coisas, puros infinitivos dos quais não se pode sequer dizer que são, já que participam, antes, de um extra-ser que envolve o que é: 'avermelhar', 'verdejar', 'cortar', 'morrer', 'amar'... (...): entre a profundidade física e a superfície metafísica; entre as coisas e os acontecimentos; entre os estados de coisas ou as misturas, as causas, almas e corpos, ações e paixões, qualidades e substâncias, por um lado, e, por outro, os acontecimentos ou os Efeitos incorporais impassíveis, inqualificáveis, infinitivos que resultam dessas misturas que se atribuem a esses estados de coisas que se exprimem nas proposições. Nova maneira de destituir o É: o atributo já não é uma qualidade relacionada com um sujeito pelo indicativo 'é', é um verbo qualquer no infinitivo que sai de um estado de coisas e o sobrevoa. Os verbos infinitivos são devires ilimitados. (DELEUZE & PARNET, 2004, p. 77)

²⁹ Duas dimensões do acontecimento: ele como atributo dos corpos, e ele apontado pela linguagem. Tal análise feita por Deleuze & Guattari como uma característica da expressão nos acompanhará neste estudo e retornaremos posteriormente. Por enquanto nos é útil a noção de que as transformações dos corpos, o acontecimento, dá-se de forma ininterrupta e contínua nos corpos, e que pela expressão há o momento de transformação instantânea de uma forma inicial antes da mistura e outra que dá-se pela transformação. Maiores discussões sobre a linguagem e o agenciamento, bem como as noções de conteúdo e expressão, buscar Deleuze & Guattari 1995b.

Ele, o CORTAR, não pertence nem a faca, nem a carne. Ele, acontecimento incorporal, diz do processo de transformação e torna-se, assim, atributo desses corpos – carne e faca –, mas habita outra dimensão que não a corporal, permanecendo ele palavra processual como centelha do agenciamento que se extingue no que se faz.

Outra forma de perceber a diferença entre devir e acontecimento é colocando-os em uma formação esquemática. Com o exemplo que viemos utilizando montaríamos assim o agenciamento carne e faca, e descrevemos os processos de transformação pela via de cada um de nossos conceitos – o devir dos corpos e o acontecimento, respectivamente –:

AGENCIAMENTO	CARNE	FACA
Via do <i>Devir</i>	DEVIR – FACA ou CARNE	
Via do <i>Acontecimento</i>	CORTAR	

Buscamos analisar os dois conceitos de forma esquemática no sentido de buscar visualizar as sutis diferenças. Ao se escrever o processo de devir monta-se a palavra *devir* primeiramente – apontando a transformação processual e contínua – e, após a inflexão pelo hífen, a forma (o corpo ou a partícula de diferença que incita a transformação) para a qual a transformação é apontada. O acontecimento em infinitivo seria exatamente o hífen do escrito, o hífen entre a palavra devir e o substantivo. Salta do hífen sem perder a continuidade do processo e das formas implicadas, mas extraindo-se da correlação dos elementos, atribuindo-se aos corpos em agenciamento sem ser capturado ou definido a partir deles. O hífen do devir como o *imiscuir* dos elementos e de onde brota o acontecimento.

Esta diferenciação se faz extremamente necessária quando, pela conceituação de Deleuze & Guattari, pensamos na arte como uma forma de exercício do pensamento. Em *O que é a filosofia?* os autores definem ciência, arte e filosofia como exercícios do pensamento – maneiras de exercer o pensamento que dá ao questionamento das formas e à criação do novo. Esse pensar questionador – que difere de uma tradição cartesiana que atrela pensamento à razão – tem como elemento indispensável a diferença, a partícula disruptiva que se apresenta às formas e, por não ser incluída ou capturada, tem

esse poder de questionar e incitar a transformação, uma entrada em devir criativo de nova forma. O pensamento definido por sempre “enfrentar o caos, traçar um plano, esboçar um plano sobre o caos.” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p 253). O caos como as multiplicidades, e o pensamento a traçar possibilidades. E nesse pensar cada exercício lida com esse traçado no caos com especificidades: a ciência trabalha na criação de funções; a filosofia na criação de conceitos; e a arte cria agregados sensíveis. Diz Deleuze (1992) ainda:

Cada uma delas é criadora. O verdadeiro objeto da ciência é criar funções, o verdadeiro objeto da arte é criar agregados sensíveis e o objeto da filosofia, criar conceitos. A partir daí, se nos damos essas grandes rubricas, por mais sumárias que sejam – função, agregado, conceito –, podemos formular a questão dos ecos e das ressonâncias entre elas. (DELEUZE, 1992, p 158)

Foquemo-nos então na arte. Ela trabalha na formação de agregados sensíveis (também descritos pelos autores como blocos de sensação) compostos por perceptos e afectos, que não dizem mais de percepções e afecções concretas, mas sim de partículas extraídas de tais. Nesta análise, eles dizem que arte teria como atributo a conservação. “A arte conserva, e é a única coisa no mundo que se conserva. (...) O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é *um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos.*” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p 213).

Nisso a arte teria como principal característica a composição de tais blocos extraídos de percepções e afecções, também denominado por *monumento* pelos autores. Dizem sobre esse monumento:

O monumento não atualiza o acontecimento virtual, mas o incorpora ou o encarna: dá-lhe um corpo, uma vida, um universo. (...) Estes universos não são nem virtuais, nem atuais, são possíveis, o possível como categoria (“possível, por favor, senão eu sufoco”), a existência do possível, enquanto que os acontecimentos são a realidade do virtual, formas de um pensamento-Natureza que sobrevoam todos os universos possíveis. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p 229 e 230)

E conserva-se isso. E nisso reside seu poder de exercício de pensamento questionador, como a exposição da diferença, do inapreensível, do extraído de percepções e afecções sem as ser mais, e sem trabalho posterior de novo fechamento ou apontamento de curso

para o processo³⁰. Ostentar uma ruptura questionadora. Erguer monumento de sensações extraídas do real, compor com elas, extrair para expor, sem buscar concluir. Traçar caminhos, mas sempre fugir, sempre em escape. O artista, em seu procedimento singular, traça essa linha de fuga, busca arrancar das percepções e afecções os perceptos e afectos, e os expõe.

Conservação esta que seria do disruptivo do pensamento. Conserva. A arte conserva esse disruptivo. Pareceu-nos que tal definição não daria conta, por si só, da especificidade do poder questionador e criativo no pensar da arte. O que se conservaria? Mais um paradoxo – mais um desafio da práxis. Onde se conserva isso? O que implica dizer isso, como potencializar isso?

Pela análise anterior, pensamos que tal ruptura seria fruto de um agenciamento, do devir que diz da vida e sua constante criação, dos acontecimentos que se incorporam e encarnam nos blocos de sensação forjados pelos autores. A arte teria, então, como atributo paradoxal conservar um processo de transformação! Conservar um processo. Deixá-lo vivo e pulsante em “formações”, arranjos sensíveis, um monumento extraído de processos perceptivo-afetivos particulares e encarnados por sobre bases finitas e concretas. Pois então, o que se conservaria deste processo de composição do bloco de sensações?

Empreendemos, então, uma aproximação dessa linha de raciocínio por sobre um agregado sensível: o livro.

Num contato com um livro, entramos em contato com todo o processo que se faz ali, em palavras concretas, que dizem dos encontros e transformações por vezes de personagem concretizados, ou mesmo realizam-se no exercício concreto dos signos linguísticos e

³⁰ Reafirmamos esse não fechamento que a arte inflexionaria no exercício do pensamento, para salientar que o erguer do bloco de sensações, com a extração dos perceptos e afectos, se faz de forma a afirmar novos possíveis. Ou seja, a arte acaba por não propor um novo “fechamento” como é da característica da função na ciência e do conceito em filosofia. Mas afirmamos aqui a porosidade e a potencia de ruptura que o bloco de sensações possui frente às funções e aos conceitos. Propõem novas formas de sensação, erguem nova possibilidade de vida, sim, mas nos dão a força de permanecerem em processo de traçar das linhas de fuga com mais energia que os outros esquemas do pensamento. Parece-nos que esse procedimento da arte se conserva em possibilidade de rupturas outras, o que parece muito mais arrefecido em funções e conceitos que propõem novos possíveis, mas tem um ancoramento muito mais forte em se fechar numa conclusão. O bloco de sensação sendo aqui mais arredio à captura e à sobre-codificação. Arriscamos aqui, mas estamos buscando a força explosiva que a arte possui.

suas transformações e variações experimentadas na atualização do escrever. O livro – bloco de sensação – com seus diversos caminhos de entrada e criação infundável. Mas o que então seria conservado aí que tem possibilidade de acesso, de agenciamento, com minha “forma” (aqui o *eu* como o leitor que entra em contato com o livro) e teria, ainda assim, conservado sua propriedade de ruptura - por ser exercício de pensamento -, que daria a mim um processo de dessubjetivação, ou seja, um processo de devir criativo? O que estaria extraído em perceptos e afectos dentro da composição *livro* que possui poder de ruptura ao se encontrar comigo e com tantos outros leitores? Como uma história de uma mulher, adulta, burguesa, branca, no Rio de Janeiro da década de 1970, que está só em um apartamento de luxo, num encontro com uma barata no quarto da empregada, pode conservar algo dali que me afeta e afeta outros? O que se ostenta nas palavras de Clarice e que se conserva como disruptivo no agenciamento com um leitor?

É de toda arte que seria preciso dizer: o artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele nos dá para nós e nos faz transforma-nos com eles, ele nos apanha no composto. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p 227)

Dizendo do exemplo do livro de Clarice Lispector *A paixão segundo G.H.* (1998) vemos, num resumo muito rápido, um processo de devir-barata da personagem G.H., talvez até também de um devir-G.H. da barata. Poderíamos pensar em todo o processo de dessubjetivação e criação forjado no livro. Processo esse que pode se alojar em diversos pontos do relato: na barata, em G.H., na cidade, na humanidade, na vida, na matéria, no tempo... Mas, na colocação e no proceder da arte apontada por Deleuze & Guattari (1992) o que se conservaria no bloco de sensações erguido por Clarice em *A paixão segundo G.H.*? O que despontaria, como num processo de extração de tais percepções e afecções, que se mostra ainda brilhante e conservado?

Recorremos ao acontecimento, no seu suplantar dos corpos sem perder a continuidade e a singularidade de sua emergência. O que nos se apresenta poderia ser, então, o EMBARATAR ou o EMULHERIZAR, ou mesmo o ENANIMALIZAR, ENUMANIZAR, EMATERIALIZAR...

AGENCIAMENTO	G.H.	BARATA
Via do <i>Devir</i>	DEVIR	– G.H. ou BARATA
Via do <i>Acontecimento</i>	EMBARATAR	

São infinitivos despontados da concretude da história que poderiam ser perdurados, enfim, e, no que se conservam, guardam sua força disruptiva e inesgotável. Acontecimentos infinitivos que insistem conservados no livro – que perduram extraídos e cheio de disrupção intocável e aberta para nós. A arte e sua característica de ostentação e apresentação da ruptura no exercício de pensamento, desencadeando agenciamentos e processos de criação. O que é ostentado pelo livro concreto mostra-se como acontecimento, que mesmo preservando sua referência ao agenciamento relatado na obra e sendo de traçado extremamente singular – este acontecimento, por mostrar-se no infinitivo, possui ainda sua força e se refaz incessantemente tantas vezes o livro for lido.

O jovem sorri na tela enquanto ela dura. O sangue lateja sob a pele deste rosto de mulher, e o vento agita um ramo, um grupo de homens se apressa em partir. Num romance ou num filme, o jovem deixa de sorrir, mas começará outra vez, se voltarmos a tal página ou a tal momento. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p 213)

O leitor EMBARATA ao ler o livro, EMULHERIZA pelas frases, sempre de modo singular, tantas vezes forem os agenciamentos, e é lançado a nova criação em seu devir-barata-G.H. Como falamos anteriormente ao diferenciar acontecimento e acidente, o leitor se “acidenta” nos acontecimentos em infinitivo... E não estamos a dizer que tais acontecimentos estão como documentados nas palavras encadeadas da autora, mas sim que eles pairam e se desprendem destas, conservados e intocáveis. Daí o grande espanto e potência de um livro ter infinitas entradas, vivências e acoplamentos possíveis. Indicar o EMBARTAR nesse nosso trabalho se faz como exercício situacional, pois sempre se dão outros acontecimentos, posto que sempre é um novo agenciamento a ocorrer, sendo novos caminhos descascados ao infinito nas palavras do livro, sendo também o leitor sempre mais um em vias de ser. Cada nova leitura é novo acontecer, posto que somos sempre outro e o livro é plural de acontecimentos e caminhos. E como completam

Deleuze & Guattari firmando a conservação sempre por uma transformação ao trazerem o dizer de Cézanne: “‘Há um minuto do mundo que passa’, não o conservaremos sem ‘nos transformarmos nele’ (...)” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p 220).

Soerguem imagens de um vídeo: É um corpo na praia que sempre está a se levantar, mas sempre se levanta uma vez mais e diferente... é o tofu que é cindido ininterruptamente pela lâmina, são os passos na mata ciliar a descobrir novos caminhos imperceptíveis, as bolas de gude a ferver na panela sem nunca parar de tilintar e sem derreter... Acontecimentos aqui evocados pelo vídeo que nos assalta nesse instante...³¹

No caminhar da borda, por entre as faíscas encontramos pequeninas bolhas preservadas. Finas películas, incessantes em seu despontar, não cessando em borbulhar novamente.

Conservam-se os acontecimentos, no mais paradoxal dos sentidos.

A arte, por seu uso

Ressoam: – Eu quero é botar meu bloco na rua, Sérgio Sampaio;

– Por quê você faz cinema?, Adriana Calcanhoto;

Uma obra de arte é o que se mantém em pé, dizem Deleuze & Guattari (1992). Obra que não necessita de apoios situacionais, ou contextualizações que a justifiquem. Obra que não se liga por completo a um autor e que, datável, tornar-se-ia somente fruto de um exercício técnico. *Manter-se de pé* da arte como uma formulação de muita contundência para nosso caminho.

Falamos de arte e sua maior característica como exercício do pensamento de conservar acontecimentos. A essa definição liga-se firmemente outra faceta da arte, um

³¹ Encontramos uma dessas bolhas em contato com o vídeo do artista japonês Katsunori Saito, onde este monta todo um jogo de imagens diversas ao som de uma música da cantora Björk *I see Who you are*, vídeo-poesia. As cenas se relacionam intimamente com o percurso de nosso trabalho, mas a essa altura nos é cabal relatar uma cena específica de tal vídeo: há um grande pedaço de tofu sobre uma mesa, e há o aparecimento de uma grande faca, que bem devagar o corta em toda a sua extensão. Saito não nos expõe somente a um tofu que se corta em determinado dia em uma cozinha japonesa, mas ao CORTAR, no arrojo de todo a cadeia de acontecimentos costurados em seu vídeo. Link: <http://www.youtube.com/watch?v=HCWQovDD2B0&feature=related>, acessado em 28/05/11.

entendimento do que se faz na arte. É da arte ter tais características, mas o que podemos chamar de arte?

Tal faceta seria este *manter-se de pé* citado. E nesse *de pé* é necessária atenção. Não diz da obra ser completa e finalizada, ou que é um procedimento que haveria dado conta de todo o processo de pensamento na qual foi concebida. Esta faceta do conservar da arte liga-se ao ostentar anteriormente dito. Mantêm-se de pé a obra que tem a conformação de ostentar o que conserva, como um erguer-se que não diz só de ter consistência, mas aponta para um exhibir. “Manter-se de pé sozinho não é ter um alto e um baixo, não é ser reto (pois mesmo as casas são bêbadas e tortas), é somente o ato pelo qual o composto de sensações criado se conserva em si mesmo.” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p 214).

Exibir este feito por meio de tantos recursos que por vezes facilitam a ostentação ou mesmo labirintizam os acontecimentos que diz respeito. Este conservar que extrai a obra de seu processo de criação, suas bases materiais, seus estudos e referências. O *de pé* que não a desconecta de todos estes pontos, mas ergue e extrai o acontecimento que, ainda assim, mantêm-se conservado.

O mais difícil é que o artista o faça *manter-se de pé sozinho*. Para isso, é preciso por vezes muita inverossimilhança geométrica, imperfeição física, anomalia orgânica, do ponto de vista de um modelo suposto, do ponto de vista das percepções e afecções vividas; mas estes erros sublimes acedem à necessidade da arte, são os meios interiores de manter de pé (ou sentado, ou deitado). (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p 214)

Em outros momentos da obra de Deleuze encontramos mais apontamentos potentes para este uso da arte que nos interessa. É sempre da arte a construção de linhas de fuga, embates desterritorializantes e desinteressados por fechamentos. Bem como é da arte esse criar de novas possibilidades, sejam novas vidas, vidas por vir, dizeres de um povo que não cessa de chegar escapando novamente; *arte delírio*, invenção (DELEUZE, 1997a). A arte relatada por Deleuze é a da *fuga* que não diz duma covardia, mas de uma *traição* ao já posto, uma arte que rompe com os estratos, uma arte-devir incansável (DELEUZE & PARNET, 2004).

É então isso, pintar, compor, escrever? Tudo é questão de linha, não há diferença considerável entre a pintura, a música e a escritura. Essas

atividades se distinguem por suas substâncias, seus códigos e suas territorialidades respectivas, *mas não pela linha abstrata que traçam, que corre entre elas e as leva para um destino comum.* (DELEUZE & PARNET, 2004, p. 88, grifo nosso).

Há aqui um momento, então, de posicionamento. Temos a literatura como a arte vital deste trabalho. Vemos a necessidade de reafirmar nossa posição com relação a tal arte. É-nos necessário negar qualquer uso da literatura e seus tantos discursos como uma arte alegórica. Buscamos um afastamento de qualquer uso conceitual decalcado por sobre a literatura, fazendo-a como metáfora dos conceitos filosóficos ou mesmo forma mais assimiláveis para “compreender” um raciocínio, “já que nenhuma arte, nenhuma sensação jamais foram representativas.” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p 248). E mesmo por que pensamos que tais usos são como que água fria no ferver da literatura, processos de neutralização feitos muitas vezes à base de cerceamento da literatura. Cerceamento este que encarcera a literatura em tratamentos como o de exercícios de imaginação e estéticos (imaginativo como exercício de técnica e estético entendido aqui como parâmetros de beleza e modelos “bonitos”) voltados para si, e tantos processos de infantilização e transmutação dos escritos em mero entretenimento ou fonte de distração tão somente. Aqui, muito mesmo como a ruptura descrita anteriormente, vemos a necessidade de remarcar tal quebra sem necessidade de aporte teórico ou mesmo chave de leitura para que a literatura se mostre de pé e ostente suas linhas de fuga.³²

³² Relato pessoal: Passeio na companhia da literatura há muito, mas me é necessário relatar em que momento o assalto se fez em meu caminho. Posto que temos por diversas vezes de cumprir tarefas na vida escolar, certo tempo tivemos, eu e minha turma de colégio, de ler um conto de Clarice Lispector intitulado *Feliz aniversário*, do livro *Laços de família* de 1964. Pus-me a leitura sem delongas esperando sempre a companhia da leitura que me era corriqueira e, confesso, com certo receio da autora até então desconhecida por mim; autora que na foto da capa tinha certa cara de madame muito rebuscada e até altiva. Qual foi meu desterro. No decorrer do conto que relata uma ordinária festa de aniversário de uma senhora idosa feita em uma casa de classe média do Rio de Janeiro, festa esta recheada de parentes corteses e enfadados pelo protocolo familiar, quando se apresenta algo inesperado para mim. Tapa que recebi quando no decorrer do *Parabéns* entoado sem problemas pela tradicional família, a velha cospe no chão. Aquele cuspe foi pra mim uma ruptura sem precedentes. Cuspe esse que não secou jamais e permanece estampado, grosso, impositivo por todos os livros que li posteriormente. Não havia como capturar o ato da senhora do conto, não há como explicar ou elocubrar o que representa tal ato. E o cuspe permanece inerte e inapagável como um pórtico de toda a força que um relato literário pode possuir. LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Feliz aniversário, Rio de Janeiro, 1994.

Literatura como conservação do contato com o diferente, que nos força a criar e habitar com o novo, seja quando põe uma língua em contato com o não-linguístico ou no diversos devires que nos embarca por ostentar acontecimentos despreocupados em findar. Por si só um arrasto, abertura e criação pelo traçar de linhas de fuga. Livros que são vida. Que são blocos de afirmação que nos lançam para o plural indiferenciado dos processos de produção do si. Chegamos à zona de indeterminação, onde a criação de possibilidades múltiplas se faz presente:

Só a vida cria tais zonas, em que turbilhonam os vivos, e só a arte pode atingi-la e penetrá-la, em sua empresa de co-criação. É que a própria arte vive dessas zonas de indeterminação, quando o material entra na sensação como numa escultura de Rodin. São blocos. (...), porque algo se levanta como o triunfo ou o monumento de sua indistinção. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p 225)

Arma branca de gume firme. Escolhemos a literatura como nossa arma no traçar de linhas de fuga, no ferir dos processos de cristalização, no combate contra a máquina biopolítica, “trata-se sempre de liberar a vida lá onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto.” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p 222).

Seguimos em nosso habitat costeiro e encontramos nossas *armas de fuga*³³. Se vimos anteriormente os seres onde a vida faísca, pensamos também como é num imenso faiscar que são forjadas espadas, facas e lanças de metal. É por energia que se afia o metal, insistindo em fazê-lo faiscar para que este conserve ao máximo seu fio cortante, afiar seu poder de ruptura.

Como tornar um momento do mundo durável ou fazê-lo por si? Virginia Woolf dá uma resposta que vale para a pintura ou a música tanto quanto para a escrita: “Saturar cada átomo”, “Eliminar tudo o que é resto, morte e superfluidade”, tudo o que gruda em nossas percepções correntes e vividas, tudo o que alimenta o romancista medíocre, só guarda a saturação que nos dá um percepto, “Incluir no momento o absurdo, os fatos, o sórdido, *mas tratados em transparência*”, “Colocar aí tudo e contudo saturar”. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p 223)

Faço esse relato não por necessidade de colabar a literatura aos conceitos. É muito mais encontrar a ressonância em meus interesses, para dar força à arte. Isso se fez como um cuspe que insistiu, e é por ele que insistimos.

³³ DELEUZE & PARNET, 2004, p 51 ao citar George Jackson e seu dizer sobre a fuga literária.

Se nossa faísca é vida do litoral, nossas armas são conchas. Durezas reluzentes como jóias, feitas de produtos – secreções – vitais. Um molusco que faz carapaça do dissolver e expandir do próprio corpo. Muco da criação de seu ser faiscante que se conserva firme e afiado. Fluido vivo que envolve o grão de areia intruso e o transforma em pérola durável. Conchas que salpicam a borda mesmo muito depois de seu criador ter findado sua faísca. Cascas que furam e protegem os habitantes da margem, da areia dura e da água mole. A obra de arte endurecida extraída de seu fazedor, marcas de seus crescimento e dos caminhos que andou num extrair-se de seu corpo que transforma-se em dureza conservada. “A única maneira de defender a língua é atacá-la... Cada escritor é obrigado a fabricar para si sua língua... (*André Dhôtel, terres de mémoire, p 225*)” (DELEUZE, 1997a, p 15).

Nossas armas como *conchas* firmes e polidas (o *furta-cor* da *madrepérola* que vem do endurecimento da pele que só um ser vivo pode fabricar – no que ele cresce faz sua casa de seu muco) que no beiral da maré não perdem a pungência por petulância.

Perdidas feito tesouros sob a areia, boiando sobre as águas ou levadas á borda: catamos algumas...³⁴

Chuck palahniuk: Diversos cacos amorfos e afiados, multifacetados e cheios de cores fortes, e incríveis incrustações. Dentes falsos ondulados em beleza cortante, dessas que se leva pra casa como souvenir sem imaginar sua função primordial no corpo da ostra ou mesmo o quão finas e pungentes são ainda suas beiras...

Raduan Nassar: Algumas enterradas fundo nas raízes nodosas e aéreas das árvores do bordo litorâneo. Tubos retorcidos e infundáveis do labirinto espiral, alegorias que se perdem em proporções perfeitas e rachaduras aquebrantadas. São dos matizes da areia, esfarelam de leve lembrando que esse chão também é farelo de concha. A rugosidade e a lisura das superfícies perdidas em padrões e grandes cortes...

Stela do Patrocínio: A imensa concha que guarda o mar dentro, que ao ser soprada estronda bem longe. A espiral da grossa casca cheia de marcas duma longa jornada. Sua

³⁴ O indicar dos autores se fez necessário neste momento, mas iremos trabalhar cada *arma literária* com mais atenção posteriormente em nosso relato. A peculiaridade de cada um, e a maneira como foram descritas neste fragmento já dão indicações de como estas se mostraram para nós, sua força, sua petulância, sua fuga e sua ostentação.

cor viva na lisa parte de dentro da boca, com o externo ríspido e pontiagudo. Todo um corpo endurecido e retorcido que reverbera ampla...

Certo que buscamos empreender essa usinagem da vida, riscando de acontecimento os agenciamentos somente justapostos que o querer biopolítico vislumbra. Apostamos na arte por seu poder de corte, pois ela conserva o acontecimento em sua intempestividade, para que o frenesi vital delinieie formas de vida mais artistas.

Buscamos na arte o que se conserva nela. No que ela, ao postar-se de pé, apresenta. No que ela ergue e encarna, mas que ainda assim a ultrapassa. No inusitado da arte de conservar e ostentar o acontecimento.

ARTE E VIDA FAISCADAS: FRENESI SEM DESCANSO QUE INCITA A CRIAÇÃO

Ressoam: – À palo seco, Belchior;

– Agnus sei, Elis Regina;

– Oriente, Elis Regina;

– Refazenda, Gilberto Gil;

Nas subjetivações de nosso contemporâneo é de muito pouca *vida* que temos notícia. Bem como no que se intitula *arte*, encontramos muito pouco de conservação periclitante.

Num contemporâneo dissolvido e ressecado chegamos a uma borda. Preocupamo-nos em caçar vida e arte. Fomos deslumbrados pelo fugidio da vida, e como esta se vê por tantas vezes cerceada frente à tão cruel paisagem. Conseguimos reforçar vida e obra de arte pelo dito de Deleuze e o apontamento de Foucault. Encontramos ponto de toque. Mas, como por isso em movimento? Para riscar e faiscar é necessário atrito, para viver é preciso encontro, para fazer arte requer ruptura. Seguindo a busca de inflexionar uma estética da existência, nos vemos cada vez mais impelidos a um embate. Uma guerra

onde colocaríamos em movimento nossas aproximações. Se não pelo embate, mas um “encontrão” para agenciar, no limite do encontro, nossas linhas.

Reproduzir implica a permanência de um ponto de *vista* fixo, exterior ao reproduzido: ver fluir, estando na margem. Mas seguir é coisa diferente do ideal de reprodução. Não melhor, porém outra coisa. Somos de fato forçados a seguir quando estamos à procura das “singularidades” de uma matéria ou, de preferência, de um material, e não tentando descobrir uma forma; (...) quando paramos de contemplar o escoamento de um fluxo laminar com direção determinada, e somos arrastados por um fluxo turbilhonar; quando nos engajamos na variação contínua das variáveis, em vez de extrair dela constantes, etc. E não é absoluto o mesmo sentido da Terra: segundo o modelo legal, não paramos de nos reterritorializar num ponto de vista, num domínio, segundo um conjunto de relações constantes; mas, segundo o **modelo ambulante**, é o processo de desterritorialização que constitui e estende o território. (DELEUZE & GUATTARI, 1997b, p 40, grifo nosso)

Erguer máquina de guerra não no sentido de denunciar estes estanques processos de dominação e aplainamento da realidade. Ou mesmo numa rasteira às obras de arte que, mesmo sem pernas, fingem – como num escorar aqui e ali – estar de pé. Não isso, tão somente. Fazemos isso por sentir a rocha a infiltrar e a vazar por todos os lados, a água a recuar por tantas vezes. Como se muito mais tivéssemos fios d água que já encharcam toda a parede, bancos de areia para dar pé. O litoral, a borda, se forma do movimento constante, no curso das marés, no baile das areias, no marchar das dunas lentas, na ressaca do mar, da destruição e reconstrução da faixa caótica, nos pequenos e imensos seres que se delimitam e perduram suas conchas firmes nesse território mutante e pulsátil. E para habitarmos efetivamente não é dada outra escolha a nós que não a nomadologia, a errância de nosso caminho a ganhar cada vez mais impulso. E é um perambular intensivo e potente, muito mais um fazer de nosso perambular o guerrear mesmo.

Em um caso, é minha vida que parece muito fraca, que escapa em um ponto tornado presente em uma relação assinalável comigo. No outro caso, eu é que sou muito fraco para a vida, é a vida muito grande para mim, jogando por toda parte suas singularidades, sem relação comigo, e sem um momento determinável como presente, salvo com o instante impessoal que se desdobra em ainda-futuro e já-passado. (DELEUZE, 2009, p. 154)

Uma máquina que parece já estar a funcionar, que se ergue a nossa revelia³⁵. Nossa máquina de guerra visa enlaçar estes dois combustíveis inesgotáveis, trazendo a arte em sua conservação da centelha disruptiva do acontecimento incapturável que não pertence aos estratos, e no trazer ao encontro com a subjetivação atual fazer riscar até que soerga vivaz a faísca da vida pelos interstícios. No encontro percebemos sempre esse movimento, esse fluxo que se faz de criação constante, de dissolver e reatar novo. Nessa empreitada os corpos que se encontram gerando a faísca e as pontudas conchas de arte. Esse frenesi que se faz por vários pontos que faz de nossa máquina não só engrenagem a ranger, mas conexões que se espraíam. Montar a máquina na borda, bem no meio.

Meio na ponta móvel de um presente intenso que se exprime e se realiza no ato diferencial, o qual nos espera e faz sinal ao tocar o mínimo limiar sensível da matéria que o alimenta e renova com a extremidade pensável do tempo que o faz durar, repetir e continuar. Atmosfera viva de efetuações de um devir que se condensa e se torna mais lento na curvatura do tempo que o dobra sobre si mesmo. (FUGANTI, 2008, p 126)

Jamais seria de responsabilidade salvadora (como *a conversão para os infiéis!*³⁶) da arte tal processo. É inerente a ela ser vida, ser impulso, ser frenesi e potência de criação. Não temos controle, nem buscamos tal. Vida e arte faiscadas. Não só a centelha que pula das superfícies atritadas. Faísca que surge bem no meio das superfícies. Linha elétrica que perdura habitando não os corpos em agenciamento, mas o entre dos corpos. Pra quê serve um livro? Qual a utilidade de uma vida? “É preciso falar de criação como traçando seu caminho entre impossibilidades...” (DELEUZE, 1992, p 171)

Trata-se muito mais de cavar respiradouros e drenar fios d’água, dando fluxo para que um curso se mostre grosso e fresco, quiçá talvez combatendo a esturricação da parede de concreto do dique e salvando do afogamento dormente. Guerrear sempre com atenção ao rompimento total sob a pressão da represa que num só fluxo caudaloso perde

³⁵ A noção de máquina de guerra de Deleuze & Guattari aparece a essa altura, mas será explorada com mais calma na próxima parte do trabalho. Aqui mais um prenúncio do que delineios.

³⁶ Partícula da letra da música *Agnus Sei* cantada por Elis Regina.

limites e arrasta tudo, sobrando pouco mais que lama que secará afinal sem curso d'água algum³⁷.

Se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador. Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível. (...), pois sem um conjunto de impossibilidades não se terá essa linha de fuga, essa saída que constitui a criação, essa potência do falso que constitui a verdade. É preciso escrever líquido ou gasoso, justamente porque a percepção e a opinião ordinárias são sólidas, geométricas. (DELEUZE, 1992, p 171)

O artista dentro da vida, no frenesi das tantas bocas ávidas, no gestar tranqüilo do mexilhão, no mergulho e emersão dos golfinhos velozes, no baile das anêmonas de dedos frágeis na água nutritiva, no escavar dos tatuís, nas árvores fixas finamente na lama movediça do estuário, no coral poroso, na gaivota que não pousa e mergulha firme, na craca que viaja no mesmo lugar, nas tartarugas que bóiam oceânicas e gestam suas crias no chão da restinga, nos caranguejos que debulham a areia e moram no molhado constante, em nosso corpo de intruso que tem por ânsia o beira-mar.

É que o meio não é uma média, ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para a outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE & GUATTARI, 1995a, p 37)

Efetivar o meio como plano de habitação. Uma arte-vida que permanece elétrica, animando as superfícies, lhe empreendendo energia, velocidade. Velocidade de criar, de realizar a refazenda perene da vida que se interessa pela transformação. A fazer das superfícies e dos corpos ainda condutores, molhados, elásticos, consistentes, firmes, que suportem a velocidade, que se ampliem ao toque sem esgarce total, fazendo da corrente vital um curso d'água, uma coluna movente que se debanda e se constitui no seu fluir

³⁷ Aqui estamos a fazer referência à característica do traçado das linhas de fuga descritas por Deleuze & Guattari (1996) “Eis precisamente o quarto perigo: que a linha de fuga atravessasse o muro, que ela saia dos buracos negros, mas que, ao invés de se conectar com outras linhas e aumentar suas valências a cada vez, *ela se transforme em destruição, abolição pura e simples, paixão de abolição.*”, p 112. Traçar as linhas de fuga com atenção para que não se tornem linhas de abolição.

que pede passagem e abre duas margens. Morar dentro da canoa na terceira margem de Rosa, ter a paciência do curso dos afetos – nem afogamento ansioso, tampouco amaro secume (ROSA, 2005, p 77-82). Morar lá onde o braço de mar se abre, onde a areia faz pontal, no costão. Talvez forjar mesmo essa TERCEIRA MARGEM em nós que cá estamos; SOMOS A TERCEIRA MARGEM DESSA PRAIA, com nossa máquina buscando riscá-la sempre e novamente.

E para a duração de tal faísca que tanto queremos afirmar é necessário um cultivo. A faísca que entra em enfrentamento com os processos de subjetivação por vezes tão extratificados ou mesmo “lavados até a alma” os quais discutimos na parte anterior de nosso trabalho. O cultivo da faísca vital por sobre esses processos que tendem a afugentá-la, estando, digamos, em processo de morte como parada e enclausuramento (seja parada de processo ou mesmo dissolvência completa) distanciados da vida que encontramos nesse percurso.

E para animar tais processos aplacados temos a ativação duma *máquina de guerra com armas literárias*, que funcionem numa “riscação” dos corpos. Armas as quais não temos garantia de sua efetivação ou mesmo de seu resultado no fazer cultivador da faísca arte-vida. Mas armas nas quais apostamos por empreenderem energia no movimento de criação incessante, essa criação que buscamos cultivar. Máquina de guerra que se faça em momentos de transformação e criação, que misture os corpos e com ataque em acontecimentos.³⁸ Máquina de fabular, de criar vida e arte. Seguindo Deleuze & Parnet (2004), estaríamos a buscar criar escritores:

O escritor inventa agenciamentos a partir de agenciamentos que o inventaram, ele faz passar uma multiplicidade para a outra. (...) O autor cria um mundo, mas não há mundo que nos espera ser criado. (...) Ao contrário, é preciso falar *com*, escrever *com*. (DELEUZE & PARNET, 2004, p 65 e 66)

³⁸ Essa formação preestabelece o funcionamento de nossa máquina de guerra literária a ser erguida com maior detalhe e cuidado na quarta parte. Para tal esboçamos seu funcionamento por eixos semelhantes ao do agenciamento, buscando efetivar a proposição que acabamos de descrever: os processos de transformação (desfazer e criar) e o embate sobre os corpos em mistura.

Fabulação como a proposta de criar por meio de novos agenciamentos, fabular no criar de caminhos outros que inventem mais, mais potentes³⁹. Arriscando novas formas de ser, de viver, no habitar da realidade como produção desejante. E nessa busca de guerrear pelo traçar de linhas de fuga, ataque pela afirmação conservada do acontecimento, do insistir como funcionamento de devir constante da vida. Nesse embate pela composição, lutar pela vida e pela arte no que estas duas instâncias mais se aproximam, a criação do possível.⁴⁰

Já é adiantada a hora. As conchas tilintam duras e vibrantes em nossas mãos. Não mais visualizar e reconhecer o terreno, nem mais coleta e animação com as vidas e artes do caminho: agora – contato.

Põe a concha no ouvido. Sim, é o barulho do mar, a praia inteira a te chegar, sempre.

³⁹ Utilizamos aqui a noção de *fabulação criadora* que Deleuze forja à partir do conceito de *função fabulatória* de Bergson. Deleuze retira do conceito bergsoniano – sobre a ficção presente nos discursos mágico-religiosos em sua análise de sociedades antigas – e retira daí a potência política e afirmativa da criação ficcional, buscando criar uma zona de indiscernibilidade entre a ficção e a não-ficção. A criação de possíveis que a ficção possui e sua potência de afirmação e radicalidade.

⁴⁰ Recorremos aqui a uma imagem de muita força do filme *O Estado das Coisas* (1982) do cineasta alemão Win Wenders. Todo o filme é múltiplo e potente ao relacionar a questão da vida e da arte que se confundem a todo instante num ponto muito próximo de nossa discussão – que é o da invenção e criação seja da vida real, seja da arte. Teríamos diversas discussões a partir de tal obra. Nesse momento buscamos somente a cena final onde o personagem do filme, diretor de cinema, após muitos caminhos de busca de solução da situação de exílio de sua equipe, causada principalmente pela falta de recursos financeiros, este se vê dentro de uma rede misteriosa de ocorrências e perigos. Na cena final, ao sair de um furgão – onde passa muito tempo na companhia de um amigo que teria a possibilidade de ajudá-lo por conhecer um pouco mais sobre a situação –, ele e o amigo sofrem um atentado, sendo o amigo morto a tiros de um atirador escondido. O diretor se vira após a morte do amigo a procura do atirador e não o enxerga, ele não se mostra, só seu ataque e ameaça são perceptíveis. Frente a esse ataque sem rosto, o diretor usa sua câmera como arma, apontando e ameaçando de volta para o atirador sem rosto. O filme termina pela imagem gravada por essa *câmera-armas*. É isso que buscamos: a arma na mão do artista que o encoraja a ficar firme, bradar, defender-se, atacar, gravar frente a qualquer inimigo, vislumbrar a possibilidade pela lente. O ataque na criação.

Frame acessado em 13/05/12: <http://www.youtube.com/watch?v=3aOjb7TmcFY>.

WIN WENDERS – O ESTADO DAS COISAS (1983): criação de histórias como único recurso. O exílio e a necessidade de criar a realidade. A ficção não como uma invenção descolada, mas a realidade sendo pra se inventar, e a câmera ao final como a arma de defesa/ataque.

DA TETRAVALENTIA ESTÉTICA

Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada... Porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro...

(LISPECTOR, 1977)⁴¹

⁴¹ Entrevista de Clarice Lispector para o programa *Panorama Especial*, da TV Cultura no ano de 1977. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=TvLrJMGlnF4&feature=related>, acessado em 02/12/11. Frase do minuto: 8' 00''

Ressoam: – A terceira lâmina, Zé Ramalho;

– Amor, Secos e molhados;

– Riders on the storm, The Doors;

– Quase nada, Zeca Baleiro;

– Extraordinary machine, Fiona Apple;

Onde encontrar o momentum da produção de subjetividade que nos dê a oportunidade de agir? Como estabelecer uma conexão com o decorrer de tal processo ininterrupto sem ser engolido pelas grandes ondas ou restar nas pedras? Como não desprezar a vida mutante e inusitada que ferve em tudo? Como, então, faiscar?

Uma busca de catalisar a potência e o ato de todos os nossos passos até então, talvez essa a primeira intensão de onde se ergue esta máquina de guerra. Como se cada passo, consistência ou dispersão, inflexões, fossem ponto de apoio para essa engendragem que propomos a essa altura.

Note-se que a guerra não está incluída nesse aparelho (...) Quanto à máquina de guerra em si mesma, parece efetivamente irreduzível ao aparelho de Estado, exterior a sua soberania, anterior a seu direito: ela vem de outra parte (...) Seria antes como a multiplicidade pura e sem medida, a malta, irrupção do efêmero e potência da metamorfose. *Desata o liame, assim como trai o pacto*. Faz valer um *furor* contra a medida, uma celeridade contra a gravidade, um segredo contra o público, uma potência contra a soberania, uma máquina contra o aparelho. Testemunha de uma soberania, uma máquina contra o aparelho. Testemunha de uma outra justiça, às vezes de uma crueldade incompreensível, mas por vezes também de uma piedade desconhecida (visto que desata os liames...). Dá provas, sobretudo, de outras relações com as mulheres, com os animais, pois vive cada coisa em relações de *devoir*, em vez de operar repartições binárias entre “estados”:(...). (DELEUZE & GUATTARI, 1997b, p. 12 e 13)

Resgatamos, então, o **posicionamento estético** – toda a nova consideração da estética como processo de criação e sua premência política e ética –, de onde salta nossa **máquina de guerra** de armas literárias – todo o apoio na aproximação entre vida e arte e seu traçar de linhas de fuga potentes e vitais. Utilizaremos como principais “calços” de nossa proposição: a noção e implicações do agenciamento em Deleuze & Guattari e a indispensável discussão sobre ruptura do exercício de pensamento pela via da arte trabalhada na segunda parte de nosso trabalho. O movimento já se faz sem dono, vamos sendo.

Deleuze & Guattari rondam a subjetividade em sua fluidez no intuito de cartografar suas linhas e vemos o agenciamento como superfície possível (e a mais potente) de ação. O agenciamento definido por Deleuze & Guattari (1995b) possui uma tetravalência, como partes indissociáveis, mas de características e definições distintas. Os autores delimitam assim dois eixos de funcionamento, onde se localizam por sobre o eixo horizontal os segmentos *conteúdo* e *expressão*, e por sobre o eixo vertical partes de *territorialização* (e reterritorialização) e de *desterritorialização*. Assim delineiam a tetravalência do agenciamento por sobre esses quatro pontos em coengendramento.

A partir dos tais eixos de constituição do agenciamento buscamos alocar nossa *máquina de guerra literária*, nosso *posicionamento estético*. Se o agenciamento possui diferentes valências, nossa máquina insufla ares muito mais de valentia e combate. Daí sua *tetravalentia*.

Fazemos um salto. Um “descascar” do agenciamento e substituímos a terminologia de nossos autores pelo nosso “jogo”: ENAMORAR-GUERRILHA. A proposta do nome de nossa máquina de guerra, de nosso jogo, se faz numa primeira utilização dos termos de Deleuze & Guattari. Utilizamos a forma esquemática de apresentação do devir, formado pelo infinitivo devir aglutinando um substantivo (discussão realizada na segunda parte). Nomeamos nosso jogo pelo infinitivo ENAMORAR associado ao substantivo GUERRILHA. A construção dos eixos e de suas extremidades será realizada no decorrer dessa parte. Por agora somente uma primeira indicação de nosso proceder com os conceitos que utilizamos como base.

Sobre o eixo denominado por Desterritorialização-territorialização, propomos o eixo do *Enamoramento*, com suas extremidades substituídas por *Amor*, no lugar de

desterritorialização, e *Graça*, sobre a extremidade da territorialização. Este eixo fez-se com uma conexão a Clarice Lispector e mais adiante faremos sua construção.

Sobre o eixo denominado de conteúdo-expressão, construímos o eixo *Guerrilha*, com a substituição do termo conteúdo por *Abrços* (apoiados primeiramente em Barthes e a discussão sobre a mistura de corpos no agenciamento), e a substituição do termo expressão por *Armas* (buscando fazer de nossos autores-arma e toda a discussão sobre rupturas conservativas de acontecimentos realizada anteriormente).

Apresentamos uma representação esquemática que poderá auxiliar em nossa proposta. (Anexo 2)⁴². Representação esta que se faz com os eixos *enamramento* na vertical e *guerrilha* na horizontal, bem como todo o funcionamento da máquina. Utilizaremos esta orientação para facilitar nossa apresentação posterior.

No último segmento desta parte propomos a configuração de um *campo de batalha* para pensar o agenciamento e seu funcionamento pelas dimensões ética, estética e política. Repensamos nossa insistência de ser um posicionamento estético, numa diferenciação de estática. Reforçamos o agenciamento como ponto de toque, momentum de ação e grande potência para nosso combate.

Seguimos nessa ativação da máquina e as discussões serão realizadas no tempo em que se apresentarem.

NÃO SEI SE DESFALEÇO ou ME REFAÇO

Sobre o eixo vertical do agenciamento propomos os pólos pendentes e dinâmicos de nosso posicionamento estético. Eixo vertical que se diz de desterritorialização – territorialização instauramos nossas duas *poses*⁴³ clariceanas: a ferida do Amor e o Estado de Graça respectivamente.

⁴² *Do Posicionamento estético e sua Tetravalentia.*

⁴³ A palavra pose em seus vários usos: pose como jeitos do corpo para uma fotografia, posição, posicionamento, e também do francês *poser* (como propor uma questão, *poser une question*).

Amor

Ressoam: – Trampolim, Maria Bethânia;

– Stormy wheather, Etta James;

– Tonight, tonight, The Smashing pumpkings;

Numa extremidade do eixo *enamorar*, no lugar da desterritorialização colocamos nosso *Amor*. Desterritorialização, ou “picos de desterritorialização” (DELEUZE & GUATTARI, 1995b), apontam para os movimentos de, digamos, dissolução ou esfarelamento, das formas (conteúdo ou expressão) presentes em um agenciamento, sempre no sentido de graus ou quanta de um processo contínuo de transformação do agenciamento. Interessante denominação dos autores: os picos de desterritorialização que arrebatam o agenciamento.

O desterro chamado de Amor pode aparentar má colocação, mas busco apoio. Uma palavra que usualmente reboca afetos de completude, encaixe perfeito, e que por vezes confunde-se a uma concepção platônica do amor pelos ideais e alturas; como denominar a desterritorialização como *Amor*?

Busco em Clarice (1994) notícias de que amor é esse. Há um conto do livro *Laços de Família* de tal autora que sempre perdurou em minha atenção, que sempre suscitou muito mais coisas do que só as frases que o teciam. No conto *Amor* temos uma personagem que como ela diz tem uma vida apaziguada e regrada – *Assim ela o quisera e escolhera*.

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto de ônibus. (...) O que havia que fizesse Ana se apurar em desconfiança? Alguma coisa intranquã estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... o homem cego mascava chicles. (LISPECTOR, *Amor*, 1994, p 31 e 32)

E numa tarde há um encontro com uma cena que desestrutura não só seu dia, mas que se mostra com o poder de lhe questionar toda a vida. Do bonde ela vê um cego que masca chicles na calçada, e isso arruína sua estabilidade. A personagem Ana tem então uma tarde inusitada e diz dum mundo que se mostra muito mais cheio de possibilidades e sentidos que ela sempre tentou ensurdecer e cegar.

Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiros de árvores, pequenas surpresas entre os cipós. Todo o Jardim triturado pelos instantes já mais apressados da tarde. De onde vinha o meio sonho pela qual estava rodeada? Como por um zumbido de abelhas e aves. Tudo era estranho, suave demais, grande demais. (LISPECTOR, *Amor*, 1994, p 35)

Mas tudo se mostra em assalto plural de sentidos, em afirmações inimagináveis. A personagem então fala de uma quebra que não há como cozer novamente, segue seu dia sem muitos alardes, se fecha na noite cotidiana, mas algo perdura. O que sempre me intrigou foi exatamente o título do conto: Amor. Por que Clarice chamara de amor um conto que diz duma interferência completa? Clarice chama amor esse abismo que nos desestabiliza. O assalto das possibilidades, dos novos sentidos que saltam de cada canto, cheiro, forma. Amor como peito aberto para o plural indeterminado.

A crueza do mundo era tranqüila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos. (...) Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante. (...) A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos enviados pela vida mais fina do mundo (...) O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno. (...) Fora atingida pelo demônio da fé. (...) Não havia como fugir. Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver. (LISPECTOR, *Amor*, 1994, p 36, 37 e 38)

Deleuze recorre a uma denominação de amor durante suas obras por diversos momentos. Ao falar sobre Foucault e sua obra no texto *A vida como obra de arte* (DELEUZE, 1992), diz sobre a visão da subjetividade distanciada de uma figura de indivíduo sendo muito mais um campo elétrico ou magnético de intensidades. Seriam processos de individuação operando por intensidade chamado por vezes de *paixão*. Em outro momento denomina o amor como uma ferida recebida no corpo, substituindo o objeto do ser amado em uma *potência de amar* que liberaria o acontecimento e amaria-se, assim, não um indivíduo mas *uma variação atmosférica, uma mudança de cor, uma molécula imperceptível, uma população discreta, uma neblina ou uma névoa de gotículas* (DELEUZE & PARNET, 2004, p 54).

Busco outros que tocam essa ferida. Tibola (2009) descreve também um amor outro. Um amor pelo ar, pelas possibilidades, pelo mistério dos corpos. Descreve um amor que

não se endereça, mas um amor pelo inapreensível longínquo e causticante que preme tudo. E um amor que nos invade com um temor, um amor-abismo que nos arrebatava e faz bater os dentes.

Fuganti (2008) nos dá pistas sobre uma vida nômade que deve ser liberada à suas potências, que deve amar o distante, as aventuras, o devir. Assim delineamos essa extremidade de eixo vertical de nosso posicionamento estético: a ferida do *Amor* que se faz como abertura de nosso território para as virtualidades, a marca do apaixonamento pelas intensidades a atravessar nossa segmentaridade, o processo incurável de enamoramento de nossa atualidade que assim torna-se friável pela linha de fuga amorosa.

Em seus *Fragmentos de um discurso amoroso* Barthes (1988) recolhe de múltiplas obras características do que se diz do amor. Abrindo seu glossário o autor encontra apaixonados em uma situação de abismo. Inicia seu livro com uma afecção amorosa que se instala sobre os amantes em vários momentos da história literária mundial. Barthes define assim o sentimento de “me abismo, sucumbo...”:

ABISMAR-SE. Lufada de aniquilamento que atinge o sujeito apaixonado por desespero ou por excesso de satisfação. (...) Tenho então esta fantasia: uma hemorragia doce que não escorreria de nenhum ponto do meu corpo, uma consumação *quase* imediata, calculada para que eu tenha tempo de des-sofrer antes de desaparecer. (...) Não era o abismo um aniquilamento oportuno? Não seria difícil ler nele não um repouso, mas uma *emoção*. Disfarço meu luto sob uma fuga; me diluo, desmaio para escapar a esta compacidade, a essa obstrução, que me torna um sujeito *responsável*: saio: é o êxtase. (BARTHES, 1988, p 9, 10 e 11)

Amar algo que não tem rosto nem nunca terá. Assim se mostra nosso *amor*, que possui o *enamorado* não ligado a um objeto de desejo obscuro e discernível. Pose que infringe nos indivíduos uma abertura, aqui por nós chamada de *ferida*, para as possibilidades e intensidades. Uma rachadura por sobre o externo abrindo para um Fora, mas isso sem medo já, numa exaltação de paixão pelo desaparecimento da estabilidade aparente das subjetividades, uma pequena morte necessária para que o processo transpasse os corpos.

Golpe de Graça

Ressoam: – Piece of my heart, Janis Joplin;

– Menina, amanhã de manhã (o sonho voltou), Tom Zé;

– Sonhos, Caetano Veloso;

A outra valentia do eixo *enamorar*, onde se localiza a territorialização forjamos o que Clarice enunciou como *Golpe de Graça*. Nesse ponto localiza-se nosso fluxo em fugaz completude, como um instante de atualização em meio ao processo incessante de rearranjo, a efetivação momentânea de um território. Deleuze & Guattari (1995b) o denominam como “lados territoriais ou reterritorializados” indicando a faceta de constituição das formas (sejam de conteúdos ou expressão) no agenciamento, num sentido de *estabilização*. Não estados, mas novamente graus ou quantas do processo. Vislumbramos um território onde se finca uma atitude mais afirmativa: a criação fabulosa dos territórios, os estados de *Graça*.

Clarice esbarra diversas vezes durante sua escrita com tais estados. Principalmente (ou de forma mais exaltada) ela descreve os *Golpes* ou *Estados de Graça* em seus livros *A paixão segundo G.H.* (1998) e *Água viva* (1990). Dentro de constantes e explosivos processos de dessubjetivação de suas personagens, estas chegam a momentos descritos como *Graça*, momentos de completude descrita como fugidia, mas de grande placidez após o doloroso processo de criação e o decorrer de imensos caminhos que incluem devires animais, vegetais e tantos outros. Clarice fala pela boca de suas personagens como a *Graça* as toma. Não fala dum cume ou mesmo de uma chegada apaziguante onde afetivamente compreende-se um Tudo ou restabelece-se um equilíbrio. É muito mais uma costura corpórea e afirmativa, um erguer-se da nova forma, o nascimento de uma singularidade de pele brilhante, com peso, pulmões e um formigamento onde elas, as personagens, sentem a vida em sua felicidade, uma conexão que as perpassa dando foco, consistência.

Ser vivo é um estágio muito alto, é alguma coisa que só agora alcancei. É um tal alto equilíbrio instável que sei que não vou poder ficar sabendo desse equilíbrio por muito tempo – a graça da paixão é curta. (LISPECTOR, 1998, p 171)

Fuganti (2008) também diz de um estado semelhante quando num descrever duma pedagogia para a vida nômade através do pensamento afirmativo, no qual um indivíduo se colocaria por inteiro nos processos que empreende (atividades de forças diversas, afetos e devires) haveria uma junção entre desejo (num trabalhar afetivamente) e o entendimento de causas. Do entendimento, num se colocar por completo nos acontecimento sobre os corpos, emergiria então o entendimento que gera alegria, uma vida dada ao riso que leva à ação. Uma Graça afirmativa e alegre, uma fabulação atualizada feliz e pronta para a tarefa contínua de criar, um impulso formal dentre o aquebrantado do processo de diferenciação.

Trazemos novamente Clarice, em mais uma aproximação:

Agora – silêncio e leve espanto.

Porque às cinco da madrugada de hoje, 25 de julho, caí em estado de graça.

Foi uma sensação súbita, mas suavíssima. A luminosidade sorria no ar: exatamente isto. Era um suspiro do mundo. Não sei explicar assim como não se sabe contar sobre a aurora a um cego. É indizível o que me aconteceu em forma de sentir: preciso depressa de tua empatia. Sinta comigo. Era uma felicidade suprema. (...) O estado de graça de que falo não é usado para nada. É como se viesse apenas para que se soubesse que realmente se existe e existe o mundo. Nesse estado, além da tranquila felicidade que se irradia de pessoas e coisas, há uma lucidez que só chamo de leve porque na graça tudo é tão leve. É uma lucidez de quem não precisa mais adivinhar: sem esforço, sabe. Apenas isso: sabe. Não me pergunte o quê, porque só posso responder do mesmo modo: sabe-se. (LISPECTOR, 1990, p 92)

Golpes de graça que apaziguam momentaneamente o fluxo que nos constitui; deixando-nos restar como as vitórias-régias que bóiam mesmo no escuro do lago do Jardim Botânico do conto Amor. Fugazes momentos de singularização, onde se efetiva a criação e uma leve lentidão fresca e consistente a envolver. Fugaz, mas de grande energia e efetivação.

Enamorar

Nesse eixo elaboramos o *enamorar*, o enamoramento perene, pensado na dobra do si, nos processo de composição. Eixo pendulante: o enamoramento como processo (uma queda em amor – um *fall in Love* –, e um refazer-se – *qual é a sua graça?*) com suas faces de amor e graça em constante cambialidade e composição.

A máquina nos põe a pulsar, firme e solta, nos abre o peito e nos da fresca pele nova.
Tudo se movimenta em enchente e vazante, somos onda, grão, carne, folha, gota e sangue. Deslumbre: enamoramentos à beira mar...

NO HORIZONTE: PONTAS DE LANÇA e PEITO ABERTO

Escrever – eu arranco as coisas de mim aos pedaços como o arpão fiska a baleia e lhe estraçalha a carne... (LISPECTOR, 1978, p. 113)

No eixo onde se localizam expressão e conteúdo colocamos *Armas* e *Abrços* respectivamente substituindo a nomenclatura original de Deleuze & Guattari. Compondo o eixo horizontal de nosso posicionamento estético: *Guerrilha*.

Armas

Ressoam: – Muito Pouco, Maria Rita;

– Fé cega faca amolada, Doces Bárbaros;

(...)

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,

Apedreja essa mão vil que te afaga,

Escarra nessa boca que te beija!

(ANJOS, 2000, p 99)

Situamos nossas *Armas* sobre a valência expressão do agenciamento, por sua natureza e funcionamento. A faceta expressão tem por característica o primado de premer cortes nas formas conteúdo, demarcando transformações incorpóreas, apontando acontecimentos. Tem por natureza demarcar mudanças instantâneas por sobre os processos contínuos, estabelecendo atualizações delimitadoras. Os cortes também são de atualização como mencionamos, mas também há a afirmação de novos possíveis, do novo e da diferença, por trazer o diferente ao jogo, enunciar partículas a-significantes

por sobre o já posto interferindo e traçando linhas de fuga. Não como portadora da linha de fuga, mas como exercício afirmativo do processo que se dá em todas as direções do agenciamento, seja nos conteúdos, seja nas expressões. E é de remarcar que afiamos nossas armas com acontecimentos infinitivos: tenacidade exuberante das conchas.

Tem como veículo o enunciado, e nossas armas são literárias – linguísticas – por natureza. As forjamos e afiamos a partir da “quebra” sistemática do discurso de nossos autores, martelando sua incandescência no moldar de lâminas dúcteis, mas tenazes o bastante para a tarefa de abrir a ferida do amor dentro das subjetividades contemporâneas tão endurecidas, afogadas em modulações cambiantes e velozes. Armas que apontamos para romper nossa atualização, traçando sempre novas linhas de fuga com nossa potência plural. Recorremos a Deleuze & Guattari (1995b) para definir enunciados: “Atos e enunciados, transformações incorpóreas que são atribuídas aos corpos”.

Propomos *Armas literárias* – rupturas conservativas de acontecimentos desestabilizadores e criativos. Buscando desdobrar, sempre, e mais. Sem perder o fio e a premência, conservando seu corte firme e faiscando de acontecimentos por seu contato. Nossos autores-arma, uma primeira coleta das conchas do caminho. Primeiras pontas, faíscas iniciais, choque de contato, pensando numa contundência e poder de interferência de cada.

Do mesmo modo, os sentimentos são arrancados à interioridade de um “sujeito” para serem violentamente projetados num meio de pura exterioridade que lhes comunica uma velocidade inverossímil, uma força de catapulta: amor e ódio já não são em absoluto sentimentos, mas afectos. E esses afectos são outros tantos devir-mulher, devir-animal do guerreiro (o urso, as cadelas). *Os afectos atravessam o corpo como flechas, são armas de guerra.* Velocidade de desterritorialização do afecto. (DELEUZE & GUATTARI, 1997b, p. 18, grifo nosso).

Apresentar armas:

- *CHUCK PALAHNIUK e a velocidade causticante* -

Informação e contra-informação. Barroco, rebusco e nihilismo clean. Processos capitalísticos de pasteurização, anestesia, invisibilidade, montagem vazia, deslocamento

veloz sem andar, vácuo, higiene, homogeneização, controle, descarga controlada, produção de desejo, falta de contato com tudo, mentiras e modelos. LIMITE. Tudo levado ao limite numa valorização paradoxal da vida, em tudo que a compõe e suas potencialidades. A guerra infindável, lá onde tudo perde o sentido a não ser continuar lutando. A horda contra a nova ordem. O riso por sobre as arestas firmes e bem calcadas da moralidade e da estabilidade, por nada... No caos, a plenitude.

- *RADUAN NASSAR e a pele profunda do mundo* -

Verborragia sangrenta, assombro do cotidiano trágico, a petulância da carência, a fala, o grito, o calar, língua antiga para dizer enfrentamentos. O tempo e a impaciência. O desejo e a regra. O ímpeto e a paciência. O homem e a mulher. O fio da vida com seus percalços. A plenitude de um sofrimento, numa felicidade intensa de arrastar toda a vida. Limite da palavra, radicalidade da atitude, criar sua própria língua, gritar, afirmar, não evitando *o contato em todos* os níveis. Retorno não como passado revisitado, mas como afirmação do tempo que corre e a feitura dolorosa de uma vida. Efetivar tudo de uma só vez, até a superfície da pele ter o tamanho de nosso corpo, conter tudo e querer mais desse cotidiano pálido.

- *STELA DO PATROCÍNIO mensageira de si e do mundo* -

Boca aberta, fala ininterrupta até quando quer e der, despreocupação que aproxima, caminho de pele. Corpo que suporta e ainda traz novas. Uma literatura que não buscou apoio algum em mídias conhecidas, documentada quase que por acaso num bom encontro que explodiu sua potência coletiva e indeterminada. Singularização explodida por sobre tudo. Rizoma que desemboca sem rosto e sem piedade, e que torna uma mulher feliz. Um iniciar desses caminhos a partir do que conglomerava ao máximo todo esse inusitado: uma fala que singulariza e trás em si literatura, arte, tempo, com uma crueza de palavra falada. Stela plena dessas conexões realiza um trabalho que nem ela se dá conta, as linhas se costuram e ela desfia tudo numa conversa despreocupada, mas contundente.

As armas como *legião*, legionários de falas que não pertencem a ninguém, mas que possuem o grito de mil vozes ensurdecedoras e sem fim.

Abraços

Ressoam: – Dia Branco, Geraldo Azevedo;

– Get it while you can, Janis Joplin;

Na outra extremidade, encontramos sobre conteúdo (referente aos corpos e coisas), a valentia *Abraços*. Novamente com Deleuze & Guattari (1995b) temos por conteúdo: “Ações, paixões, misturas de corpos reagindo uns sobre os outros”. Barthes (1988) novamente nos lança um fragmento em auxílio:

ABRAÇO. O gesto do abraço amoroso parece realizar por um momento, para o sujeito, o sonho de união total com o ser amado. (...) Momento de afirmação; durante um certo tempo, que na verdade acabou, *desarrumou*, alguma coisa deu certo; fiquei transbordado (todos os meus desejos abolidos pela plenitude da sua satisfação): o transbordamento existe e vou querer sempre fazê-lo voltar: através de todos os meandros da história amorosa, teimarei em querer reencontrar, renovar, a contradição – a contração – dos dois abraços. (BARTHES, 1988, p 12)

O contato direto, o rompimento das bolhas individualizantes e enrijecidas das subjetividades. Abraços, que na junção das superfícies dos braços e mãos, deem calor e limite de toque aos corpos desfocados e flutuantes que assombram nosso contemporâneo. O abraço do encontro real, do esbarrão que desperta para o encontro dos corpos zumbis ensimesmados que vagueiam incitados a querer saber-se mais de si mesmos, atormentados por cerceamento e culpa, cegados por valores e ideais transcendentais e desejanter de cada vez ter “seu” espaço e eternamente entristecidos por sentirem-se sozinhos na multidão. O transbordamento pela contração no encontro, uma desarrumação que une os braços de tantos.

As maltas, os bandos são grupos do tipo rizoma, por oposição ao tipo arborescente que se concentra em órgãos de poder. É por isso que os bandos em geral, mesmo de bandidagem, ou de mundanidade, são metamorfoses de uma máquina de guerra, que difere formalmente de qualquer aparelho de Estado (...). Não cabe dizer, pois, que a disciplina é o próprio da máquina de

guerra: a disciplina torna-se a característica obrigatória dos exércitos quando o Estado se apodera deles; mas a máquina de guerra responde a outras regras, das quais não dizemos, por certo, que são melhores, porém que animam uma indisciplina fundamental do guerreiro, um questionamento da hierarquia, uma chantagem perpétua de abandono e traição, um sentimento de honra muito suscetível, e que contraria, ainda uma vez, a formação do Estado. (...) O problema da máquina de guerra é o dos revezamentos, mesmo com meios parcos, e não o problema arquitetônico do modelo ou do monumento. Um povo ambulante de revezadores, em lugar de uma cidade modelo. (DELEUZE & GUATTARI, 1997b, p. 21 e 47)

O encontro com todos que não conheço, o contato inevitável quando se vive de encontros. Parceria que se eleva ao limite, me perco para ser junto com todos, pra levar pra frente e efetivar tudo que nos move; e tenho meu delineio devolvido no encontro dum abraço apertado.

Abraços que afaguem, que aqueçam uns aos outros, que troquem pelo toque suas energias, somando tudo numa energia mais potente, e acalmem o coração ao encontrar outra batida que não a sua para criar *sinfonia*, e não *solo*.

Guerrilha

Nesse eixo chegamos à *guerrilha* por ser uma guerra sem inimigo posto, mas com boa mira, e também por ser luta que não finda. Um coletivo sempre a se formar sem cessar, de extrema contundência, caudaloso e fervilhante. O enfrentamento que nos põe juntos, a guerrilha coletiva. Aqui a enunciar o novo, torcendo as palavras de ordem e erguendo novas armas provocativas.

Tudo se aviva ainda mais, num grau que não sabemos nem começo, nem fim. A praia cheira, gela, ressona, silencia, nos afaga e desgasta por todos os lados. A físgada nos faz mexer, nos alerta, e tudo a volta nos acalenta.

Uma casa pulsante e tátil. A máquina ativada, onde? Somos a máquina...

PÉS DE BARRO, MÃOS FIRMES, PELE QUENTE e CORAÇÃO CÁLIDO

Ressoam: – Dog days are over, Florence and the machine.

Animando esses quatro pólos encontramos o que poderíamos delimitar como afetos dessa máquina que engendramos. Pulsos e impulsos que transpassam as poses, as frases e os corpos. Estalos que acoplam a máquina, que cultivam tais acoplamentos e os movimentam. A máquina está ativada, estamos nela, somos ela, e somos afetados nesse movimento. Cada um deles aparece apontado para um extremo de nosso posicionamento e devemos cuidar de cada afeto para que não seja capturado.

Recorremos ao cuidado de si com seu dobrar das forças para que nossa máquina de guerra não disjunte, na criação de uma atenção ao traçado das linhas de fuga, num cuidado da criação que se empreende. Tantos outros intercedem nesse cuidado dos afetos, nessa incorporação de movimento sem abolição.

Os afetos que rodeiam os eixos da máquina de guerra: *coragem, felicidade, petulância e ternura*. São fluxos de confabulação, combustível indiscernível e sem rosto. *Ânima* sem ser alma, e sim *ânimo*, energia.

Afetos Enamorantes:

Mesmo o mais corajoso de nós raras vezes tem a coragem

para o que realmente *sabe...*

(Nietzsche, 2006, p 9)

Por sobre o eixo vertical uma *Coragem* que aponta para a dor da incurável ferida amorosa – a morte necessária para a perpetuação da vida afirmativa e enamorada – e a *Felicidade* – fugidia, mas real – do artista que fabula enfim em Estado de Graça.

Perigos e capturas sobre esse eixo:

- Para dobrar nossa *Coragem* recorremos ao *Voltar-se a si mesmo* e o *Cuida-te de ti mesmo*, (FOUCAULT, 2006)⁴⁴, como oxigenação de nossa ferida no peito do Amor; cuidado para que de corte não se faça, assim desatento, infecção ou chaga. Atenção para que nossas linhas de fuga “respirem” como ralado no joelho e não se tornem escara e transmutem a abertura em abolição, que não restemos deitados, afligidos e morramos “de paixão”.

- No outro ponto o *Governo de si* que toca no *Governo dos outros*, (FOUCAULT, 2006), requisitados para que nossa *Felicidade* seja sal secando a nova forma, mas que não enverede por caminhos de transformação de nossa pele em couro. Para que nossa felicidade não endureça ou queime pelo calor, fechando nossos poros como barro de oleiro que após a “fogueira das vaidades” endureça definitivamente nossa carne-argila. E, assim, que não embranqueçam nossas vistas de estupidez. Fugindo duma amargura de medo de perder uma felicidade que afunda e se perde no tempo, nos ancorando indefesos e acossados por nós mesmos, a blasfemar nossas agruras por sobre um “mundo” que já não nos conforta mais por ser movediço.

Todo meio é bom para isso, todo “caso” um acaso feliz.

(Nietzsche, 2006, p 7)

⁴⁴ Temos como textos de referência de Foucault principalmente: *O uso dos prazeres e as técnicas de si*; *A ética do cuidado de si como prática de liberdade*; *Uma estética da existência*. Foucault se debruça por diversas passagens desses textos a relatar o cuidado de si estoico e suas técnicas para forjar uma ética que aponta para a questão da estética da existência. Por agora um resgate rápido de tais apontamentos para nosso cuidado com os afetos.

Afetos Guerrilheiros:

Nenhuma coisa tem êxito, se nela não está presente a petulância.

(Nietzsche, 2006, p 7)

Por sobre o eixo horizontal encontramos a *Petulância* de nossas pontas de concha – a energia de dar-se ao combate, de erguer voz e afirmar com veemência –, e a *Ternura*⁴⁵ que nos ajunta sempre no andar do guerrilheiro com camaradas.

Perigos e capturas sobre esse eixo:

- A petulância tornar-se *arrogância*, ou mesmo surdez e mesquinhês. Não querer-se dono de sua fala, caindo num niilismo egoísta, mas fazer de nossa petulância sempre um processo de confabulação apontada para um porvir (DELEUZE, 1997a). Sempre se está a ir além, e não ter garantia ou parada deve afiar a petulância conspiratória, e não amargar a saliva do que se expõe. Deleuze & Guattari estão a todo tempo retirando esse solo firme que a arrogância crava os dentes, traçar um possível é lançar-se, transformar-se, trair e seguir – não estancar ou capturar os fluxos dentro de sua fala.

- A ternura tornar-se *resignação*, fazer do apoio no conjunto uma aceitação de seu estado ou mesmo de responsabilização a outrem. O movimento é coletivo e por tal não é de minha responsabilidade – essa a resignação que estanca, que caduca. *Ser com*, para ser mais potente. A ternura dos companheiros não aponta para uma atitude de rebocar todos os da massa, mas de mistura, parceria, a simbiose apontada por Deleuze & Parnet (2004).

Hay que endurecerse pero sín perder La ternura jamás!

(Che Guevara)

⁴⁵ Afeto jocosos e difícil de localizar. Foi nos trazido por um inusitado encontro com uma amiga de longa data. Ela, com quem sempre converso sobre literatura e filosofia da diferença me trouxe o último afeto da máquina. Ao pensar com ela como se daria, então a revolução pela literatura, e toda a minha engenhoca, fomos pensando no cunho coletivo da revolução. Mas foi uma fotografia de Che Guevara, a qual ela trazia debaixo do braço por ter acabado de comprar em um sebo, que me trouxe a resposta de como ir a luta coletiva, como se faz o movimento dos abraços e corpos conjuntos para forjarmos as pontas de lança. Foi a frase do revolucionário que se fez ouvir.

Pulso, tato e movimento. Os afetos são fluxo circulante e explosivo dentro da máquina – de suas partes ajuntadas e cambiáveis –, catalisando as transformações, injetando a criação e a fuga.

Máquina viva.

CAMPO DE BATALHA – CARTOGRAFIA E COMBATE (cena)

Ressoam: – What's up, 4 non blondes;

O que é evidente é que os bandos, não menos que as organizações mundiais, implicam uma forma irredutível ao Estado, e que essa forma de exterioridade se apresenta necessariamente como a de uma máquina de guerra, polimorfa e difusa. (...) Não é em termos de independência, mas de coexistência e de concorrência, *num campo perpétuo de interação* (...). (DELEUZE & GUATTARI, 1997b, p. 24)

E nesse horizonte de nossa *máquina estética* estabelecemos o que pode ser denominado de *campo de batalha* e trazemos todas as linhas possíveis para traçá-lo, as práticas que se costuram.

Ao pensar o processo de criação devemos, então, nomear alguns desses platôs em confabulação conosco. Para nosso embate dentro do agenciamento entramos por uma localização dos extratos conteúdo e expressão.

Noções das discussões ligadas à expressão são necessárias para essa entrada. A partir de Austin e Ducrot como intercessores no pensamento de Deleuze & Guattari (1995b), vemos a linguagem tornar-se um dos planos que compõem o mundo empírico. O lingüístico e o extralingüístico têm seus limites definidos, mas não mais entendidos como domínios invisíveis e sim como relação intrínseca. A língua estaria em composição com o extralingüístico sendo ela uma das formas de organização, ordem como arranjo, não entendida como estrutura. Deleuze & Guattari a partir das reflexões sobre o caráter produtor de realidade da linguagem (principalmente a partir das noções de discurso indireto, do performativo na linguagem e do ilocutório) estabelecem as

relações entre o enunciado e sua interação com o extralingüístico. Apoiado em uma chave do pensamento foucaultiano utilizam as definições de regimes de visibilidade e de dizibilidade numa composição intrínseca do mundo empírico. De uma raiz de estudos da lingüística vimos que agora expressão e conteúdo têm uma relação não divisível, mas com domínio específicos e naturezas diferentes.

A discussão sobre expressão e conteúdo mostra-se de extrema importância. Nossos autores ligam com grande força os dois extratos que citamos, ambos possuindo eles mesmo facetas nomeadas como forma e substância. Extratos indivisíveis, mas com características singulares. A expressão ligada a regimes de signos possuiria como sua forma a fonética e a construção de palavras, e como sua substância as partículas a-significantes e jogos de combinação entre termos lingüísticos. O extrato conteúdo – que lida com os corpos e as coisas – teria como sua faceta forma as práticas e composições realizadas e como sua substância a matéria múltipla dos corpos. Neste ponto encontramos termos que nos interessam.

Ali entram em composição esses dois pontos dos extratos. A substância dos corpos em contato, ainda em seu embate e composição, e a substância expressiva suspensa das cadeias de signos presentes. Como uma massa amorfa ainda de substâncias diversas, que se amalgamam sem delimitação umas sobre as outras, com todo um delineio entre virtual e atual ainda sem nitidez, nuvem suspensa e pesada. A reflexão da composição política das linhas, o diagrama político das linhas, de Deleuze & Guattari (1996) adiciona coordenadas nessa nossa cartografia do agenciamento com suas noções de linha dura (Segmentar, molar, macro), maleável (Micro, de composição) e de fuga (desterritorialização, desarranjos, potências de diferenciação e afirmação do novo), dando consistência e estabelecendo posições políticas nesse caldo múltiplo que comparece ao campo de batalha. Ganhamos profundidade por sobre as coordenadas, costões rochosos, abismos, pontos de maciez e dureza por sobre todo o campo. Indeterminado diferenciado.

Tremilicando por sobre todas as linhas, a ética adiciona um pouco de cor por sobre a massa-amorfa-substância inicial, mas já ajuntada pelo embate político-cartográfico realizado anteriormente. Matizes das práticas com relação à composição/decomposição das linhas mostram posicionamentos de práticas de liberdade, micro-facismos, nihilismos

e potências de expansão que se aglutinam por sobre todo nosso relevo cartográfico. Os matizes ajuntam claros e escuros distintos e misturados, cores de todo tipo, adicionando ligeiros limites onde tudo se mistura. Repuxam relevos, profundidades e incitam interações, movimentos a se fazer, quedas armadas e suspensões aproximadas.

E nesse instante retornamos a faceta forma de nosso composto conteúdo/expressão. Com o corte formal (não como regime correto, mas sim como focalização, ganho de peso) do extrato conteúdo temos, enfim, chão, céu, ar para embeber os corpos singularizados de guerrilheiros. Mostram-se e ganham sinestesia, cabelos, pulso, corpo para vibrar as potências, calor, superfícies de contato, e assim, mostram sua fábula atual, ganhando especificidade, mas também criando seus corpos sem órgão, seu fazer e refazer de células, afirmam em suas unhas que crescem a morte de centímetros de unha de horas atrás. Nesse agenciamento-campo de batalha, os fluxos de desejo combinam as máquinas múltiplas que compõem nossos soldados de dores fortes, como cubistas, onde os cortes e composições existem, mas a forma e a cor não pertencem a um limite só. Os fluxos são do campo de batalha, e não dos corpos. Apresentam-se no afã comum da batalha.

Mas assim, temos política sim, ética sim, mas somente a estática. Pulsam de energia em formas bem esculpidas e prontas para a composição/decomposição, para o contato adiado, mas permanecem alertas e parados, em sentido. Como colocar os corpos em movimento? Em contato? Como fazê-los entrar na roda-viva do enamorar se eles não se movem? Como incitar os abraços para que a máquina incite o movimento criativo da vida? Uma luta ganha cada vez mais rancos surdos que incham tudo de tensão enérgica. Como se o embate já estivesse iniciado, mas sem diferenciação ainda, permanece estático...

Nesse momento – a posteriori –, prima, então, o enunciado. A palavra grita alto os nomes deles, e risca, como navalha cortando o couro cru, todos os corpos que já se constituíam, mas como que em suspensão. No corte precipitador da língua, a batalha começa. E de palavra em palavra o movimento preme toda a estática até então do agenciamento, numa composição coletiva de todos os regimes de signos que se ajuntavam aí. Novo composto de signos então, num coletivo que enuncia e dá foco a

todos os corpos, que dá som a todos os esbarrões, que dá ordem e impele definições e transformações em ato de batalha-agenciamentos.

Grita “*Viver!*” e todos são, e acontece. Prima o agenciamento coletivo de enunciação num fechamento infinitivo de todo esse arranjo. Cacos infinitivos espocam por sobre tudo e o movimento emperrado desbunda. Não mais estática, mas estética. Sabe-se que só a palavra reverberaria para outra palavra, mas aqui preme de verbos e movimento o que já tinha corpo e lugar, e surge do tempo o acontecimento.

Nos abraços se fez os corpos, e nos enunciados fizeram-se armas. E amores e graças se fazem de maneiras as mais inusitadas, mantendo o movimento. Sangue nos olhos de todos brilhantemente. Na palma de nossa mão...

Ressoam ainda: – Marinheiro só, Clementina de Jesus;

VIVAZES CORTES

Em graça nesse amor frívolo, abraçamos ternamente nossos autores-arma. A transformação é feita, e trazemos ensaios de seus efeitos. Ensaiar sempre para não fechar uma obra em estreia, performatizar os movimentos sempre e novamente. Propomos um encadeamento de nossos autores-arma durante todo nosso trabalho, não sem um querer nesse encadeamento, mas deixando-o em aberto. Cada autor tem seu corte e esse se faz diferente em cada um de nós que os acessamos – cada pele é diferente e cada corte novo possível.

Apresentamos os autores relacionados à nossa pesquisa. Utilizamos sua potência disruptiva dentro de cada nó de nosso problema, sendo eles sempre nosso arsenal sem distinção entre si. Chuck atinge em cheio a testa da produção de subjetividade da biopolítica contemporânea; Raduan abre as comportas do pulso criativo dentro da

realidade, tencionando vida e arte em sua mais intrínseca relação; e Stela encarna todas as nossas palavras dentro de sua única vida sem jamais dar-se ao trabalho de escrever, mas sim de viver com toda a potência despreocupada de argumentações, praticando a vida como obra de arte com a audácia de só estar sendo.

Não tendemos a resumir os efeitos de qualquer arte, de qualquer palavra que seja, dando-lhes rótulo ou posologia. Esses talvez os primeiros cortes das conchas, mas elas partem sempre para além ou mesmo aquém de nosso primeiro contato.

Trata-se de uma proposta de experimentação, esse nosso encadeamento. Outros encaixes são o afiar de nossas armas a reverberar para além dessas páginas, e isso é o que nos despreocupa.

Vamos aos cortes, ensaiando encaixes, fugindo sempre pra dentro da criação.

CHUCK PALAHNIUK e a Nova Horda Mundial⁴⁶

Ressoam: – Sleep now in the fire, Rage Against the Machine;

– This is your life, Fight club soundtrack;

O problema da máquina de guerra é o dos revezamentos, mesmo com meios parcos, e não o problema arquitetônico do modelo ou do monumento. Um povo ambulante de revezadores, em lugar de uma cidade modelo. (DELEUZE & GUATTARI, Mil platôs vol. 5, Pg. 47)

O que fazer com uma anestesia? Nunca dormir e nunca realmente acordar. A insônia e a irracionalidade de nossa era elevada ao grau da estupidez, e aí pensar o que fazer.

Chuck ao fundar a Nova Horda Mundial. Não será pela doutrinação ou mesmo pelo levante que a revolução será realizada. Muito antes, o que realmente se quer da revolução? Não há revolução. Há sim levantes desorganizados e irrecusáveis dentro de cada vida. A disseminação duma guerrilha violenta e silenciosa, atacando a morte, pela vida inusitada e insistente.

As histórias de Chuck são extremamente norte-americanas, encarnadas dentro de uma sociedade de *welfare state* retratada em toda a sua decadência. Liberdade individualista e consumo particular são motores que rangem já silenciosos dentro das vidas tão embotadas quanto as que rondam os ambientes de Chuck, e daí você se aproxima um pouco mais. Começa então a ouvir que há barulhos bem mais altos de perto, que a maquiagem está a derreter sob os refletores, que a família feliz já se desfez há três gerações degeneradas na estúpida tentativa de manter-se da mesma forma em busca de seu lugar ao sol, que tudo está se deteriorando, inclusive você.

Chuck monta todo um universo extremamente específico da população do *sonho americano* que se descasca das paredes, e por trás de todo esse forro cheio de mofo há

⁴⁶ Utilizo diversas imagens dos livros de Chuck Palahniuk de forma solta, tendo os personagens como frames recortados e inseridos no discurso. Manobramos como Tyler Durden personagem de *Clube da Luta*, que, quando trabalha como projetista em um cinema, insere frames imperceptíveis de filmes pornô dentro dos filmes em cartaz. São recortadas e coladas principalmente cenas dos livros: *Clube da Luta* (1996), *No Sufoco* (2001), *Diário* (2003), *Monstros Invisíveis* (1999), *Canção de Ninar* (2002), *Sobrevivente* (1999), e *Snuuf* (2008). Constam aqui os anos de publicação dos livros.

ainda algumas palavras escritas em tinta escura sobre o gesso velho – certo grito que não se importa em não ser escutado, o que importa é sua execução. Informação e contrainformação. Barroco e ironia ácida, rebusco e niilismo clean.

Sempre num esquema de deslocalização. A escrita veloz de Chuck nos faz caminhar com alguém que corre muito e vacila todo instante a nos puxar pela mão. Dispara, refazendo o percurso para outro lado, abrindo portas inexistentes, tirando máscaras, cavando buracos, sempre numa fuga desenfreada e muito perspicaz.

A extrema complexidade de seus enredos, bem como as camadas infinitas de seus personagens, tornam o chão movediço a todo instante. Imensas palavras de ordem poluem suas paisagens, e de dentro delas, as pessoas demonstram a caduquice de tais “verdades absolutas”, mostrando que acreditar nelas – nas imensas palavras – é só mais um papel a ser performatizado, além de todo o resto que realmente deve ser feito. Demonstram a incongruência dos preceitos, sem muitas vezes não se aperceber do que fazem ou para quê o fazem. Processos capitalísticos de pasteurização, embotamento, invisibilidade, montagem vazia, deslocamento veloz sem andar, vácuo, higiene, homogeneização, controle, descarga controlada, produção e pronto consumo de desejo, falta de contato com tudo, mentiras e modelos. Tudo isso pulverizado e envenenando o cotidiano.

Chuck empreende uma aceleração incrível, quebrando tudo o que está posto no mundo contemporâneo, sem precisar jamais discutir ou argumentar. Não precisa colocar questões e defender pontos de vista, é do contrário que procede. A contestação dos preceitos vem em debandadas velozes e sorrateiras, até que tudo seja somente escombros sob os pés de mais um que quer um pouco mais desse mundo metrificado e regularizado de zumbis babões.

A ajuda logo chegaria.

A Mamãe dizia a ele que tinha pena. As pessoas vinham trabalhando havia tantos anos para tornar o mundo um lugar seguro e organizado. Ninguém percebera que o mundo ficaria entediante com todas as terras delimitadas, todas as velocidades máximas estabelecidas, tudo classificado, taxado e regulado, todas as pessoas testadas, registradas, endereçadas e inventariadas. Ninguém deixaria muito espaço para aventuras, com exceção daquelas que podem ser compradas. Numa montanha-russa. Num cinema. E, mesmo assim, esse é o tipo de coisa que provoca emoções falsas. Nós sabemos que os dinossauros não vão comer as crianças. As platéias testadas já eliminaram qualquer chance de vermos um grande desastre, mesmo que falso. E como

não há possibilidade de um desastre ou riscos reais, também não há chance alguma de salvação real. De euforia real. De entusiasmo real. De alegria. De descoberta. De invenção.

As mesmas leis que nos dão segurança nos condenam ao tédio.

Sem acesso ao verdadeiro caos, jamais teremos paz verdadeira. Se tudo não puder piorar, não melhorará. (PALAHNIUK, *No sufoco*, 2005)

Não se trata de coragem em seus livros, o limite da ação é somente mais um elemento por tantas vezes despercebido por seus personagens. São todos cheios de vícios, decrepitos, ignorantes e brutos, fracos como o homem médio do mundo pós-moderno televisionado que povoa nossa época. Informações em enxurrada, objetivos às toneladas, detalhes mínimos e específicos a transformar todos em monstros invisíveis de si mesmos. Sem coração, eles continuam a deambular sem objetivo a não ser somente o próximo passo, contra algo que não tem um nome grande, ou mesmo uma instituição, ou ainda um vilão bonachão; permanecem na insistência tenaz do próximo passo. Personagens tão corriqueiros que assustam por sua força, tão estranhos quanto qualquer um que encontraríamos no elevador. Constatações que de tão óbvias demonstram o pesado claustro no qual se vive, e a partir daí dar mais passo.

Apáticos de todo gênero, drogaditos de todas as modalidades, atrizes pornô decadentes, paranoicos conspiratórios, desgarrados de uma seita religiosa, corretoras de imóveis vingativas, doentes crônicos, ninfomaníacos, microfacistas frustrados, modelos desfiguradas, transexuais amargos, suicidas e reprimidos – toda uma horda de esfarrapados que dariam, cada, um romance completo só no acompanhar de seus tropeços. Mas Chuck deslocaliza mais uma vez, tais especificidades não seguram seu questionamento, são sim ponto de partida das histórias muitas vezes.

Os cabelos rosa da burguesa que tem desafetos na lista de magia negra. O último dos pródigos purificados a meter a mão na merda falsa de sua história. Ninfomaníacos de coração grande. Parasitas carinhosos. Falsários em busca de um abraço dentre os condenados de verdade. Essa é sua vida? Que importa? Robin Hoods descamisados das esquinas carcomidas da história. O mais baixo de todos que não se rebela e sim drena lentamente os privilégios dos detentores do poder. O enfrentamento como uma das opções e a guerrilha como uma surdina da derrocada dos grandes. Mas o que os move?

O Estado não para de produzir e reproduzir círculos ideais, mas é preciso uma máquina de guerra para fazer um redondo. Portanto, seria preciso determinar as características próprias da ciência nômade, a fim de compreender a um só tempo a repressão que ela sofre e a interação na qual se “mantém”. (...) – essa foi sempre uma das principais funções do Estado, que se propunha ao mesmo tempo vencer *uma vagabundagem de bando*, e *um nomadismo de corpo*. (DELEUZE & GUATTARI, Mil platôs vol. 5, Pg. 34)

Máquina de guerra extremamente imanente a quebrar, com a força da existência humana, um sistema de moralidade e controle tão caquético quanto o “socius” que Chuck descreve. O mundo do trabalho corporativo sendo deposto por sabotagem. Os valores de manutenção da vida e seu “controle cuidadoso” estilhaçados pela inconsequência e pelo incentivo da perda total da esperança. A derrocada desses primeiros pontos de segurança para que, enfim, comece-se a visualizar os reais desafios e importâncias desse mundo super-entupido de informação e preceitos, perdidos em tanto controle e distrações artificiais. Um pouco, o limite ainda está longe de chegar, um pouco mais e realmente começaremos a sentir a ridícula simplicidade e covardia que nos assola. Qual a última fronteira? Falsa questão; é necessário seguir.

Sua horda guerrilheira trabalha de dentro do sistema. Declara sua mediocridade desbancando a produção do consumo de massa, as ilusões de auto-preservação e os “sentimentos fast-food” que devemos consumir nem que sejam em pílulas.

Esvaziamento por pressão, a derrota para novo levante, a bendita falta de dentes de quem está vivo, o descanso do caminhante frente à insônia do enjaulado. O palco como foco de desatenção, pois o trabalho se faz não só por deslocamentos laterais, mas explosões dispersivas, intensas, desmedidas, cruéis, energias, afirmativas e “com-fabuladas”.

E você abre a porta e dá um passo para dentro.
Estamos dentro de nossos corações.

Agora imagine que sua dor é uma bola branca de luz curativa.
Isso mesmo, sua dor, a dor em si é uma bola branca de luz curativa.

Acho que não é bem assim...

Esta é a sua vida boa até a última gota.
Não vai ficar melhor do que isso.
Esta é sua vida e está acabando um minuto de cada vez.

Este não é um seminário. Isto não é um retiro de fim de semana.
Onde você está agora não pode sequer imaginar como será o fundo.
Só depois do desastre nós poderemos ser ressuscitados.
É só depois que você perdeu tudo que é livre para fazer qualquer coisa.
Nada é estático. Tudo está evoluindo.
Tudo está caindo aos pedaços.

(...)

Você não é um belo e único floco de neve.
Você é a mesma matéria orgânica em decomposição como todo o resto.
Somos todos parte da mesma podridão.
Somos toda essa, a cantar, a dançar, porcaria do mundo.

Você não é sua conta bancária.
Você não é a roupa que veste.
Você não é o conteúdo da sua carteira.

Você não é seu câncer de intestino.
Você não é seu *latte* grande.
Você não é o carro que você dirige.
Você não é suas malditas calças cáqui.

Você tem que desistir.
Você tem que desistir.
Você tem que perceber que um dia você vai morrer.
Até que saiba disso, você é inútil.

Eu digo que nunca me deixe ser completo.
Eu digo que eu nunca esteja satisfeito.
Eu digo livre-me do mobiliário sueco.
Eu digo livre-me da arte inteligente.
Eu digo livre-me de pele clara e dentes perfeitos.
Eu digo que você tem que desistir.
Eu digo evolua, e deixe os pedaços caírem onde eles podem.

(...)

Bem vindos ao Clube da Luta, se esta é sua primeira noite você tem que lutar.⁴⁷

Chuck nos arrasta pra dentro dessa máquina autodestrutiva, derrubando os cenários do espetáculo diário, quase com um bocejo de tédio. A força de seu discurso reside afinal, dentro de um movimento que não se pode interromper – que se for estancado, vaza em qualquer outro ponto – a vida. Feito infestação, sua horda corrói todas as aparências na busca de estar de frente com a decadência, mesmo que não se importe com isso, mesmo que queira somente um pouco de carinho... Não há necessidade de matar o homem

⁴⁷ Trecho traduzido da música *This is your life*, trilha sonora do filme Clube da Luta (1999), que trás diversos recortes do livro com o mesmo título do autor Chuck Palahniuk de 1996. Tradução livre.

médio que vive em nós mais; ele já está morto, só precisamos nos dar conta disso e seguir para outro lugar, arranjar o que fazer afinal.

Não um tapa na cara, mas na nuca. Sem propósito algum, os atos de seus personagens ganham a consistência de procurar efetuar o que se necessita na vida, o pertencimento e a felicidade. Chegar à pele pela anestesia, à beleza pela feiura, à transformação pela guerrilha surda. Não prega uma sangrenta batalha de morte e tortura, mas a quebra dos padrões pelo curso da vida da maneira que for possível.

E uma marca dessa horda é sua despreocupação com objetivos comuns e sua extrema desorganização. Por isso a proximidade com a malta da máquina de guerra. Atos isolados em confabulação torpe, desgarrados de um centro mentor e propagandístico da revolução. Mas uma horda que empreende seu movimento pela vida. Deslocalização e velocidade, para que tudo que não tem possível se desfaça. No caos, a plenitude. E um sujeito que resta sempre simples como mãos de amantes que se entrelaçam dentre explosões estrondosas.

Seus personagens se veem em situações limites não por serem demasiado iluminados ou revoltosos com o estado de coisas da atualidade, como baluartes de uma nova era. Muitas vezes, pouco se importam com essas questões, pois a vida e seus movimentos estão em outro lugar. São encarceramentos do limítrofe de todo indivíduo de nossos dias, e suas atitudes são tão heroicas quanto a de um pedestre que decide andar contra-fluxo na hora do rush. O humano reproduzido e formatado, demonstrado em toda a sua incongruência, humano esse igual a todos. E nessa delimitação bizarra, o ato revolucionário de seguir vivendo e cavando nova possibilidade, num clamor pelo novo e pelo encontro. A tristeza só pode ser combatida com o embate arruaceiro, o encarceramento confortável com renascimento dolorido, a sanidade incrustada com uma loucura extremista, o rebanho pela horda, a solidão asséptica pelo amor desajustado.

E eles seguem matreiros. Infectando de fugas risonhas toda a sisudez apática das normas.

Ressoam ainda: – I'll try anything once (you only live once DEMO), The Strokes;

RADUAN NASSAR e o pulso vital

Ressoam: – Bom conselho, Maria Bethânia;

eu não tive o bastante, mas tive o suficiente. (NASSAR, 1987, p. 24)

Ficar ou partir? Empreender a paciência no consistente trabalho do tempo ou quebrar o caminho com as próprias mãos? Esse mundo é por fazer? Um segundo inflamado ou décadas de terra pisada? Como se erguem homens de verdade? Pouco importa nas palavras de Raduan. Histórias cheias de raiz e singularidade, que nos alçam a tempos desenrolados. As perguntas caducam frente à costura de todas as dimensões em um único plano, o do encontro.

Suas histórias, suas frases, tem um pulso intermitente a carregar tudo para a pele dos personagens, sempre para o mais profundo da superfície tátil da pele. Ler Raduan é como afogar-se, com sua verborragia caudalosa que nos faz confundir a leitura e nossa própria respiração. Como se uma pedra dura e polida abrisse caminho no cotidiano, desfazendo as estabilidades distanciadas.

A especificidade de cada personagem parece dizer das situações descritas com a precisão afetiva de quem está realmente presente e completamente envolvido no pulso de suas frases. E assim, nos carregando para dentro do sangue de André, da menina com uma tarefa distraída, do homem sem nome das três da tarde, o autor nos abre pelo umbigo esse mundo posto a nosso redor.⁴⁸ Revira a pele da gente, nos sugando para dentro do contágio com o mundo, onde aí já não o temos a nosso redor, onde perdemos as demarcações e somos o mundo vivo em todos os lugares. Sempre no limite da palavra, na radicalidade da atitude, trata-se de criar sua própria língua, gritar, afirmando o que se constrói nessa nova vivência e não evitando o choque em todos os níveis. A afirmação do tempo que corre e a feitura dolorosa de uma vida. São vulgaridades, cânones, desejos proibidos e atos antigos, toda essa transposição arrebatadora que Raduan nos leva a enfrentar na carne viva de seus livros. A placidez de campos largos

⁴⁸ Rompemos o invólucro e entramos em contato com as cenas e personagens dos livros de Raduan Nassar. São eles: *Lavoura Arcaica* (1975), *Um copo de cólera* (1978) e *Menina a caminho e outros textos* (1994). Aqui indicamos o ano de publicação.

onde o gado se refresca sob árvore frondosa, e a fúria espumante da revolta de seus personagens contra uma vida regrada e interdita. A plenitude de um sofrimento, numa felicidade intensa. Sempre o encontro, o fio da vida com seus percalços.

Sua ligação com esse contato extremo com tudo nos faz lembrar sempre do *amor fati*, amor ao destino, essa paixão pelos afetos, pelas forças presentes. "Não querer nada de diferente do que é, nem no futuro, nem no passado, nem por toda a eternidade. Não só suportar o que é necessário, e menos ainda dissimulá-lo (...), mas amá-lo..." (NIETZSCHE, 2001). Nietzsche liga o *amor fati* à noção de eterno retorno, e em Raduan sempre se retorna, mas para fazer da diferença a única opção, pois esta pulsa indisfarçável. Amar o destino das coisas, um enfrentamento direto com a vida, buscando nela a paixão dentro de cada objeto, o brilho de cada olhar, a impureza do homem, e isso num toque. O acidente que acolho, o desvio que me constitui, a sujeira e a doçura de cada bicho da terra, a paixão vil frente o amor ensaiado, a toalha de algodão e a nudez lassa dos corpos, a impaciência e a mão benfazeja a acariciar tantos revoltosos...

(...) eu berrei numa fúria contente vendo a súbita mudança que eu provocava em meu irmão, um ímpeto ruivo f piscou nos seus olhos, sua mão desenhava garranchos no ar, assustadores, essa mesma mão que já ensaiava com segurança a sucessão da mão do pai, mas tudo se apagou num instante, senti seus olhos de repente dilacerados, meu irmão chorava a minha demência, discretamente, longe de suspeitar que percebido assim eu acabava de receber mais uma graça: liberado na loucura, eu que só estava a meio caminho dessa lúcida escuridão; eu quis dizer para ele "tempere nesta mão a voz potente, a ternura contida, a palavra certa, corra com ela meus cabelos, afague-os, proteja minha nuca, em circunstâncias como esta, assim faria a mão do pai, severa"; e me ocorreu também que eu poderia exortá-lo de forma correta enquanto enchia de novo nosso copos, dizendo, por exemplo, "dilata as pupilas, esbugalhe os olhos, aperte tua mão na minha, irmão, e vamos." (NASSAR, 2002, p 75 e 76)

Não mais esperar do mundo uma continuação de seus movimentos ou mesmo uma mudança crucial que liberte o homem em todos os seus níveis. Raduan põe as incongruências formadoras do real em evidência e, por tal postulação, a vida não tem curso, não tem por que – tem pulso e carência de toque.

Percorrer suas páginas, curtas até sendo que o autor publicou somente três livros, rebenta todos os limites que, devagar, ajuntamos a nossa volta para poder seguir sem perigo. A sabedoria de quem tem a coragem de dizer seus desejos, o rumo traçado a ser denunciado em cada passo, a tragédia de estar vivo e a inocência que quer se corroer –

porquê, se não for assim, é fajuta essa vida. A negação do que me determina, num direito pelo erro, pelo pertencimento. Esse seu corte, o dos limites que nos separam da danação vital.

Um contato que também é acolhimento, cuidado com o mais precioso, o pulso que permanece a rebentar ruas, gramados e cômodos de suas histórias. A vida é trágica, e nos furtar a esse enfrentamento, é simulacro frágil. Um abraço aos acontecimentos que atropelam seus personagens traz à tona toda a atenção cuidadosa que se deve ter frente o dia. Há beleza em cada vida que se desenrola como pode, e é daí que se deve tirar o impulso de tocar as coisas. Mesmo que esse ato levante repulsa nos outros, é desse toque que se faz suas histórias, seu traçado marcado de ousadia e energia.

A construção de uma nova saúde cheia de epilepsia. A quebra e o abandono na construção de um amor. A denúncia do pensamento corrente e do saber enciclopédico que colecionamos e reproduzimos, no empreendimento da reentrada no mundo pelo avesso. A petulância da carência, a fala, o grito, o calar, o tempo e a impaciência, o desejo e a regra, o ímpeto e a paciência – tudo de uma só vez numa ode ao que se necessita em ato. O esplendor dos encontros que denuncia a moral cega e carinhosa. São palavras antigas para dizer um grande palavrão na cara das expectativas. O homem, a mulher, a criança, a família, tudo perdendo contorno para que a consistência seja alcançada e o contato efetivado. Da mesquinhez que nos arremeda os hábitos ao despautério de quebrar tudo num jorro zombeteiro e virulento.

(...), eu estava dentro de mim, eu já disse (e que tumulto!), estava era às voltas c'ô imbróglio, co'as contorções terríveis numa virulenta congestão, co'as coisas fermentadas na panela do meu estômago, as coisas todas que existiam fora e minhas formigas pouco a pouco carregaram, e elas eram ótimas carregadeiras as filhas-da-puta, isso elas eram excelentes, e as malditas insetas me tinham entrado por tudo quanto era olheiro, pela vista, pelas narinas, pelas orelhas, pelo buraco das orelhas especialmente! e alguém tinha que pagar, alguém sempre tem que pagar queira ou não, era esse um dos axiomas da vida, era esse o suporte espontâneo da cólera (quando não fosse o melhor alívio da culpa) (...) (fácil concluir que dois e dois são quatro à sombra numa figueira, queria era ver alguém puxar linhas e outros segmentos, fechar rigorosamente um círculo, demonstrar afim um teorema em plena fogueira do inferno) (NASSAR, 1987, p. 40, 41 e 65)

Seria no mínimo preguiçoso considerar a literatura de Raduan como catastrófica, destrutiva ou tão somente trágica. Entramos em registros por muito abandonados em nossas reproduções literárias contemporâneas, tantas vezes preocupadas em criar universos particulares ou delírios individuais. Raduan acessa o contato destapando toda a corrente avassaladora da vida, sua pequenez e a destruição presente em cada ponto de suas frases, sua contenção e fenecimento em cada segundo do dia, a confusão das divisórias que buscamos demarcar. Mas aí acessa a dimensão do pertencimento e do afago como ninguém. Numa primeira ideia de completa destruição das coisas, Raduan tece o desmonte do homem ordinário, comedido e bitolado em trilhos bem firmes e rangentes. Abrindo a caixa de Pandora dos males e da morte da esperança, ele lança às favas tudo que se quer estável, mas costura o ninho de cada um dentro da própria queda. O encontro que seus personagens encarnam pode ser embebido de desterro e angústia, mas faz com que, por suas palavras muitas vezes, façam o contato extremo com o fluxo da vida. A mãe que espera e nos acorda pela manhã, a vastidão do bosque, a alegria da festa em roda, a entrega total, o mistério do sorvete batendo o desejo da criança encantada, o carinho da madrugada em silêncio, pontos de descanso, contágio e calma. O colo que não é mais aquele quieto e acolchoado, mas um sossego dentro do sangue dos animais em seu lerdo trabalho de respirar, o amor que esgota e completa para o próximo instante de perdição. Suspiros e gritos, e suspiros novamente.

A menina avança alguns passos entre os cereais expostos sobre caixotes de querosene e não vê ninguém. Arregala os olhos quando descobre a barrica de manjucas secas, sente a boca vazia e perdida ao vislumbrar um compartimento cheio de torrões de açúcar redondo. Enfia logo a mão na barrica em busca de manjucas, come muitas, sofregamente. Lambe o sal que lhe pica a pele ao redor da boca e estala a língua. Pega depois um torrão de açúcar redondo, em seguida outro, os mais graúdos que repousam na superfície. A barriga estufa, a voracidade do começo desaparece e a menina, de espaço a espaço, sem vontade, continua lambendo o torrão enorme que tem na mão, enquanto passeia livre pelo armazém sem ninguém. Explora atrapalhada a composição geométrica dos ladrilhos sob os pés, a lataria em pilhas, a ferragem amontoada num canto, os trens de cozinha, os rolos de fumo de corda, as garrafas nas prateleiras, as redes de teia de aranha no forro. (NASSAR, 1997, p. 41 e 42)

A fome, o desconsolo, o abandono, a ira e o sexo, pra dar humanidade ao homem tão bem escanhoado das ruas monótonas. Amar esse destino revisitado que nos enche de energia e dor, para fazer o revés desse distanciamento e estabilidade. Uma mão que se

estende, a cópula dionisíaca e delirante, as manjubas salgadas que alimentam a moleca suja, a terra sólida e fria para refrescar a pele de brasa.

Onde desemboca o que nos constitui? Raduan expande tudo em seu discurso febril, saltando do mais concreto para o infinito dentro de cada gota de suor, sem preocupação de heróis ou missões, muito antes buscando no embate e no inusitado sua fonte para as palavras. Sempre um combate, uma guerra, uma fala sobre a outra, a ânsia a mover e pedir passagem, a destruição dentro de cada ponto que se adiciona.

O pulso da vida enamorado fatidicamente em sua possibilidade de repercussão. O contato explosivo que reconstrói tudo com sangue novo. A vida necessita, tem sede e se não entramos nessa corrente ficamos destroçados. Apertamos forte a mão estendida, e tudo pulsa junto.

Ressoam: – Ya Babour, Trilha sonora do filme “Lavoura Arcaica”;

STELA DO PATROCÍNIO, muito bem patrocinada – estética da existência pelos lábios

Crescer você tá bem crescidinha e multiplicar? Você nunca teve filhos?

Eu já botei tudo pra fora
Depois que botei tudo pra fora fui obrigada a
botar tudo pra dentro
e me ensinaram a ser rápida ligeira e a ter
velocidade

E atualmente você bota as coisas pra fora ou pra dentro?

Pra dentro

O que você tá botando pra dentro agora?

O chocolate que eu botei pra dentro
Você que eu tô botando pra dentro
A família toda que eu tô botando pra dentro
O mundo que eu tô botando pra dentro
De tanto olhar

De tanto?

Olhar
De tanto enxergar olhar ver espiar
Sentir e notar
Tô botando tudo pra dentro porque botando
pra dentro eu botei pra fora

(PATROCÍNIO, 2001, p.151 e 152)⁴⁹

Eu a acompanho desde sempre. Ela que me interfere desde o começo. Tão viva quanto pegar um ônibus e ir ao Hospital Aduino Botelho⁵⁰. Abrindo novos caminhos sobre chão duro.

Qual o limite entre uma pessoa sã e uma sem razão alguma? Qual a suave divisão entre a convivência do passeio público e o sequestro dentro de uma instituição estatal? Onde reside esse índice diferencial que faz uma pessoa ser abandonada de uma linha de vida trôpega – mas ainda assim animada no cotidiano dos cidadãos –, e passar para os círculos viciosos de pátios, enfermarias, lençóis numerados e janelas gradeadas?

Eu sou seguida acompanhada imitada
assemelhada

⁴⁹ Todos os fragmentos citados são do livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, de Stela do Patrocínio, publicado em 2001. As demarcações em negrito se referem a diálogos com a estagiária que gravou seus encontros com Stela, a mesma que gravou as outras falas citadas.

⁵⁰ Hospital Psiquiátrico Aduino Botelho, Cariacica, ES. Experiência muito forte, transformadora e desafiadora. Trabalho árduo, experimental que resgato nesse ensaio.

Tomada conta fiscalizada examinada revistada
Tem esses que são igualzinhos a mim
Tem esses que se vestem e se calçam igual a mim
Mas que são diferentes da diferença entre nós
É tudo bom e nada presta

(...)

Não sou eu que gosto de nascer
Eles é que me botam pra nascer todo dia
E sempre que eu morro me ressucitam
Me encarnam me desencarnam me reencarnam
Me formam em menos de um segundo
Se eu sumir desaparecer eles me procuram onde
eu estiver
Pra estar olhando pro gás pras paredes pro teto
Ou pra cabeça deles e pro corpo deles.

(PATROCÍNIO, 2001, p. 63 e 79)

Stela se fez mais uma dentre os tantos que experimentam o percurso psiquiátrico. Dizer de todos os questionamentos sobre o tratamento institucional e seus atos de encarceramento, exclusão e produção iatrogênica da doença mental seria, neblinar Stela. Novamente descascá-la de seu brilho, que não nega de maneira alguma todo esse questionamento e denúncia, mas que encontrou outra forma de denunciar. Stela, mulher, louca, negra, pobre, adulta e aparentemente sem família, foi interna da Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro durante quase 30 anos⁵¹. E como todos os seus “companheiros”, Stela preenche todas as categorias de um interno: tem sua prescrição medicamentosa, perambula pela rotina hospitalar e acaba participando das atividades que a equipe realiza com os internos, espaços terapêuticos e práticas que busquem ainda suscitar vida e produção dentro de muros tão firmes como os do diagnóstico e do manicômio.

Dias semanas meses o ano inteiro
Minuto segundo toda hora
Dia tarde a noite inteira
Querem me matar
Só querem me matar
Porque dizem que eu tenho vida fácil
Tenho vida difícil
Então porque eu tenho vida fácil tenho vida difícil
Eles querem saber como é que eu posso ficar
nascendo

⁵¹ Sua primeira internação ocorreu no Centro Psiquiátrico Pedro II em 1962. Transferida para a Colônia Juliano Moreira em 1966, Stela lá viveu até sua morte em 1992. Nunca teve sua família localizada, ou mesmo alguém reclamou sua falta ou procurou seu paradeiro.

Sem facilidade com dificuldade
Por isso é que eles querem me matar

(PATROCÍNIO, 2001, p. 64)

E foi dentro do hospital que Stela, por vezes avessa às atividades de desenho e escrita propostos por profissionais e estagiários da instituição, continuou com sua repetição idiotizada: falar. Stela parecia falar todo o tempo, despercebida pelos outros e muitas vezes a balbuciar para si mesma, falando desenfreada e despreocupada, baixinho quase quieta, articulando o que possuía da forma mais natural para ela: a boca e as palavras.

Que movimento é esse que nos atravessa com a força de cindir a cadeia dos dias? O que Stela realiza com o simples uso de boca, lábios, língua e ar? Dopada, descuidada, encarcerada e descabida para nós, como seus sussurros agudizam nossos ouvidos tão distantes?

O que Stela realiza é a fuga monumental da vida. Não havia nenhum momento de tomada de consciência, nenhum caminho de transformação propriamente dito, sua situação estava mais enraizada no pátio manicomial do que ela poderia imaginar. Tampouco ela imaginava retornar a um passado como alguém que almeja realizar sua metamorfose, um virar gente de vez. Stela desbanca nossas dimensões maniqueístas e complexas de ressocialização ou produção de corpos doentes, desbanca tudo isso em seu ato de maior rebeldia: continuar falando.

Desnorteante saber que suas falas foram reverberadas quase que por descuido. Uma estagiária, ao perceber a fala inusitada de Stela e sua negação às atividades com papel e caneta, resolve se aproximar e gravar a voz da interna. A posterior organização de Viviane Mosé, em termos de cortar as falas em estrofes e separações organizativas, fez com que a conversa continuasse, dando um pouco mais de companhia à Stela.⁵²

Pela língua, ela molda o mundo de novo. Renega o papel e as mensagens para o futuro e fica com as palavras fervilhando na boca, tão presente como pode ser alguém que realmente vive. Stela reconstrói todo o hospital e seus habitantes, dando o seu corpo e o

⁵² O livro de Stela do Patrocínio tem a poetisa Prof^ª. Dr^ª. Viviane Mosé como organizadora, e as estagiárias da época dos relatos Carla Guagliardi e Mônica Ribeiro de Souza (supervisionadas pela artista plástica Neli Gutmacher) foram responsáveis pela gravação e transcrição das falas de Stela respectivamente. As atividades de Neli e seus voluntários vinham ao encontro da reforma psiquiátrica que teve seu início na década de 1980, beneficiando Stela e outros pacientes da Colônia Juliano Moreira, RJ.

seu afeto para colorir e animar o entorno, refaz todo o Rio de Janeiro por onde andou, colorindo as areias de Copacabana e a Voluntários da Pátria com seus passos de mulher jovem e os óculos confusos na calçada cheia da tarde. Fala de si mesma esfarelada e gaseificada arrastando todos nós dentro de seus pulmões, e, sem cansar, permanece a nos falar de tudo que resolvemos deixar passar. Sua língua toca cada linha microscópica de nosso cotidiano, dissonando todas as linhas mestras e harmônicas as quais ela despreocupadamente reverbera e “sabe de cor” sua melodia.

Seu sofrimento se tornou vida, escapando de tudo que a encarcerava a carne, ela brame o ar com as palavras que ainda não tiraram dela. Palavras tão íntimas, que Stela parece ter criado cada uma delas. E por ser portadora de tais, não é a poesia que pede passagem nem as frases que se constituem no corpo-cabeça-gás de Stela. É ela que impõe o ritmo, ela que reconstrói tudo pelos lábios, que descortina em sua repetição a denúncia despreocupada e a reconstrução do real. Ela que, despudorada, diz de tudo o que se passa em todas as direções sem medo de se calar, pois a impressão que nos dá é que não fala, mas que vive inteiramente e as palavras se tornam graus de sua vida.

Aquí no hospital ninguém pensa
Não tem nenhum que pense
Eles vivem sem pensar
Comem bebem fumam
No dia seguinte querem saber
de recontinuar o dia que passou
Mas não tem ninguém que pense
e trabalhe pela inteligência

(PATROCÍNIO, 2001, p. 61)

Stela que morre só na colônia, rodeada de tantos outros como ela. Stela atormentada, medicalizada, vigiada, repreendida, circunscrita, maltratada, que entra nas filas da refeição, que dorme dentro da respiração coletiva das enfermarias. Ela que vivia as amarras nos punhos e pensamentos, que foi sequestrada de sua vida, que diz da ignorância científica que movem os corredores regulamentados do hospital, num lúgubre testemunho da violência estúpida que sofreu. Seria cruel de nossa parte dizer que suas palavras a salvaram – quase como num delírio beatificante –, mesquinho escolher suas poesias como um produto bom de um entorno tão mau assim.

E é a doçura de Stela que retorna para nos colocar a seu lado e dizer do mundo mais uma vez. Sua “poesia”, sua voz, não parece pensada como um telégrafo que informa o

que se passa e recorre em S.O.S, ou mesmo que dá coordenadas estratégicas do próximo passo na frente de batalha. Sua voz nos arrasta para a vida com doçura, nos faz entrar no registro da experiência de Stela, nos faz entrar em contato com o mundo renascido por ela, e o que ela pede é só um pouco de escuta, de companhia e um pouco de fumo.

Olha quantos estão comigo
Estão sozinhos
Estão fingindo que estão sozinhos
Pra poder estar comigo

(PATROCÍNIO, 2001, p. 65)

Não se faz como sibila sentada sobre os vapores fétidos e decifrar as verdades de um mundo de aparências. Stela vive em sua própria voz que não quer jamais concatenar falas intermináveis ou poemas metrificados, Stela quer conversar.

É por isso que ela nos mata. Mata em nós o forasteiro que traz o cuidado para o desamparado, mata o pesquisador que busca a revolução dentro de cada palavra de ordem, mata o menino que quer aprender pela acumulação e pelo endurecimento da pele. Mata todos com um estalar da língua, com uma historieta, com a conexão morna de seu coração, nos mata para vivermos com toda intensidade.

Fui estagiário durante 3 anos e meio em um projeto de extensão da Psicologia da UFES no Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho em Cariacica, ES. Trabalhávamos junto aos pacientes da ala de ressocialização do hospital, em parceria com a equipe, trabalhando em prol da desconstrução da instituição asilar, do tratamento por outras formas que não a medicamentosa e terapêutica. Essa ala do hospital se tratava de pacientes de longa internação, já considerados fora de uma “crise” ou “surto”, e, em sua maioria, sem família ou condições de saírem da instituição. Nossas atividades eram muitas vezes na rua com os “pacientes”, sem muitos preceitos e técnicas terapêuticas, mas com o rigor e a ética de estar com cidadãos em processo de reconstrução de suas vidas. Que experiência incrível. Participamos da implantação das primeiras residências terapêuticas do ES, e os desafios de um dia de estágio, da compra de uma caixa de fósforos que fosse, eram titânicos e cheios de energia.

Não se tratava jamais de me colocar como o acompanhante dos moradores (a essa altura já nos dispositivos residenciais) a orientar e esquadrihar sua falta de jeito com o mundo externo. Era uma experiência de tatear em parceria que se fazia em cada

instante. Estávamos a todo tempo nos apoiando reciprocamente, nós – estagiários e os moradores – a pensar novas formas de experienciar essa “nova vida” e a se defrontar com tantos percalços como jamais podíamos suspeitar. E era novamente Stela que aparecia sussurrando em nossos ouvidos, era seu vida palavreada que parecia se refazer em nossos dias juntos. Saíamos cada um de nós de nossas vidas, e juntos estávamos moles e de pele nova a andar pelas ruas de um bairro suburbano, deslumbrados em pegar uma condução ou mesmo sentar num banco da praça pública. Pendulávamos por sobre esses estados de captura, de medo, de reprodução, de uso do local de poder, do embate cotidiano, das atividades domésticas e das conversas sem-pé-nem-cabeça... todo o tempo buscando habitar essa vida brilhante, intensiva, dispersiva e consistente que Stela nos oferece a todo tempo. Abandonar a prescrição do passado duro e do futuro irreal e ilusório é doloroso e feliz. É isso que enchia nosso sangue por tantas situações e é isso que ainda brilha nas palavras de Stela.

Não se importar com a mudança das coisas – como objetivo ou motivação de seu falar – não transforma Stela em somente um exemplo do brilhantismo da vida ou mesmo uma desesperada que se espreme dentro da própria boca. Ela se torna muito maior. Stela foge se enfiando com força dentro do mundo, de sua crueldade, de seu ar e de sua beleza infinita. Estando com todos, ela se conecta com toda a força no mais premente da vida, e nos traz a difícil tarefa de suportar a vida com toda essa energia. Nos tira o conforto dos conceitos e discussões e nos mostra o único substrato que somos: energia pulsante em todos os cantos, e nos convida a estar com ela nesse brilho da vida, sem pedir pagamento, só companhia.

Fala uma poesia pra gente

Não

Não tenho mais lembrança de poesia mais nenhuma

Tudo que você fala é poesia Stela

É só história que eu to contando, anedota

(PATROCÍNIO, 2001, p. 153)

Falar da saúde mental é imprescindível com Stela, mas ela é muito maior dentro de seu discurso alquebrado. Ela chega a raias muito mais sutis e longínquas, a criação da ponta de sua língua que nos põe em contato com a vida em seus graus heterogêneos e infinitos, para sair daí mais potente.

O que eu penso em fazer da minha vida
É encontrar a felicidade, ser feliz
Ficar gostando e não perder o gosto
Ser feliz
Encontrar a felicidade
E não perder o gosto de estar gostando

(PATROCÍNIO, 2001, p. 73)

A vida como obra de arte em sua desenrolar despreocupado e da maneira mais efetiva. Faz arte? Denuncia? Faz vida? Faz tudo de uma só vez no registro da criação pela boca. Stela enche a estética da existência com sua consistência e sua fuga demarcada. Como poderemos ficar a debater arestas filosóficas, se tudo é sempre maior e foge para outro lugar? Stela enche nosso discurso de brilho vital e é difícil lidar com isso – difícil não, custoso.

O que fazer com sua fala? Exemplificar somente o conceito vivo? Fazer dela experiência para construção de um tratamento humanizado? Viver com ela é o maior desafio, deixá-la trazer a fala ininterrupta para desfazer nossos ouvidos entupidos, encher de calor nossas práticas de cuidado, atravessar toda a cidade com a força de uma pessoa em movimento.

Ela, que eu como tanto pelos olhos; ela que sempre me alimenta um pouco mais. É, ela que me acompanha desde sempre.

Já falei de mundo de casa
De prédio de família
De que mais eu vou falar?
Então eu já vou...

(PATROCÍNIO, 2001, p. 144)

RASPAS E RESTOS QUE INTERESSAM

Ressoam: – Maior abandonado, Barão vermelho;

– É o que me interessa, Lenine;

Propomos a ativação de uma *Máquina de Guerra* estética que – munida de *Armas literárias* – empreenda no *Campo de Batalha* do agenciamento transmutações nos *Abraços* dos corpos para que estes engendrem a fabulação criadora premente que possui a arte em consonância com a vida. Máquina pulsante *Enamorada* por sobre *Estados de Graça* sucessivos a interferir sobre linhas e enunciados biopolíticos e assujeitadores de nosso contemporâneo. Afim de, num aquecimento do cuidado de si com suas regras facultativas e práticas de liberdade, apontemos para o *enamorar-guerrilha* – nosso posicionamento estético, de onde irão restar algumas raspas que nos interessam, sendo estas principalmente: *uma vida mais potente e uma arte mais afiada*.

A estética da existência de Foucault – energização faiscante dessa característica que se mostra escancarada na arte e de força vital: a *criação*. E a *fabulação* que Deleuze positiva de Bergson como o ato de criar a realidade – de fazer do simulacro a opção única sem haver jamais ideia para ser-se cópia, da composição da batalha múltipla-comum-maquínica-individuada. Com isso, então, retornamos: Sim, somos ficções.

Mas para onde ir agora? O que resta ainda a nosso redor, o que se fez de nós, como continuar após todo esse contato íntimo? *Para onde ir e o que fazer* são questionamentos que parecem agitar-nos, mas o movimento continua e sorrimos então.

MUTAÇÕES INDELÉVEIS

Ressoam: – Sun in my mouth, Bjök;

– Claire de lune, Claude Debussi;

Árduo esse trabalho, o de pôr-se a criar. Aventura descabida essa que ainda estamos dentro. Um momento de calma depois de tanta energia, um suspiro antes do novo solavanco, dentro destes muitos nos quais temos cadenciado. A complexidade e a multiplicidade parecem atingir, afinal, involuções inimagináveis e infinitas. Tudo em volta ferve desfolhando sua potência, sua consistência, sua transformação...

E nesse suspiro tomamos fôlego a pensar o que se passou, o que se faz ainda em nós. A paisagem contemporânea da produção de subjetividade, seus engastes, reproduções, encarceramentos, e também suas fugas, resistências e a prática duma liberdade sempre a ser refeita e recriada. Nossos conceitos chave esgarçados e recombinaados num novo arranjo potente, e nossos livros a surgir por debaixo da pele. A ativação duma máquina de guerra, a engendrar nosso proposto posicionamento estético, misturando ainda mais a arte e a vida, empreendendo mudanças por todos os lados. Mas o que resta disso tudo? O que se conserva acontecendo dentre tantos passos efetuados? Quais aparas e raspas desse processo ainda interessam? O que resta ainda desse caminho?

Toda essa jornada foi feita em ato. Foi dado a esse trabalho tudo o que parecia pedir passagem. Outros caminhos seriam possibilidades dentro do labirinto, mas traçamos esse na junção do que nos pareceu mais premente, mais potente. Cada passo não tinha em si qualquer obrigatoriedade – quiçá planejamento –, mas necessidade. O necessário como o que atrai com grande força, com o inegável pensamento que pede passagem, a necessidade de toda essa pesquisa que questiona sua realização de começo empreendendo a disjunção como marca de seu desenrolar.⁵³ Essa necessidade que não

⁵³ Esse uso do termo *necessário* vem de uma elaboração coletiva com os amigos Talita Tibola e Carlos Eduardo de Mello, doutoranda e mestrando respectivamente do Programa de pós-graduação em Psicologia da UFF. Organizamos em conjunto um curso extracurricular no semestre 2012/02 junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFF, chamado “contingente necessário”. O nome do curso é feito de uma chave de pensamento onde tensionamos o sentido das palavras presentes numa junção potente e criativa de nossas pesquisas. Por *contingente* buscamos pensar no que se apresenta em uma dada situação na qual estamos inseridos e de onde devem partir nossas ações. E por *necessário* buscamos

se confunde com essencial, pois o que é necessário se mostra somente no momento do encontro. Nada tem necessidade de pronto, são as contingências que necessitam. E tal estatuto de necessidade dos movimentos da pesquisa diz de movimentos que não se ancoram em trabalhos conceituais meramente argumentativos (como testes de acuidade abstrata) e apontam muito mais para essa filosofia prática a qual buscamos empreender. Não só martelar as questões, mas sim conectá-las e saturá-las. Pôr em movimento as conexões potentes do pensamento se afastando de procedimentos e técnicas essenciais, apontando para o que é necessário ser feito, o que pede necessidade de realização.

O labirinto de experimentações nessa viagem não se faz essencial, se faz necessário para que as argumentações tomem outra velocidade, outros rumos que não os esperados. O texto tem como marca e motor a efetivação e a interferência, e por tal se distancia de exercícios de criatividade ou debates conceituais. Essas argumentações e experimentações – ao fim esses *pensamentos-fluxo* –, só ganham sua contundência e só emergem nesse arranjo singular, nessas entradas múltiplas. E o labirinto se monta nessa conexão desenfreada das discussões e dos conceitos. São dimensões inseparáveis, mas distintas.

Nesse nosso repouso percebemos as mudanças, as marcas feitas na paisagem, nos seres e artefatos do terreno, em nós mesmos, no pensamento. Revisitar cada marca dessas, trazer de volta cada mudança para vivenciar novamente de uma só vez todo nosso caminho. Como se uma cicatriz fosse uma lembrança compacta de todo um discorrer de tempo, e duma palavra se faz a valise infinita do possível. Olhamos e vemos, mudamos inegavelmente.

A produção de subjetividade, a qual nos aproximamos pela chave de leitura da biopolítica, se mostra consistente em seus processos e é de dentro de tal discussão que buscamos suas possibilidades de entorse. Não podemos mais pensar de fora da produção biopolítica, estamos dentro dessa paisagem e é nela que pensamos a resistência. Não

pensar essa dimensão de necessidade intensiva que surge das e nas situações singulares e contingenciais, que as move e as coloca também em movimento. A junção dos termos nos põe sempre de forma imanente nas situações que buscamos pensar ou trabalhar, e nos põe também em um registro de movimento criativo com o que temos “à mão” e as intensidades presentes. Chave de pensamento que cataliza as pesquisas e nos fez desenrolar um processo de criação coletivo buscando pensar inicialmente com o curso noções como: coletivo, arte, corpo e criação.

mais emperramos a noção de resistência em montar negações disfarçadas e enfraquecidas, arremedos de escape. Buscamos outros caminhos, outras resistências mais afirmativas e efetivas nessa implosão do sistema “por dentro”. E aí resgatamos a noção de liberdade como prática de liberdade: se a resistência tem de ser afirmativa, nossa liberdade é híbrida e multifacetada, sempre a ponto de ser cooptada e calada em tantos micro-processos quanto a biopolítica não cessa de produzir e investir energia de reprodução. Uma liberdade que se pratica e perde completamente o apoio de ser um “estado de liberdade”, nos colocando em contato com desafios múltiplos. Não nos é mais possível ignorar os microfacismos e encarceramentos declarados aos quais tendemos somente a discutir e considerar. Ela, a liberdade, é praticada em formas inusitadas, mas pede atenção constante, pede dobra constante e ação, muito mais ação. Habitar essa paisagem contemporânea nos pede ao fim: consistência, elasticidade, ação e cuidado.

Se a estética da existência é uma formulação a qual buscamos dar a funcionar, os conceitos de vida e arte não poderiam ser mais os mesmos também. Tateamos diversos caminhos ao considerar a vida da maneira mais potente para tal formulação, e assim perdemos por completo a possibilidade de visualizar ou identificar o processo vital, ganhando a energia explosiva do que vive. Vida e morte perdem limites e se confundem, num discorrer do pulso faiscante, e isso nos faz perder apoios e estabilidades – a vida se torna vívida. E, de outra partida, a noção de arte a qual engastamos na formulação inicial da vida como obra de arte é desestabilizada.⁵⁴ Perdemos os catálogos, a história, ideais de beleza e polidez, ganhando assim uma arte processual, afiada a criar outras infinitas maneiras de experimentar e viver. Arte-pensamento, um movimento de criação incansável que se mistura à vida em seu desenrolar. A impressão de que “sujamos” ou “explodimos” nossos dois conceitos nos dá imensa alegria. O ascetismo que ronda tais discussões (tanto do campo da arte, da filosofia e da psicologia, e nos usos da formulação deleuziana de *vida como obra de arte* principalmente) sempre faz seu trabalho de afastamento e de enclausuramento de conceitos tão enérgicos e radicais como podem ser vida e arte.

⁵⁴ Novamente a essa altura trazemos a combinação de nossas primeiras entradas sendo: a formulação de Foucault sobre a estética da existência, em combinação com a formulação de Deleuze de vida como obra de arte. Nossa marca primeira nesse caminho, marca que retorna.

A literatura também se transformou. Não mais páginas seriadas e palavras sobre o papel, mas sim agudas lâminas feitas de vida. Nossos autores, que sempre nos incitaram a tudo isso, tiveram suas obras colocadas dentro de todo esse caminho, perdendo seus nomes, biografias e estilos, tornando-se armas e experimentações múltiplas. Perdemos a possibilidade de análise de conteúdo de uma frase literária, ganhando aí a conservação de acontecimentos potentes de interferência e produção de realidade. Não chegamos onde nossas suspeitas nos levavam nessa primeira aproximação da literatura e da vida, e sim nos tornamos literatura, e esta jamais será novamente só tinta no papel.

A essa altura nossa construção mostra uma de suas faces mais sutis e substanciais. Sutil por não ser a nenhum momento discutida em termos conceituais, substancial por ter seu funcionamento em todo o texto. A experimentação de disjunção do modelo do pensamento da representação impregna todo o caminho. Não podemos mais nos apoiar em formulações e racionalidades transcendentais após todas essas mudanças. Esfarelamos as noções em prol da efetivação de um pensamento imanente, um pensamento que construa e crie novamente, marcado com a processualidade e com a diferença como elemento inegável. Pensamento in loco, em construção, de extremo rigor em sua disjunção experimental e de imensa potência de criação de outras formulações, estas também sempre formulações vivas, de acordo com nossa argumentação anterior. Por fim o pensamento da representação desmontado, e o traçar das linhas de fuga que conectaram tantos possíveis.

Era-nos impossível negar uma efetivação das argumentações. A mistura de todos os caminhos traçados até então. O contemporâneo, a vida e a arte de uma só vez, a empreender, pela disjunção rigorosa e efetiva de um pensamento diferencial, a criar outras tantas marcas inegáveis.

A proposição de um posicionamento estético busca não privilegiar uma dimensão do real, mas sim imiscuir as outras dimensões pelo aspecto da criação. Ao trazer a criação estética, em todos os níveis os quais buscamos acoplar, resgatamos o político e o ético. Uma estética que dispare uma política mais crua e de contato, e uma ética muito mais quente e ativa. Na estética se está completamente dentro das situações, cavando e criando novo possível, deixando que a criação inusitada do novo se faça por todos os caminhos.

A noção de agenciamento aqui tem suas dimensões rachadas e expandidas para outras considerações que o multiplicam e potencializam. Quando tomamos o agenciamento como conceito a ser explorado pelo posicionamento estético é buscando efetivar a radicalidade de nossas discussões em um conceito dos mais vívidos e passíveis de interferência e efetivação. Se falamos a todo tempo de interferência em processos de produção de subjetividade pela formulação da vida como obra de arte, o agenciamento é dos campos de batalha mais propício. Nele se acoplam todas as discussões que levantamos, todas as dimensões e conceitos, em processo vital. E após o estabelecimento de nosso posicionamento estético, não há como não estar a todo o tempo de maneira mais enérgica nos agenciamentos que nos rodeiam. Desfazer-se e recriar-se ganharam o *enamorar*, e enamorados estamos a todo instante. Enunciar e o transformar dos corpos ganharam uma *guerrilha* que ativa o processo de mudar em contato e enunciar acontecimentos. Nossos conceitos valentes que devassaram o agenciamento insuflando-lhe de nova energia estética.

O conceito de máquina de guerra também nos arrasta e dispara a discussão numa aceitação do desafio que apresenta a cada linha. Conceito que instala toda a “maquinagem” desse trabalho e o qual buscamos entupir de consistência para efetivar seus tensionamentos e radicalidade buscando, enfim, causar interferência. Ele que nos impulsiona e que nos desmonta também. As máquinas de guerra não são localizáveis, e não param em momento algum. São funcionamentos que se empreendem, deixando rastros de mudança, mas sempre em mutação e se embrenhando para outras situações. Não podemos, após todo esse discorrer, identificar máquinas em nosso real, mas sim ativá-las onde conseguirmos. Ativar todos nossos conceitos de uma só vez, deslocalizando a todo o tempo suas finalidades, seus pontos de parada que seriam sua captura. As máquinas de guerra se fazem presentes quando encontram brecha, e é em nosso trabalho que buscamos efetivar as mudanças, não há como abster-se após tal empreendimento. Buscar o arranjo mais potente para tais ativações, sem garantias de efeito, mas propiciando encontros onde as máquinas de guerra encontrem brecha, sabendo que sua deslocalização e nomadismo irão nos arrastar sempre para outro lugar, tornando isso – o arrasto – nossa intensão também.

Toda essa guerrilha enamorada que nos possui apontam com muita contundência a duas discussões, talvez buscando nova fuga, novo campo de batalha. O *cuidado de si*

trabalhado por Foucault, discussão intrínseca do autor com relação à estética da existência que nos acompanha durante todo esse trabalho; e a noção de *fabulação criadora* de Deleuze, bem como as aproximações entre arte e vida que perpassam toda sua obra e as produzidas em parceria (Guattari, Parnet, dentre outros). Tais discussões acabaram por não ter a atenção devida durante nosso trabalho, mas aparecem a todo instante em cada discussão que levantamos. Não ter tido encaixe para trabalhá-las com mais debruçamento não tira jamais sua importância dentro de nosso caminho, ao contrário, acabam por ganhar muito mais energia e interesse de nossas discussões. Um trabalho mais aproximado de tais discussões se faz como caminho de desenvolvimento de nossa pesquisa, desenvolvimento este que possui todas as marcas e contornos desse nosso percurso aqui, mas que adiciona muito mais complexidade e consistência de efetivação.

Pareceu-nos necessário esta parada, esse repouso para sentir as mudanças. Resgatar as discussões não como quem reabre uma coleção esquecida dentro da gaveta, mas como quem sente todas as feridas e as transformações que cada passo realizou. Trazer tudo junto, como é experimentado. Pontuar cada mutação, uma sobre a outra, pois tudo se realiza de uma só vez, mas nos é necessário demarcar seu rigor e traçado radical dentro desse labirinto.

Será possível que no momento em que já não existe, vencida pelo Estado, a máquina de guerra testemunhe ao máximo sua irredutibilidade, enxameie em máquinas de pensar, de amar, de morrer, de criar, que dispõem de forças vivas ou revolucionárias suscetíveis de recolocar em questão o Estado triunfante? É no mesmo movimento que a máquina de guerra já está ultrapassada, condenada, apropriada, e que ela toma novas formas, se metamorfoseia, afirmando sua irredutibilidade, sua exterioridade: desenrolar esse meio de exterioridade pura que o homem de Estado ocidental, ou o pensador ocidental, não param de reduzir? (DELEUZE & GUATTARI, 1997b, p 18)

Venta muito agora, sibila agudo por sobre tudo.

Golpes mornos mais fortes e fios frios enovelam a borda que habitamos. Parece vir de todos os cantos, rodopiando e revoltando. Adensa cada vez mais a corrente invisível da lufada que acaba agora por ficar cada vez mais visível, pois levanta água, areia, pequenos pedaços de tudo...

Ressoam ainda: – Fracanapa, Astor Piazzolla;

FRIÁVEL CONSISTÊNCIA ou O MOVIMENTO AFINAL

Ressoam: – Rock and Roll, Led Zeppelin;

– Desired constalation, Björk;

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.

Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou – eu não
aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre
portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que
compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora,
que aponta o lápis, que vê a uva etc. etc.

Perdoai.

Mas eu preciso ser Outros.

Eu penso renovar o homem usando borboletas.

(BARROS, *Retrato do artista quando coisa*, 1998)

O barulho aumenta devagar e corpulento. A ventania já toma toda a paisagem, cria frisos sobre a água, esvoaçando a franja das ondas altas que soerguem. Faz um lençol transparente de areia a flutuar e voltear sobre os buracos das rochas. Folhas farfalham loucas e as conchas zumbem feito flauta dura. De onde vem tais rajadas não conseguimos saber, parecem vir do mar, da rocha, das conchas mesmo, de nós... Um céu cinza vai se ampliando e golpeia braços invisíveis sobre o chão que formamos com tanto zelo. Sentimos seu movimento forte a empurrar tudo. A praia retorna viva novamente; essa praia por fazer que tateamos parece tornar a se desfazer sob nossos pés.

Todo esse caminho percorrido encontrou diversos paradoxos. Uma praia de beira movente, seres em pulso, faíscas conservadas em conchas, nosso corpo que ganhou peso e consistência durante a caminhada e que se transforma com tanta facilidade a cada novo passo. E o vendaval nos faz retornar ao movimento, nos tirando do repouso de antes. Ligeira vertigem ao ver tudo começar a se mexer mais uma vez, mas um desequilíbrio bom. As marcas que visualizamos anteriormente começam a pulsar. Algo começa a conectar tudo novamente, sem muita precisão.

A paisagem biopolítica e seus inusitados movimentos paradoxais, onde temos de entrar balançados para não subjugar. Uma fuga estética para combater a inércia que nos envolve como mortalha, seja ela inércia “estática” de supostas estabilidades moralisantes e encarcerantes, seja ela “dinâmica” em seu fluxo contínuo e contido nesse sistema vampiresco. A praia, o contemporâneo, é movimento. O braço de mar indo e vindo, uma rocha que se desgasta tão lenta que aparenta imobilidade; esse encontro tão oscilante e vivo. O litoral respira, se corrói, aquieta, choca suas arestas, cava e recobre, com todas as forças em conjugação – ele também é movimento. Imensa paisagem complexa que flana sobre si mesma, revolvida e sedimentária em sua pulsação.

Vida que é movimento. Sua faísca pulsante que faz o movimento insistir e se transformar em cada partícula. Arte pensamento, distante da representação assentada e racional, mas desse pensamento-movimento alquebrado e propositivo. Pensamento fecundo esse da arte, que está sempre a traçar novo possível; elástico e potente pensamento que nos desarranja. A persistência artística e suas faíscas em suspenso. Para manter o movimento.

O vento assopra com força e parece fazer tudo em ardor. Num sopro faz alumiar um pouco mais forte as faíscas incandescentes de tudo, e o brilho reluz uma vibração diferente em cada ponto. A água refrata em milhares de raios seu próprio brilho, a rocha ferve sua superfície, a areia nebulosa salpicada de micro emanções, as conchas com sua brasa cintilando sob a influência da arfada. Um pulso que se adensa junto com o turbilhão atmosférico cada vez mais intenso...

A literatura é o fio firme da arte, incegável e encegueirada a nos ferir a pretensa estrutura. Ela, que com calma traça rupturas conservadas. A navalha sempre a nos transpassar, abrindo brecha para nossa potência de criar, sempre que lemos e releemos uma frase, uma palavra, um ritmo. Suas palavras são janelas de velocidade, a reverberar movimento fugidio. Literatura é movimento.

Perdemos a voz frente com força do vento, praticamente não conseguimos respirar como antes, mastigando e engolindo o ar veloz. Os olhos se fecham, e não teriam mesmo utilidade frente à massa amorfa e impalpável ao nosso redor... Alegre nosso susto frente a esse elemento que ainda não tinha se apresentado, mas que sempre nos impregnou. O céu, o ar de nossa borda litorânea se mostra no último instante –

lembrando que está em tudo a desfazer as paradas, renovando a força de criação e o movimento que impregna tudo nesse caminho. Ele que, sem cara ou palpabilidade, sempre se colocou a nosso lado nos enchendo de energia para continuar pulsando e faiscando, e que agora se impele sobre nossas parcas constituições a reerguer o movimento dentro de cada partícula. Não nos traça passagem, muito menos se confunde conosco, nos desfaz pela força – entrada em movimento.

As páginas da mensagem de nossa chegada se desenrolam em infindáveis fitas, se rasgam e flutuam. Colam-se a nosso corpo por segundos, se misturam com tudo em volta. Tudo vai perdendo foco e a mistura borra tudo. As conchas fulgurantes emanam para todas as direções e nos transpassam. O novo corpo que delineamos na praia mostra seus poros, são respiradouros por onde o ar passa agora também – papéis, ciscos, gotículas, tudo nos criva no pé-de-vento que circula cada vez mais ríspido. Somos “O criador dos clubes da luta” vendo prédios caírem em escombros, somos André fervendo no altar da fazenda e Ana vivaz sem uma palavra pronunciada, Ana do bonde a amar o inferno do jardim das delícias onde um cego despreocupado a jogou, GH a nascer das entranhas da barata, a menina que caminhando refaz toda a vila sem pedir licença, os falsários a procurar cunhar seu caminho movente seja dentro de casas sobre caminhões ou tomando diversas pílulas e jogando fotos e talheres para a cidade anônimos, somos Stela com a boca quieta ainda sentada perto de uma mesa preta...⁵⁵ Somos marolas, castelos de areia, bolhas friccionadas, tocas escuras e mato seco, os olhos molhados e duros de todos do beiral, carapaças e macias barrigas, cascos e pinças, nossos dentes em mil bocas e nossos ossos em penas espalhadas... Não há mais folhas e sim um enxame de picotes de papel, pó, vapor d’água, nossos cabelos, conchas e bichos. Imensa a calma mansa dentro do olho do furacão... Uma névoa de nosso caminho rodopiando.

Processo incessante que a máquina de guerra empreende. Transformar-se, encontrar novas armas, fazer outras poses, se agenciar afinal, deslocando-se e se ativando novamente alhures. Ela é movimento de efetivação, questionamento e fuga constante. Fazer a fuga na máquina para que ela escape sempre para outro lugar e, como nós, seja perene transformação. O posicionamento estético a queimar ante nós, tornando-se explosão imensa, riscos de fogo e lampejos em esfera crescente. Reverberando seu

⁵⁵ Imagens múltiplas das obras de nossos autores-arma: Clarice Lispector, Chuck Palahniuk, Raduan Nassar e Stela do Patrocínio.

próprio movimento, livrando-se de sua consistência e embebendo tudo no transcorrer de sua onda de choque. O ar cheio de cores, o vento trançando os raios em trama instantânea. As inócuas paredes da garrafa mensageira esquecida se fazem como borracha transparente, e num amarelo ígneo se ampliam em esfera com rapidez incrível. Imensa, já não vemos suas bordas, seu fundo ou gargalo – ela cresceu ao infinito, se desfazendo, sendo e contendo tudo mais uma vez.

Nuvem cintilante. Uma corrente caótica onde tudo esfarelou em mistura pesada e acelerada. Não se perdeu nada; expandiu-se, perdeu-se o limite e a constituição, e o contágio impele a continuidade da criação. Não mais palpabilidade – agora profusão.

Desmanche. Desaparecemos para ser movimento, uma explosão de energia que nos cria muitos por sobre um mesmo ponto, uma desintegração para efetivar nossa criação incessante... A ventania para não deixar rastro de ancoramento numa ilha isolada, o ar sem rosto a misturar tudo novamente, retornando ao amorfo e pulsante. Tudo evolui, recheando o tufão, intempestivo e frívolo caldo. O movimento que somos, a praia, os bichos, as ondas e os ventos, os cacos de tudo isso onde já não temos mais limites de fronteira... O movimento da vida e da arte numa só vez, um pensamento enérgico dentro das veias, mais um passo e tudo se desmonta pra todo um novo arranjo, balançando na beira paradoxal, pendulantes e enérgicos nessa borda habitável...

Desfecho? Não, recomeço... Movimento...

Sumimos pela radicalidade.

Desaparecemos pelo movimento, nele.

O movimento.

Movimento em...

Movimento



Fig. 2 – Infinita espiral do Náutilus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Caio Fernando. *O ovo apunhalado*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- AGAMBEM, Giorgio. *Homo sacer – o poder soberano e a vida nua*. Tradução de Herique Burigo. – Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.
- ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. Versos íntimos. Martins Fontes. São Paulo, 2000.
- BHARTES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- BRETON, André. *André Breton, 1896-1966. Manifesto Surrealista, 1924*. Tradução Sergio Pachá. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Tradução Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 6ª edição / 2ª reimpressão. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2009.
- CORTÁZAR, Julio. *Histórias de cronópios e famas*. Tradução Glória Rodríguez. 12ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. *Crítica e clínica*. Tradução Peter Pal Pébart. São Paulo, Ed. 34, 1997a.
- _____. *A imanência: uma vida... in: Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência*. Tradução e organização de Jorge Vaconcelos. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1997b.
- _____. *Foucault*. Tradução Claudia Sant'Anna Maritns; revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- _____. *Lógica do Sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995a.
- _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 2*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Cláudia Leão. São Paulo: Ed 34, 1995b.
- _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997a.
- _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5*. 1227 – Tratado de nomadologia: A Máquina de Guerra. Tradução Peter Pal Pébart e Janice Caiafa. São Paulo, Ed. 34, 1997b.
- _____. *Kafka – para uma literatura menor*. Tradução e prefácio Rafael Godinho. Lisboa, Editora Assírio & Alvim, 2003.

_____. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro; Ed. 34 (Coleção Trans), 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução José Gabriel Cunha. Relógio D'água, 2004

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. Vol. 5. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Em defesa da sociedade*. Aula de 17 de março de 1976. Pg 289. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo - Martins Fontes, 1999.

FUGANTI, Luis. *Saúde, desejo e pensamento*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed. : Linha de Fuga, 2008.

GALEANO, Eduardo. *As veias abetas da América Latina*. Tradução Galeno de Freitas, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

HESSE, Herman. *O lobo da estepe*. Tradução de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.

KASTRUP, Virgínia. *Políticas da cognição*. Autopoiese e subjetividade. Revista do Departamento de Psicologia da UFF, v. 7, n.1. 1995.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Laços de Família: contos*. Amor. 27ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

_____. *Um sopro de vida*. Espólio de Clarice Lispector. São Paulo: Círculo do livro S.A., 1978.

NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. 3ª ed. rev. pelo autor de 1989. 15ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Menina a caminho e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Um copo de cólera*. 2ª ed. rev. pelo autor de 1984. 4ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *O império*. Tradução de Berilo Vargas, 8ª edição. Rio de Janeiro. Ed Record, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos, ou, como se filosofa com o martelo*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Ecce homo – como alguém se torna o que é*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PALAHNIUK, Chuck. *Clube da Luta*. Tradução Paulo Reis e Sérgio Moraes Rego. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. *Diário*. Tradução Rytta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. *Monstros invisíveis*. Tradução Paulo reis e Sérgio Moraes Rego. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

_____. *No sufoco*. Tradução Paulo reis e Sérgio Moraes Rego. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. *Canção de ninar*. Tradução Paulo reis. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

_____. *Snuff*. Tradução Paulo reis. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

_____. *Sobrevivente*. Tradução Marcelo Oliveira Nunes. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2003.

PATROCÍNIO, Stela do. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

PELBART, Peter Pál. *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão*. São Paulo: Iluminuras, 2009a.

_____. *Vida capital: ensaios sobre biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2009b.

ROLNIK, Sueli. *A vida na berlinda*. Publicado in Cocco, Giuseppe (org.). *O trabalho da multidão: Império e Resistência* vida na Berlinda. Editora Griphus, RJ, 2002; pp.109-120 e in Trópico. Idéias de Norte a Sul. 25/07/2002

ROSA, João Guimarães. *Primeiras histórias*. A terceira margem do rio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

TIBOLA, Talita. *Redonda me(nte) amarela*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, UFRGS. Orientada pelo prof. Dr. Tomas Tadeu. Porto Alegre.

FIGURAS:

Figura 1: Concha de andarilho, retirada do site: <<http://www.barresfotonatura.com/zoologia/invertebrados-no-artropodos/moluscos/bivalvos/foto/concha-de-peregrino>>, acessado dia 30/07/12.

Figura 2: Infinita espiral do Náutilus, retirada do site: <<http://cheerall.com/picture/1187890>>, acessado dia 30/07/12.

FILMES:

CLUBE DA LUTA (1999) – DAVIS FINCHER. Título original: *Fight club*. EUA, 120’.

O ESTADO DAS COISAS (1983) - WIN WENDERS. Título original: *Der stand der dinge*. Alemanha \ E.U.A. \ Portugal; 1982; 121'; 35mm; p&b; Mono.

OBRAS:

MANZONI, Piero. *Merda d'artista*. 1961.

DUCHAMP, Marcel. *A fonte*. 1917.

DALÍ, Salvador; HALLSMAN, Phillip. *Dalí atomicus*. 1948.

LINKS DE INTERNET:

Link: Carangueijo-decorador: <<http://www.youtube.com/watch?v=MZZ9ZqM9Vak&feature=related>>; acessado em outubro de 2011. E <<http://www.youtube.com/watch?v=uUdnW3u8uo8&feature=related>> acessado dia 13/05/12.

Link: Ave do paraíso: <http://www.youtube.com/results?search_query=Amblyornis+inornata&oq=Amblyornis+inornata&aq=f&aqi=&aql=&gs_sm=e&gs_upl=2752512752510128373111101010101266126612-11110> acessado em outubro de 2011. E <<http://www.youtube.com/watch?v=E1zmfTr2d4c>> acessado dia 13/05/12.

Link: O surfe de pedra em Itacoatiara em Niterói, Rio de Janeiro. <<http://www.youtube.com/watch?v=P8X6DVX4ffI&feature=related>> acessado em 22 de julho de 2011.

Link: Vídeo do artista japonês Katsunori Saito ao som de uma música da cantora Björk *I see Who you are*. <<http://www.youtube.com/watch?v=HCWQovDD2B0&feature=related>>, acessado em 28/05/11.

Link: Entrevista de Clarice Lispector para o programa *Panorama Especial*, da TV Cultura no ano de 1977. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=TvLrJMGIlnF4&feature=related>>, acessado em 02/12/11.

Link: Frame de “O estado das coisas”, Win Wenders. Acessado em 13/05/12: <<http://www.youtube.com/watch?v=3aOjb7TmcfY>>.

Link: Vídeo *O Risco*, de Bernardo Guebara e Renato Andrade: <<http://www.youtube.com/watch?v=atp30mC4AAA>>, acessado em setembro de 2011.

MÚSICAS: Por ordem de citação no texto

(álbum, autor/interprete, ano e faixa)

Ideologia, Cazuza, 1988. Faixa: *Ideologia*.

Ideologia, Cazuza, 1988. Faixa: *Boas Novas*.

Líricas, Zeca Baleiro, 200. Faixa: *Minha casa*.

Movimento, Madreus, 2001. Faixa: *Anseio (fuga apressada)*.

4, Los Hermanos, 2005. Faixa: *O vento*.

Caixa Elis Regina, Elis Regina, 2001. Faixa: *De onde vens*.

Caixa Elis Regina, Elis Regina, 2001. Faixa: *20 anos blues*.

Then was then and now is now – A tribute to Cy Coleman, Fiona Apple, 2009. Faixa: *Why try to change me now*.

Zé Ramalho, Zé Ramalho, 2003. Faixa: *Beira-mar*.

Se o caso é chorar, Tom Zé, 1984. Faixa: *O sândalo*.

Pedras que cantam, Raimundo Fagner, 1991. Faixa: *Pedras que cantam*.

50 anos de chão, Luis Gonzaga, 1996. Faixa: *Sabiá*.

Se o caso é chorar, Tom Zé, 1984. Faixa: *Se o caso é chorar*.

20 super sucessos Zé Ramalho, Zé Ramalho, 2005. Faixa: *Avôhai*.

English Chamber Orchestra, Antonio Vivaldi, 2003. Faixa: *As Quatro Estações, Op. 8, N. 2 RV 315 - 1 - Allegro Non Molto - Allegro – Verão*.

Millenium Cazuza – as 20 melhores músicas do século XX, Cazuza, 1999. Faixa: *Pro dia nascer feliz*.

Secos e Molhados I, Secos e Molhados, 1973. Faixa: *Primavera nos dentes*.

Yes, Morphine, 1995. Faixa: *Sharks*.

The battle of L.A., Rage Against the Machine, 1999. Faixa: *Guerrilla Radio*.

Clandestino, Manu Chao, 1998. Faixa: *Clandestino*.

Goodbye Lenin! Soundtrack, Von Yann Tiersen, 2003. Faixa: *Dishes*.

Zé Ramalho, Zé Ramalho, 2003. Faixa: *Meninas de Albarã*.

Estrangeiro, Caetano Veloso, 1989. Faixa: *O estrangeiro*.

Tem que acontecer, Sérgio Sampaio, 1976. Faixa: *Tem que acontecer*.

Acabou chorare, Novo Baianos, 1972. Faixa: *Mistério do Planeta*.

Selmasongs (Dancer in the dark – music from the motion picture), Björk, 2000. Faixa: *107 steps*.

As cidades, Chico Buarque, 1999. Faixa: *A ostra e o vento*.

Chico 50 anos – O trovador, Chico Buarque, 1991. Faixa: *As vitrines*.

Eu quero é botar meu bloco na rua, Sérgio Sampaio, 1973. Faixa: *Eu quero é botar meu bloco na rua*.

Fábrica do poema, Adriana Calcanhoto, 1996. Faixa: *Por que você faz cinema?*

Alucinação, Belchior, 1976. Faixa: *À palo seco*.

Elis, Elis Regina, 1973. Faixa: *Agnus sei*.

Elis, Elis Regina, 1973. Faixa: *Oriente*.

Refazenda, Gilberto Gil, 1975. Faixa: *Refazenda*.

20 super sucessos, Zé Ramalho, 2005. Faixa: *A terceira lâmina*.

Secos e Molhados I, Secos e Molhados, 1973. Faixa: *Amor*.

The Best of The Doors, The Doors, 1985. Faixa: *Riders on the storm*.

Líricas, Zeca Baleiro, 200. Faixa: *Quase nada*.

Extraordinary machine, Fiona Apple, 2005. Faixa: *Extraordinary machine*.

Drama, Maria Bethânia, 1973. Faixa: *Trampolim*.

At Last, Etta James, 1960. Faixa: *Stormy wheather*.

Mellon collie and the infinite sadness – dawn to dust, The Smashing pumpkins, 1995. Faixa: *Tonight, tonight*.

Cheap Thrills, Janis Joplin, 1968. Faixa: *Piece of my heart*.

Se o caso é chorar, Tom Zé, 1984. Faixa: *Menina, amanhã de manhã (o sonho voltou)*.

Caetano Canta, Caetano Veloso, 1994. Música de Peninha. Faixa: *Sonhos*.

Segundo, Maria Rita, 2005. Música de Paulinho Moska. Faixa: *Muito pouco*.

Doces Bárbaros, Doces bárbaros, 1976. Faixa: *Fé cega faca amolada*.

Minha história, Geraldo Azevedo, 1993. Faixa: *Dia branco*.

Pearl, Janis Joplin, 1973. Faixa: *Get it while you can*.

Lungs, Florence and the Machine, 2008. Faixa: *Dog days are over*.

Bigger, better, faster, now!, 4non blondes, 1992. Faixa: *What´s up*.

Marinheiro só, Clementina de Jesus, 1973. Faixa: *Marinheiro só*.

The battle of L.A., Rage Against the Machine, 1999. Faixa: *Sleep now in the fire*.

Fight club original motion picture soundtrack, The Dust Brothers, 1999. Faixa: *This is your life*.

Heart in a Cage B-sides, The Strokes, 2006. Faixa: *I'll try anything once (you only live once DEMO)*.

A arte de Maria Bethânia, Maria Bethânia, 1992. Música de Chico Buarque. Faixa: *Bom conselho*.

Trilha sonora do filme “Lavoura Arcaica”, Uakti, 2001. Faixa: *Ya Babour*.

Maior abandonado, Barão vermelho, 1984. Faixa: *Maior abandonado*.

Labiata, Lenine, 2008. Faixa: *É o que me interessa*.

Vespertine, Björk, 2001. Faixa: *Sun in my mouth*.

Ocean´s eleven soundtrack, The Philadelphia Orchestra, 2001. Faixa: *Claire de lune*.

Os Grandes Sucessos de Astor Piazzolla, Astor Piazzolla, 1996. Faixa: *Fracanapa*.

Led Zeppelin IV, Led Zeppelin, 1971. Faixa: *Rock and Roll*.

Medúlla, Björk, 2004. Faixa: *Desired constellation (versão diferente do álbum original)*.

Diurno, AVA, 2010. Faixa: *Movimento dos barcos*.

ANEXO 1

Reino dos bichos e animais é o meu nome e Dali Atomicus: onde estão?

Em risco...

Gabriel de Castro Augusto Alvarenga⁵⁶

Engraçado ouvir os comentários de nossos companheiros. O compromisso tranquilo de falar de arte e então a idéia de que: se estamos a supor da arte, que tal suportá-la enfim? Alguns frames fotográficos e páginas de um livro, e o encontro se fez inusitado de beleza não suposta.

Juntos pra pensar obras de arte, puxando delas um traço de composição, e daí trazer o mais radical disso tudo, a persistência da ruptura. De que me serve a arte afinal? A paixão por ter a arte sempre perto demais fez da curiosidade uma sina. Mais uma vez trazemos os pedaços, os inteiros ajuntados em recortes imprecisos de fotografias e trechos literários pra nos ajudar a pensar. Ajudar? É pela violência que se faz esse encontro, violência de nos arrastar para lugares inimagináveis, e sempre de novo, e de novo, e de novo, cada vez que nos aproximamos de tais artefatos. É sempre pela rasteira que somos pegos por tais coisas, assim – diferentes que se fazem a cada vez. Uma brochura de poesias, fotos impressas, e onde será que fica o fino fio que as liga? O que percorre esses pólos imprecisos que ajuntamos à revelia? O que se faz nesse intervalo que não sabemos, mas suspeitamos feito bicho em espreita?

Pedaços de papel que tinham como única diferença inicial a escolha de um conter algumas letrinhas organizadas em frases que se ajuntavam feito verso na fixação da fala

⁵⁶ Esse texto surge de um dos encontros do curso de extensão *A vida como obra de arte: a produção do comum*, realizado em conjunto pelos mestrados Diego Arthur Lima Pinheiro e Gabriel de C. A. Alvarenga, e a doutoranda Talita Tibola, estudantes do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFF. Surge dos “encontrões” da reunião realizada no dia 20/09/11, de todas as falas e composições que realizamos com a turma, interferências coletivas e polifônicas. No encontro e também durante esse texto utilizamos como nossos artefatos o livro *Reino dos bichos e animais é o meu nome* de Stela do Patrocínio, diversas fotos de Salvador Dalí e Phillpe Halsman (nos utilizamos de diversas fotografias, mas no texto focamos a foto *Dali Atomicus*) e o vídeo de Bernardo Gebara e Renato Andrade *O Risco*. Indispensável para a entrada nesse texto o contato com as obras citadas. Faz-se com elas, vem delas e retorna, sem cessar.

já transcrita de uma gravação feita nos anos 1980 da boca de uma mulher; e os outros que decidiram fazer da tinta um pontilhado bem fino que formava a imagem transcrita de uma fotografia da década de 40 do mesmo século com um senhor em salto, um lance de água, uma pintura também suspensa, cavalete-banquinho-cadeira em vôo e alguns gatos em queda iminente.

A proposta era a de trazer, enfim, as obras de arte de que tanto falamos na semana anterior para ajudar, quem sabe, numa melhor “visualização” dos conceitos e considerações que estávamos fazendo sobre Deleuze & Guattari e arte. As escolhas se fizeram numa desatenção de razão de ser, e recortamos pedaços de nossa poetisa pulsante Stela do Patrocínio – com a escolha de alguns de seus trechos contundentes –, e também algumas fotos de Salvador Dalí e Phillippe Halsman – fotografias surreais de grande precisão e estonteamento. Pensamos em, pelo uso delas, procurar dar certa concretude a entendimentos de nossos filósofos sobre a Arte. Partimos de suas considerações sobre a arte como um exercício do pensamento. Pensamento esse que sempre se faz por *ruptura*, por traçar linhas de fuga por sobre o que já está “estabilizado”, e trouxemos a arte como arma escolhida. Retornamos sempre nessa consideração da arte como *arma*, pois dentro de nossas discussões encontramos nosso combustível em sua destreza, força, displicência, poder de explosão, para cortar nossa vida arrefecida e nosso pensamento replicado.

Grande foi nosso desvio quando, no discutir com a turma que compõe nosso curso de extensão, as falas iam - numa forma até taxativa – realizando distinções entre nossos artistas. Sem má intenção; alguma. Mais como um velho hábito de dizer das impressões primeiras, na busca sempre do fechamento de tais *agregados sensíveis* em lugares que talvez não nos perturbem tão fortemente. A busca de qual seria o meu objetivo (pois estava com a tarefa de disparar o encontro anterior e este o qual relato) ao trazer pontos tão bizarramente justapostos, talvez essa a primeira entrada do pessoal. Para todos deveria haver qualquer vil intenção, uma *charada*, para que Dalí e Stela fossem apresentados dessa forma. De início não houve uma explanação ao apresentar à turma as folhas de papel, somente uma proposição de entrar em contato e daí falar sem muito cuidado. Mais uma provocação, dito melhor.

O mestre de toda a fantasia inusitada, o impossível e alegórico de Surrealismo a se fazer como peça de humor de câmara. A pele dura e maltratada do cotidiano aplacado a pesar em denúncia e desespero cada frase da enlouquecida. A arte do inusitado carnavalesco frente o relato queixoso de uma realidade assim tão crua.

É, chegamos mesmo a suspeitar que uma ligação mais rasa fosse possível talvez, que de primeira hora as coisas se fizessem assim mesmo, de tal forma que não podíamos negar as linhas duras e espessas na superfície. Sim, tratamos do fantástico onírico; sim sentimos e crueldade diária de uma vida encarcerada. Mas e aí? Mais fundo. Talvez até mais raso mesmo. Precisávamos cavar mais, pois estas ligações um tanto quanto apáticas não satisfaziam o desafio de tais páginas.

Chegávamos talvez a outras dimensões. Desprendiam-se Salvador da tinta preta, não era mais ele, nem gatos tão somente, o balde de água fria firmava prumo e permanecia intacto no ar. Crescíamos por sobre as palavras da boca de Stela traduzida pelo menos duas vezes, não era nem nosso corpo mais que se fazia de outro jeito em tais explosões. A cadeira teimava em voar ao nosso redor deixando cada vez mais de ser cadeira, ganhando consistência de outra coisa, um peso diferente. Percorriamos da Voluntários da Pátria à Central do Brasil num olhar suposto que via o cotidiano que ele mesmo erguia dessa forma incrivelmente leve e caudalosa. As imagens se fundiam, nos levando ao mais íntimo de cada ponto da foto antiga, nos desfazendo nos gases que formavam o corpo rico que portamos agora pelos versos lidos em voz alta. E daí era numa perdição gostosa e excitada que fomos cadenciando. Em salto, fincamos; sozinhos, encontramos a boa companhia. Braços diversos e a pele dura de chifre, e olhos que adoramos alimentar até o infinito que nosso corpo suportar. Gotícula de água, areias a nos formar. Prenhidão.

E foi num riso coletivo, numa felicidade amedrontada que fomos daí riscar a cidade, nessa incrível fantasia de ser um homem de pedra na mão. A exibição do vídeo *O Risco* de Bernardo Gebara e Renato Andrade foi planejada como um fechamento desse bloco de nosso curso. Tal pretensão bloco se erguia num percorrer da vida como obra de arte, e trazer o vídeo talvez tenha se dado na forma mais concreta e instantânea de seu conteúdo; talvez aqui buscássemos mesmo fazer de tal obra um apoio tanto mais concreto para nossas elucubrações. Mas dentro daquela transformação completa de nós

todos dentro das valas e fissuras que já havíamos ganhado com Stela e Dalí, já não importavam tanto mais palavras como *exemplo*, *conceito*. Nova ruptura, nova composição. Onde mora, então, Mauro⁵⁷? A cidade, a poesia, seus pés sujos, as falas carinhosas de seus companheiros de esbarrão, sua pedra, os muros, tudo perdendo completamente sua concretude, ganhando essa outra consistência que estávamos a forjar no fluxo anterior. Não há nada senão esse riscar sonoro que vibra em todas as direções. Ele, a pedra, e todo o mundo em ressonância só existem ali, no ínfimo e pungente atrito da ponta da rocha com a cal das paredes. Estamos todos dentro desse estalar de arestas, junto com o pó que espoca, soltos no som constante, sendo firmes na não existência que só se faz ali nesse interstício irreal. Acho que encontramos a ligação, curioso ver o tamanho desse vão imenso que parece ligar tudo e todos numa vez.

Ficção. Tudo ficção. Que importa se somos a tinta no pincel de um espanhol que ergue o impossível ou o hálito de uma mulher que força sua passagem nos corredores mais duros do mundo. É suposto, tudo novo suposto, e sendo novamente, e de novo, num local onde perdemos o chão e a forma das verdades e concretudes, e também de onde arrastamos com mão pesada a superfície nescada do sonho estático. Tudo ficção. Chegamos ao ponto onde encontramos a vil ligação de nossas páginas, onde as possibilidades que eles irrompem em nós ganham também seu ânimo de infinitude, onde a expansão é condição e a falta de limite maldição. E isso também a colocar nossas concretudes, modos e maneirismos de vida na mesma consideração: a ficção que se faz um cada um daquela sala. Até onde a minha é obra de arte? Sou porque invento, ficciono, e isso não é falsear, mas fabular. A fabulosa vida possível em cada caminho que se faz em nós, em nossas diversas conexões e escapes, em nossas decomposições e criações. A vida e a arte nesse elo, a ficção nos dando a medida radical de ser mais potente. E regozijo é o que pinta as bocas de todos. E de novo, novamente, nova mente,

⁵⁷ Mauro é o personagem disparador do vídeo. Temos poucas informações sobre ele, estas mesmo não dadas pelos autores do vídeo. Só sabemos que Mauro “é andarilho de rua, segundo depoimentos, desde 1994 e adquiriu o hábito de riscar muros desde 2001”. O vídeo não busca colher um depoimento dele ou mesmo buscar explicações sobre seu comportamento de riscar os muros da cidade por onde passa. Há diversas imagens dele em seu trajeto, algumas entrevistas de pessoas que compõem esse “caminho” e um relato escrito por Bernardo Gebara. Não queremos também realmente saber onde mora Mauro, essa é mais uma ruptura nesse nosso caminho. <http://www.youtube.com/watch?v=atp30mC4AAA>, acessado em setembro de 2011.

outra mente, nova mentira. Pois é, o que esperávamos, são artefatos, arte *factos*, fatos artísticos, *factuns* arteiros.

Eu, os outros, Salvador, Stela, o mundo inteiro dentro da mentira boa, da simulação possível, da crueza forjada do tempo, no pulverizar de nossas pré-suposições que nos dá o calor e o contato de inventar.

Fagulha; é aí que sempre estamos. Ainda bem.

ANEXO 2

Do POSICIONAMENTO ESTÉTICO e sua TETRAVALENTIA

